

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**  
**CURSO DE LETRAS-TRADUÇÃO**

***THE ECONOMIST*: UMA TRADUÇÃO FUNCIONALISTA  
DO CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO BRASILEIRO  
(2009–2016)**

**GREGORY ROSA**  
**BRASÍLIA-DF**  
**JUNHO DE 2017**

GREGORY ROSA

***THE ECONOMIST*: UMA TRADUÇÃO FUNCIONALISTA  
DO CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO BRASILEIRO  
(2009–2016)**

Trabalho apresentado à Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Letras-Tradução-Inglês, sob orientação da Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden.

BRASÍLIA-DF  
JUNHO DE 2017

GREGORY ROSA

***THE ECONOMIST: UMA TRADUÇÃO FUNCIONALISTA  
DO CENÁRIO POLÍTICO-ECONÔMICO BRASILEIRO  
(2009–2016)***

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Alessandra Ramos de Oliveira Harden  
Orientadora

---

Profa. Dra. Cristiane Roscoe Bessa  
Avaliadora

---

Profa. Dra. Rachael Anneliese Radhay  
Avaliadora

## RESUMO

O objetivo central deste trabalho consiste em apresentar uma proposta de tradução para o português do Brasil de dez artigos do jornal inglês *The Economist* que analisaram o cenário político-econômico do Brasil entre 2009 e 2016. Com base na teoria funcionalista e nos escritos de Katharina Reiss (1984; 1996; 2000), Hans Vermeer (1984; 1996; 1986; 2004) e Christiane Nord (1996; 1997; 2001; 2006; 2009) pretende-se por meio deste estudo demonstrar como melhor podemos transmitir a função do texto-fonte para o texto-alvo em publicações jornalísticas. Buscou-se, por meio de uma revisão de literatura identificar os conceitos teóricos que podem ajudar a esclarecer essa dificuldade. Como resultado, verificou-se que a ‘encomenda da tradução’ e os conhecimentos linguísticos e culturais do tradutor são os fatores principais para alcançar a função esperada no texto traduzido.

**Palavras-chave:** *The Economist*; cenário político-econômico brasileiro; funcionalismo; encomenda da tradução.

## ABSTRACT

The prime purpose of this work is to present a translation proposal into Brazilian Portuguese of ten articles from The Economist newspaper which analyzed the political and economic scenario of Brazil between 2009 and 2016. Based upon the Functionalist theory and on the works from Katharina Reiss (1984; 1996; 2000), Hans Vermeer (1984; 1996; 1986; 2004) and Christiane Nord (1996; 1997; 2001; 2006; 2009), the study seeks to show how to better convey the function of journalistic texts from the source text to the target text. Thus, the aim was that through a desk review we could find theoretical concepts to clarify the aforementioned inquiry. As a result, it was verified that both the *translation brief* and as well as the translator's linguistic and cultural knowledge are the most important factors to achieve the desired function in the translated text.

**Keywords: The Economist; Brazilian political and economic scenario; Functionalism; Translation brief.**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Roseli Rosa por nunca ter medido esforços para me dar a melhor educação possível e por sempre ter sido muito exigente e me incentivado a alcançar meu potencial pleno. Você é uma mãe e tanto, um exemplo de perseverança, honestidade e amor incondicional.

Agradeço ao meu pai por em muitos momentos financiar os meus sonhos e me ensinar que não há limites para as minhas conquistas. Mesmo longe, o seu racionalismo e determinação me ajuda a ser cada dia mais centrado em meus objetivos.

Obrigado Nathasja Palovei, o meu amor, por estar sempre disposta a me escutar, me dar carinho e me esperar. Você me faz uma pessoa melhor.

Agradeço a minha chefe no Centro de Excelência contra a Fome do Programa Mundial de Alimentos (ONU), Albaneide Peixinho, por ser flexível com meus horários desde quando começamos a trabalhar juntos no último ano e principalmente por me dar esta oportunidade única de trabalho. Sou muito grato também a todos os meus colegas da ONU que ao compartilharem os seus conhecimentos acadêmicos e suas experiências profissionais constantemente me ajudam a atingir um outro patamar de excelência. As suas dicas foram essenciais para eu fazer este projeto final de curso. Os ensinamentos que estou tendo neste trabalho valem tanto quanto um diploma universitário, obrigado!

Sou grato a todos os meus alunos particulares de inglês, desde quando comecei a dar aula em 2011 com 17 anos, que confiam no meu método de ensino e no meu conhecimento. As suas histórias de sucesso, suas posições proeminentes e suas dicas de vida sempre me motivam e enchem meus olhos de esperança. Felizmente muitos de vocês se tornaram mais que alunos, mas amigos.

Obrigado Coronel Mamman Galadima, por me dar a honra de assisti-lo em atividades diplomáticas e de ensiná-lo português quando exercia a função de Adido Militar na Embaixada da Nigéria. Foi trabalhando para você que adquiri experiências profissionais preciosas que me ajudam no meu trabalho hoje em dia.

Sou grato a todos os envolvidos que me deram a chance de fazer eventos internacionais no Itamaraty ao longo do ano de 2012, meu tempo naquele Palácio foi o

catalizador para eu procurar ter experiências internacionais e ser ávido por ter um pouco de conhecimento sobre tudo.

E muitíssimo obrigado a minha querida professora e orientadora Alessandra Harden que por buscar a primazia na academia me ensinou a ser um melhor aluno: humilde, determinado e crítico. Agradeço a todos os outros professores de Tradução e também os professores de Relações Internacionais, Direito e Economia – que me receberam de braços abertos em suas turmas – pois, de uma forma ou de outra, os seus ensinamentos foram fundamentais para o resultado final desta monografia.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Capa da edição de 14-20 nov 2009 do jornal <i>The Economist</i> .....	14,16
<b>Figura 2:</b> Capa da edição de 28 set-4 out 2013 do jornal <i>The Economist</i> – “Has Brazil blown it” .....	15,17
<b>Figura 3:</b> Capa da edição de 18-24 out 2014 do jornal <i>The Economist</i> – “Why Brazil needs change” .....	18
<b>Figura 4:</b> Capa da edição de 28 fev-6 mar 2015 do jornal <i>The Economist</i> – “Brazil’s quagmire” .....	20
<b>Figura 5:</b> Capa da edição de 2-8 jan 2016 do jornal <i>The Economist</i> – “Brazil’s fall” .....	21
<b>Figura 6:</b> Capa da edição de 26 mar-1 abr 2016 do jornal <i>The Economist</i> – “Time to go” .....	22
<b>Figura 7:</b> Capa da edição de 23-29 abr 2016 do jornal <i>The Economist</i> – “The betrayal of Brazil” .....	15,23
<b>Figura 8:</b> Reportagem de 11 fev 2016 “Morgan Stanley pagará US\$ 3,2 bi para pôr fim a processos ligados à crise financeira” (REUTERS) .....	92
<b>Figura 9:</b> Reportagem de 18 dez 2015 “Nelson Barbosa substitui Joaquim Levy na Fazenda” (CARTA CAPITAL) .....	93
<b>Figura 10:</b> Reportagem de 14 mar 2012 “O problema dos negócios de Eike Batista é mais embaixo” (EXAME) .....	94
<b>Figura 11:</b> Reportagem de 30 dez 2015 “Dilma paga pedaladas até de 2015 para enfraquecer argumento do impeachment” (EL PAÍS) .....	111
<b>Figura 12:</b> Reportagem de 17 out 2014 “Por votos, Dilma e Aécio prometeu mais do que podem cumprir” (EL PAÍS) .....	119
<b>Figura 13:</b> Reportagem de 4 jul 2014 “Revista Carta Capital admite apoio a Dilma e ao PT” (FOLHA POLÍTICA) .....	119



<b>Figura 14:</b> Reportagem de 16 jun 2017 “Carta aberta ao presidente Temer” (FOLHA DE SÃO PAULO) .....	120
<b>Figura 15:</b> Reportagem de 6 fev 2015 “Suspeita de crime financeiro ronda o sucessor de Graça Foster” (EL PAÍS) .....	120
<b>Figura 16:</b> Banner da campanha eleitoral de Lula .....	121

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
METODOLOGIA.....	10
CAPÍTULO 1 – THE ECONOMIST .....	12
1.1 Breve histórico .....	12
1.2 Jornal ou revista? .....	13
1.3 Os artigos – O porquê das escolhas .....	14
1.3.1 Síntese dos artigos.....	15
1.3.1.1 O Brasil decola.....	16
1.3.1.2 O Brasil estragou tudo?.....	17
1.3.1.3 Lições de um Armageddon no futebol .....	17
1.3.1.4 Por que o Brasil precisa mudar.....	18
1.3.1.5 O “petrolão” .....	18
1.3.1.6 Tempestade à vista .....	19
1.3.1.7 Em um atoleiro.....	19
1.3.1.8 A queda do Brasil.....	20
1.3.1.9 Hora de ir.....	21
1.3.1.10 A grande traição .....	22
CAPÍTULO 2 – O JORNALISMO NA TRADUÇÃO: ESCLARECENDO ALGUNS CONCEITOS.....	24
2.1 A autoria institucional.....	24
2.2 Os gêneros do jornalismo .....	26
2.3 The Economist e a linguagem jornalística.....	28
CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	31
3.1 O funcionalismo.....	31
3.2 A teoria de skopos.....	33
3.3 O propósito comunicativo.....	34
3.4 Framework da teoria funcionalista .....	35
CAPÍTULO 4 – REFLEXÕES QUANTO À TRADUÇÃO.....	37
4.1 A encomenda de tradução (Übersetzungsauftrag ou translation brief).....	37
4.2 Diário do tradutor: texto original/tradução e principais reflexões do processo tradutório.....	38
Texto 1 – O Brasil decola.....	38
Reflexões do processo tradutório .....	46
Texto 2 – O Brasil estragou tudo?.....	47
Reflexões do processo tradutório .....	54

Texto 3 – Lições de um Armageddon no futebol .....	56
Reflexões do processo tradutório .....	61
Texto 4 – Por que o Brasil precisa mudar .....	62
Reflexões do processo tradutório .....	69
Texto 5 – O “petrolão” .....	72
Reflexões do processo tradutório .....	74
Texto 6 – Tempestade à vista .....	76
Reflexões do processo tradutório .....	82
Texto 7 – Em um atoleiro .....	84
Reflexões do processo tradutório .....	92
Texto 8 – A queda do Brasil .....	94
Reflexões do processo tradutório .....	101
Texto 9 – Hora de ir .....	102
Reflexões do processo tradutório .....	109
Texto 10 – A grande traição .....	111
Reflexões do processo tradutório .....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	122
REFERÊNCIAS .....	124
ANEXO – TEXTOS .....	131

## INTRODUÇÃO

*The greatest obstacle of international understanding is the language, [and all its nuances]* (Christopher Dawson)

Recentemente, na última década, como jamais visto antes, o Brasil passou por mudanças políticas e econômicas com uma rapidez impressionante. Depois da crise financeira de 2007–2008, o país ganhou os holofotes do cenário econômico mundial graças ao pouco impacto que sofreu se comparado com as grandes potências mundiais. O clima de otimismo reinava no país que antes era internacionalmente reconhecido principalmente pelo seu futebol e carnaval. Os brasileiros estavam satisfeitos com sua classe política e confiantes de que finalmente o Brasil atingiria seu pouco aproveitado potencial econômico.

No entanto, infelizmente, o país não correspondeu às expectativas de crescimento do mercado, dos vários atores internacionais e, sobretudo, da sua população. O jornal inglês *The Economist* conseguiu retratar bem estes dois momentos: a ascensão e a queda do cenário político e econômico do Brasil. Estampou em sua capa de novembro de 2009 a manchete “O Brasil decola” (“*Brazil takes off*”), fazendo alusão ao bom momento do país. Já em setembro de 2013, a manchete principal foi “O Brasil estragou tudo?” (“*Has Brazil blown it?*”).

Portanto, no presente trabalho traduzi para o português do Brasil dez artigos da publicação inglesa sobre a situação político-econômica brasileira. Ao traduzir textos jornalísticos, é necessário compreender o processo tradutório inserido em um contexto real, em que variáveis como cultura, público-alvo, valores, enfim, características externas ao texto, exercem grande influência. Geralmente, a função principal dos textos jornalísticos é informar o leitor sobre determinado conteúdo. Nesse sentido, a tradução desse tipo de texto não deve ser diferente, ou seja, tem de ser vista como uma ação comunicativa.

De modo geral, são as teorias funcionalistas que melhor legitimam esse viés nos estudos da tradução, pois priorizam a função e o propósito das manifestações textuais, operando no sentido de atender demandas (SANTOS; GOROVITZ, 2013). No entanto, a questão de como descobrir se a função de um texto se resume a seu caráter informativo e como melhor transmitir a função do texto-fonte para o texto-alvo ainda permanece sem respostas claras.

Nesse campo de estudos, há uma predominância da tradução e da análise do processo tradutório de textos literários e, por isso, neste trabalho, visei subsidiar futuras discussões voltadas para a tradução funcional, isto é, para a tradução pragmática. Logo, esta pesquisa objetiva, por meio de uma revisão de literatura, sustentar e comprovar, portanto, o processo tradutório de textos jornalísticos como uma atividade funcional – sujeita a demandas específicas, bem como analisar as escolhas linguísticas feitas na tradução a fim de examinar os ganhos e as perdas das minhas decisões. Além de estimular uma futura discussão sobre a hierarquia das funções desse tipo de texto. Apesar de a tradução como ação comunicativa ainda não ter sido muito explorada por teóricos, a maioria das traduções profissionais para os meios midiáticos deste século são feitas nesse molde.

Dessa maneira, busquei realizar a tradução – segundo os moldes funcionalistas – de artigos selecionados do jornal inglês *The Economist* sobre a situação política e econômica do Brasil, especialmente os que viraram manchete no período de 2009 a 2016. Cabe ressaltar que o foco desta monografia não é estudar o conteúdo das informações ou o perfil dos tomadores de decisão brasileiros e apontar os fracassos e sucessos, mas investigar a tradução dos artigos em si.

Dentre as sete manchetes traduzidas, três delas foram fundamentais para determinar o recorte cronológico deste trabalho. Na primeira capa, datada de 14 de novembro de 2009, o Cristo Redentor aparece “decolando” do Corcovado. O título da manchete é “O Brasil decola”, reiterando, assim, o bom momento político e econômico do país. A segunda, publicada em setembro de 2013, faz alusão à capa anterior, mas com o Cristo Redentor “caindo”. A pergunta que acompanha a imagem é “O Brasil estragou tudo?”, fazendo referência ao início do declínio do país. A terceira capa ilustra a mesma estátua, agora em sua posição original, segurando uma placa com os dizeres “S.O.S.”. A manchete é “A grande traição do Brasil”.

Além dos artigos em que o tema “Brasil” apareceu como capa do *The Economist*, foram considerados para serem traduzidos mais três artigos de crucial importância para o entendimento do cenário político e econômico do país, datados entre 14 de novembro de 2009 e 23 de abril de 2016. O primeiro deles, intitulado “Lições de um *Armageddon*”, tem como pano de fundo a derrota do Brasil por 7x1 para a Alemanha. O segundo artigo deixa claro em seu título o tema abordado: “O petrolão”, ou seja, o escândalo de corrupção envolvendo a Petrobras. Já o último artigo, intitulado “Tempestade à vista”, desenhcou o

futuro cenário político-econômico do Brasil entre o momento da publicação e a última manchete traduzida neste trabalho.

No primeiro capítulo, busquei dar um panorama geral do semanário inglês *The Economist* e dos artigos trabalhados – um breve histórico do jornal, o porquê caracterizei a publicação como um jornal e não como uma revista e por fim uma síntese e análise dos textos. No segundo capítulo visei introduzir alguns conceitos e características do jornalismo, pois interagir com a área de conhecimento dos textos analisados e traduzidos é o catalizador para se ter um produto final adequado. Nesse capítulo também abordamos quais são os princípios que norteiam a linguagem do *The Economist* e quais são as diretrizes de um texto jornalístico brasileiro bem escrito. No terceiro capítulo analisei de forma sucinta a teoria da tradução basilar do trabalho e destaquei alguns dos pontos da teoria funcionalista que guiaram o ato tradutório. Por fim, no último capítulo, intitulado “Reflexões quanto à tradução”, procurei fazer um relato pessoal de quais foram os desafios centrais ao se traduzir os artigos selecionados. É nesse capítulo também que se encontra a “encomenda da tradução”, documento fundamental que guiou as decisões do processo tradutório e os textos originais, os traduzidos e as reflexões sobre o processo tradutório de cada artigo.

## METODOLOGIA

O primeiro passo para elaborar este trabalho foi a escolha dos artigos do jornal inglês *The Economist*. Por ser uma publicação que faz parte da minha leitura semanal, foi uma tarefa difícil selecionar quais artigos entrariam neste meu projeto de tradução, a fim de manter uma unidade coerente de temas. Uma vez sanado esse problema, voltei minha atenção para a análise do jornal, buscando saber mais sobre a história, a orientação política, o perfil editorial, a circulação, as características e a estrutura, bem como sobre os proprietários do *The Economist*.

Após essa etapa inicial, assinalei as dúvidas, as palavras desconhecidas e os pontos que exigiriam esclarecimentos posteriores, pois poderiam prejudicar a compreensão da mensagem do texto. Após essas três etapas, procurei solucionar as dúvidas assinaladas, por meio de uma revisão de conceitos de política, economia, relações internacionais e áreas afins. O uso de dicionários monolíngues e bilíngues também foi frequente, já que a maioria das dúvidas, ao longo do processo tradutório, diziam respeito a vocabulário. Ao fazer isso, pude conhecer o sentido dos termos desconhecidos e verificar seu significado no contexto. Esses processos me forneceram subsídios para realizar o quinto passo que foi fazer uma análise mais detalhada do texto, identificando como o jornal abordou cada tema, para então depreender quais eram as ideias centrais e secundárias dos artigos trabalhados.

Nas etapas anteriores tive a preocupação de ser um ouvinte do texto, sempre tendo a “encomenda de tradução” em vista. Segundo Severino (2007, p. 43), interpretar é:

[...]tomar uma posição própria a respeito das ideias enunciadas, é superar a estrita mensagem do texto, é ler nas entrelinhas, é forçar o autor a um diálogo, é explorar a fecundidade das ideias expostas, é cotejá-las com outros, é dialogar com o autor.

Todo tradutor é um leitor, assim, para que o leitor entenda o que leu, é necessário interpretar o texto. Dessa maneira, é essencial que o tradutor faça o mesmo antes de iniciar qualquer processo tradutório. Portanto, após minha análise interpretativa do texto, fiz uma extensa revisão bibliográfica das principais teorias funcionalistas de tradução, mas também das do jornalismo para descobrir quais dessas diversas correntes teóricas seriam as melhores

para orientar meu processo tradutório, já que minha “encomenda de tradução” estava voltada para a tradução como um processo comunicativo.

Por fim, fiz várias revisões voltando sempre a “encomenda” e as teorias que embasam a tradução como um propósito comunicativo e funcional. Após cada tradução analisei os resultados obtidos e retraduzi os trechos caso não tenham ficado como o demandado por meu “cliente”. Ao fim desse contínuo processo, sistematizei algumas dessas análises para inserir no capítulo “Reflexões quanto à tradução”. É verdade que muitas das traduções foram descartadas e não utilizadas neste trabalho, pois optei por colocar apenas a tradução final de cada artigo. No entanto, considerei que os problemas mencionados e as traduções colocadas aqui foram suficientes para demonstrar a proposta tradutória assumida – uma vez entendido o cerne da teoria funcionalista nos estudos da tradução – e para enfim tecer conclusões gerais sobre as posições adotadas neste meu processo tradutório.



## CAPÍTULO 1 – *THE ECONOMIST*

O conhecimento textual é um requisito básico para o leitor/tradutor. Além disso, é uma das condições para que haja a compreensão da leitura do texto-fonte e, conseqüentemente, do texto traduzido. Somado a isso, quanto mais familiaridade o tradutor tiver com o produtor do texto, seja uma instituição, seja um autor individual, mais facilidade ele terá em realizar um trabalho condizente com a demanda tradutória. Como um leitor, o tradutor deve analisar, sintetizar e interpretar o texto, para melhor passar ao leitor do texto-alvo a mensagem do texto-fonte. Portanto, este capítulo visa dar um breve panorama sobre o jornal *The Economist*, explicar por que tratamos a publicação como jornal e não como revista, fazer um breve relato sobre os motivos por trás da escolha dos textos deste trabalho e por fim elaborar um resumo e análise dos artigos trabalhados.

### 1.1 Breve histórico

Fundado por James Wilson, em 1843, para apoiar o liberalismo, o jornal *The Economist* é uma publicação de opinião resoluta que busca sempre honrar os fatos. É reconhecida como uma das publicações jornalísticas mais confiáveis [e influentes] do mundo<sup>1</sup>. Editado em Londres desde então, o jornal é uma publicação semanal que trata de notícias internacionais e econômicas, oferecendo reportagens, comentários e análises sobre temas atuais, economia, finanças, ciência e tecnologia, cultura, sociedade, mídia e artes. Como podemos observar em seu índice, o objetivo do *The Economist* é “participar de um debate entre a inteligência, que avança, e a indigna e covarde ignorância que obstrui o progresso”<sup>2,3</sup>.

---

<sup>1</sup>“Founded in 1843 to support the cause of free trade, *The Economist* is and always has been a publication of sometimes radical opinion with a reverence for facts. It is firmly established as one of the world's most authoritative and influential publications”.

<sup>2</sup> “The Economist's goal is to take part in a severe contest between intelligence, which presses forward, and an unworthy, timid ignorance obstructing our progress”.

<sup>3</sup> “The Economist was founded in 1843 by Scotsman James Wilson with assistance from the Anti-Corn Law League as a voice against England's Corn Laws, regulations governing the import and export of grain. Wilson's son-in-law Walter Bagehot, who served as editor of *The Economist* from 1861 to 1877, expanded the publication's coverage into politics and strengthened its focus on U.S. affairs (Bagehot's name continues to grace the publication, in the name of the column at the end of the section on Britain). In the early 20th century, *The Economist's* socially and politically prominent editor Sir Walter Layton (1922–38) was influential in establishing the publication as an authority. By 1938 half *The Economist's* sales were overseas. Layton's successor, Geoffrey Crowther (1938–56), thus continued to expand its foreign affairs and business coverage. The magazine's in-depth coverage of the Pearl Harbor attack in 1941 and the subsequent heavy focus on the United States led to a continual increase in American readership, which rose sharply in the 1970s. During the late 20th century the publication continued to expand its coverage to other areas, including the arts and book reviews. In the early 21st century *The Economist* was completely redesigned to provide enhanced features such as enriched navigational information, full-colour editorial layouts (2001),

## 1.2 Jornal ou revista?

O jornal é considerado um veículo impresso, de tiragem regular, com periodicidade definida, que se apresenta em folhas soltas arrumadas em cadernos. Os jornais são produzidos, tradicionalmente, nos formatos *standard*, tabloide<sup>4</sup> e intermediários. Por sua vez, a revista é considerada uma publicação com periodicidade semanal, quinzenal, mensal, bimestral ou trimestral, grampeada em canoa<sup>5</sup> ou em brochura com lombada<sup>6</sup>, que trata de interesse especializado. A denominação “revista” compreende os *magazines* e as *reviews* ou *journals*, que são publicações sobre temas especializados – geralmente técnicos ou científicos (LAGE, 2006).

O *The Economist* se considera mais um jornal que uma revista. Seu objetivo é ser um abrangente jornal semanal de assuntos globais e não ser focado em temas específicos. Pelo fato de o *The Economist* ser produzido seguindo o cronograma de um “jornal de domingo”, os eventos que acontecem em uma quinta-feira podem ser incluídos na edição de sexta-feira. Por esse motivo, neste trabalho, o *The Economist* é considerado um jornal, e não uma revista (*magazine*), pois, apesar de ter a aparência desta última, segue a função do primeiro<sup>7</sup>.

---

*andan online audio version (2007). In 2009 The Economist had an international circulation of more than one million, with American readership accounting for more than half the total”.*

<sup>4</sup>Gráfica jornalística: diz-se de ou jornal, caderno ou suplemento que tem cerca da metade do tamanho padrão dos jornais habituais (HOUAISS, p.1081)

<sup>5</sup>O método canoa de encadernação consiste em grampear as folhas, sendo utilizado principalmente em revistas. Nesse tipo de encadernação, o miolo se prende à capa por meio de grampos. Não é muito indicado para volumes com muitas páginas nem para papéis de alta gramatura, pois isso dificulta a dobra e prejudica o acabamento. Disponível em: <<https://www.futuraexpress.com.br/blog/quais-os-tipos-de-encadernacao/>> Acesso em: 28 de maio de 2017.

<sup>6</sup>Tipo de acabamento no qual o produto recebe uma cola quente que fixa as páginas e a capa, onde fica a costura das folhas. É oposto ao corte da frente, mantendo as folhas do livro unidas. É recomendado para impressos a partir de 60 páginas. Disponível em: <<https://www.futuraexpress.com.br/blog/quais-os-tipos-de-encadernacao/>> Acesso em: 28 de maio de 2017.

<sup>7</sup>“*In August 1843 when James Wilson, a Scottish hatmaker, published the prospectus for The Economist, a new periodical he planned to launch, he described it as “a weekly paper, to be published every Saturday”. The first issue, which appeared on September 2nd, described itself as a “political, commercial, agricultural, and free-trade journal” on its masthead (we used Oxford commas in those days). To modern eyes the 19th-century black-and-white incarnation of The Economist is clearly a newspaper, and it looked very similar until the middle of the 20th century. The red logo appeared for the first time in 1959, the first colour cover in 1971, and it was only in 2001 that full colour was introduced on all inside pages. By the time the transformation from newspaper to magazine format had been completed, the habit of referring to ourselves as “this newspaper” had stuck. The Economist, moreover, still considers itself more of a newspaper than a magazine in spirit. Its aim is to be a comprehensive weekly newspaper for the world. If you are stranded on a desert island and can have only one periodical air-dropped to you to keep up with world news, our hope is that you would choose The Economist. That goal is arguably more in keeping with the approach of a newspaper than a magazine. The latter term derives from the French word for storehouse and implies a more specific publication devoted to a particular topic, rather than coverage of current affairs. Indeed, The Economist is produced on a newspaper*

### 1.3 Os artigos – O porquê das escolhas

Desde o início do século XXI, o Brasil tem ganhado crescente destaque no cenário internacional, seja por sua economia emergente, seja por suas efetivas políticas sociais. Durante esse período, o jornal *The Economist* apresentou três capas icônicas com o Cristo Redentor que retrataram bem a situação política e econômica do país. Portanto, tomarei essas capas como base para realizar um recorte cronológico (2009–2016) dos textos utilizados e traduzidos neste trabalho.



**Figura 1:** Capa da edição de 14-20 nov 2009 do jornal *The Economist* – “Brazil takes off”



**Figura 2:** Capa da edição de 28 set-4 out 2013 do jornal *The Economist* – “Has Brazil blown it”

---

*rather than a magazine schedule. Just as a Sunday newspaper will cover news up to and including Saturday, events that happen on Thursday may be covered in the edition of The Economist that appears on newsstands on Fridays”.*



**Figura 3:** Capa da edição de 18-24 out 2014 do jornal *The Economist* – “Why Brazil needs change”

### 1.3.1 Síntese dos artigos

A leitura, apesar de ser uma prática individual, é também um ato social, pois existe um processo de interação e diálogo entre o leitor e o autor do texto. Esse processo depende de algumas variáveis, por exemplo, os objetivos e o conhecimento cultural de ambos. Segundo Fujita (2004), apesar de aparentemente simples e natural, o processo da leitura apresenta uma complexidade inerente porque depende do processamento humano de informações e da cognição de quem lê. Como já mencionado, o tradutor é, antes de tudo, um leitor, e, portanto, deve preocupar-se em compreender o que está lendo antes de focar no ato tradutório. Logo, aqui expus a minha análise e síntese dos textos antes de ter começado o ato tradutório.

Como mencionado brevemente na introdução, traduzi sete artigos sobre a situação político-econômica do Brasil que viraram manchetes no jornal inglês entre 2009 a 2016 e outros três artigos desse mesmo período que na minha análise foram essenciais para entendermos melhor o cenário do país nesse momento. Assim, busquei aqui fazer uma breve

síntese dos textos trabalhados e apontar algumas características de cada um deles. Nos textos que foram manchetes, coloquei a respectiva capa de cada uma das publicações.

### 1.3.1.1 *O Brasil decola*

A publicação afirma que nas décadas após 2014 o Brasil deve se tornar a quinta maior economia do mundo, ultrapassando a Grã-Bretanha e a França. No entanto, apesar da perspectiva econômica positiva, o jornal alerta para problemas no horizonte: gastos públicos que crescem mais do que a economia, aumento das folhas de pagamento do governo federal, gastos com previdência social e aposentadorias desproporcionais à situação econômica do país etc. Em contrapartida, investimentos em educação e infraestrutura estão aquém de um país que quer entrar no *hall* dos titãs econômicos mundiais. Com tom depreciativo, o jornal afirma, portanto, que o maior perigo que o Brasil enfrenta é a arrogância, apesar de não ficar muito claro o que querem dizer com isso.



**Figura 1:** Capa da edição de 14-20 nov 2009 do jornal *The Economist*

### 1.3.1.2 *O Brasil estragou tudo?*

Se, no artigo anterior, o jornal apontou que a economia brasileira estava em franca ascensão – enquanto as grandes economias eram afetadas pela crise financeira mundial–, o clima agora é de pessimismo. O *The Economist* lembra que o Brasil passou quase ileso pela crise de 2008 e conseguiu crescer 7,5% em 2010, mas que no momento está “estacionado” com um crescimento anual do PIB em torno de 2%. O jornal também cita que centenas de pessoas saíram às ruas em junho, no maior dos protestos de uma geração, queixando-se dos custos de vida elevados, dos serviços públicos precários e da ganância e corrupção dos políticos.



**Figura 2:** Capa da edição de 28 set-4 out 2013 do jornal *The Economist* – “Has Brazil blown it”

### 1.3.1.3 *Lições de um Armageddon no futebol*

Segundo o jornal, quando o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014, a população tinha diversos motivos para estar em êxtase com seu país. A

economia em ascensão, as políticas sociais eficientes e a oportunidade de se consagrar novamente como a melhor seleção de futebol em seu próprio terreno confirmavam esse bom momento. Porém, o torneio ocorreu bem na hora em que os brasileiros estavam se sentindo menos confiante sobre o curso de seu país. E, para a tristeza de todos, “a humilhante derrota do Brasil para a Alemanha por 7 x 1 só reforçou a atmosfera negativa do país”.

#### 1.3.1.4 *Por que o Brasil precisa mudar*

Carmen Miranda, ícone internacional brasileiro entre as décadas de 1930 e 1950, aparece na capa do jornal inglês com uma expressão de dúvida, olhando para o cacho de frutas podres na cabeça. A manchete é a seguinte: “Por que o Brasil precisa mudar”. Dessa maneira, o *The Economist* apresenta detalhadamente os motivos pelos quais a população brasileira deveria eleger o candidato Aécio Neves nas próximas eleições presidenciais, criticando as decisões da então presidente Dilma Rousseff relacionadas à economia do país.



**Figura 3:** Capa da edição de 18-24 out 2014 do jornal *The Economist* – “Why Brazil needs change”

#### 1.3.1.5 *O “petrolão”*

O “petrolão” foi um esquema bilionário de corrupção na Petrobras, ocorrido durante o governo Lula e Dilma, que envolvia cobrança de propina por parte de empreiteiras, lavagem de dinheiro, evasão de divisas e superfaturamentos de obras contratadas para abastecer cofres de partidos, funcionários da estatal e políticos. Esse esquema foi alvo de investigações da Polícia Federal, por meio de uma operação denominada “Lava Jato”. Em seu artigo, o jornal britânico tenta, brevemente e de forma superficial, explicar como ocorreu esse escândalo que estourou nos mandatos dos políticos do PT – especialmente no governo de Dilma Rousseff (2011–2016). Apesar de o jornal afirmar que não há nenhuma evidência de que Dilma sabia do esquema, muito do que aconteceu foi enquanto ela era “ministra de Minas e Energia e presidente do Conselho de Administração da Petrobras durante a presidência de Lula”.

#### **1.3.1.6 Tempestade à vista**

Esse artigo aponta como as políticas econômicas que Dilma adotou em seu primeiro mandato se revelaram desastrosas: a combinação da falta de controle macroeconômico e a intromissão microeconômica minaram sua credibilidade. Buscando reverter esse quadro, a nomeação do novo ministro da Fazenda, Joaquim Levy, apelidado de “mãos de tesoura”, deu um novo ânimo para o mercado. No entanto, como defende o jornal, “se a presidente não tomar gosto por reformas e ter meios para realizá-las, o país estará condenado a mais um ano de fracasso econômico”.

#### **1.3.1.7 *Em um atoleiro***

O jornal, que dedicou uma matéria de capa sobre os atuais desafios do governo para retomar o crescimento, afirma que o país passa pelo pior momento desde o início dos anos 1990. De acordo com a publicação, os problemas econômicos do Brasil são bem maiores do que o governo possa admitir ou que os investidores pareçam perceber. A publicação amenizou a crise comparando a situação do país com a atual situação econômica da Rússia, citando que “o Brasil possui um grande e diversificado setor privado e instituições



democráticas robustas”<sup>8</sup>. Apesar de ser uma análise um tanto rigorosa, além da parte que o jornal exalta como o liberal ministro da Fazenda, Joaquim Levy, é peça-chave para realizar as reformas necessárias, a investigação acaba retratando bem o cenário do Brasil naquele momento.



**Figura 4:** Capa da edição de 28 fev-6 mar 2015 do jornal *The Economist* – “Brazil’s quagmire”

### 1.3.1.8 A queda do Brasil

Acompanhada do título “A queda do Brasil” e de uma foto da presidente Dilma Rousseff com a cabeça baixa, a manchete alerta para um “ano desastroso” à frente. Foi assim a primeira capa do ano de 2016 do jornal *The Economist*. O texto cita a perda do grau de investimento por uma agência de classificação de risco e a saída do governo do então ministro da Fazenda, Joaquim Levy, menos de um ano após assumir o cargo. A previsão de

<sup>8</sup>Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/02/capa-da-economist-mostra-brasil-no-atoleiro.html>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

que a economia brasileira encolha até 2,5% ou 3% no próximo ano também é citada: “Até a Rússia vai crescer mais do que isso”, destacou o jornal britânico<sup>9</sup>.



**Figura 5:** Capa da edição de 2-8 jan 2016 do jornal *The Economist* – “Brazil’s fall”

### 1.3.1.9 Hora de ir

O *The Economist* aponta que Dilma Rousseff preside uma economia que passa por sua pior recessão desde a década de 1930, principalmente por conta dos erros cometidos em seu primeiro mandato. Enfatiza não ser favorável ao impeachment, pela ausência de provas. Analisa as possíveis formas de Dilma renunciar ao cargo e menciona o PMDB do vice-presidente Michel Temer como “profundamente enredado” com o escândalo da “Lava Jato”. O jornal não defende o impeachment, mas sustenta que um pedido de renúncia seria um “bom começo” para o Brasil iniciar o processo de recuperação política e econômica, ou seja,

<sup>9</sup>Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/capa-da-economist-alerta-para-queda-do-brasil-preve-desastre-em-2016-18384376>>. Acesso em: 30 abr. 2017.

o semanário continua presumindo que com a oposição no poder o cenário econômico do país pode mudar.



**Figura 6:** Capa da edição de 26 mar-1 abr 2016 do jornal *The Economist* – “Time to go”

### 1.3.1.10 A grande traição

A manchete tem como fundo o Cristo Redentor segurando uma placa com os dizeres “S.O.S.”, como se estivesse clamando por ajuda para resolver os problemas do Brasil. O jornal não só aponta que a presidente Dilma Rousseff decepcionou o Brasil, mas o mesmo fez toda a classe política do país. A reportagem descreve os momentos grotescos da votação do impeachment na Câmara dos Deputados e fala sobre as acusações contra vários políticos e congressistas que votaram a favor do impeachment. O *The Economist* termina a reportagem colocando em dúvida a representatividade que o vice-presidente Michel Temer terá para governar caso Dilma saia do cargo.



**Figura 7:** Capa da edição de 23-29 abr 2016 do jornal *The Economist* – “The betrayal of Brazil”

## CAPÍTULO 2 – O JORNALISMO NA TRADUÇÃO: ESCLARECENDO ALGUNS CONCEITOS

No capítulo anterior, mencionamos que o tradutor é antes de tudo um leitor e quanto bem o primeiro desempenha as funções do segundo é de fundamental importância para o resultado final de uma tradução. Porém, não basta apenas o tradutor ter a qualidade de um exímio leitor, entendendo as informações-chave que o texto-fonte quer passar, mas ele precisa também estar ciente do contexto em que o texto foi escrito e das características do produtor do texto, suas opiniões, crenças e ideologias. Já neste capítulo iremos esclarecer alguns conceitos essenciais do jornalismo para que possamos entender melhor a área de conhecimento em que os artigos trabalhados estão inseridos, com o propósito de manter o texto traduzido com características de um texto jornalístico. Começaremos explicando o conceito de autoria institucional e a visão do *The Economist* sobre isso, tentaremos resumir como são classificados os gêneros textuais jornalísticos e por fim compilaremos de forma bem objetiva como é a linguagem do jornal inglês e do jornalismo brasileiro – tentaremos respeitar ambas no produto final em português.

### 2.1 A autoria institucional

Apesar de a maioria dos jornais e revistas identificar os jornalistas, o semanário *The Economist* assume postura diferente: os autores adotam uma voz única. A principal razão para o anonimato é a crença de que o texto escrito é mais importante do que quem o escreve. Nas palavras de Geoffrey Crowther, editor do jornal entre 1938 e 1956, o anonimato mantém o editor “não como mestre, mas como servo de algo bem maior do que si mesmo[...]isso dá ao artigo um ímpeto esplêndido de pensamento e de princípio”<sup>10</sup>.

Embora o tema de autoria tenha recebido pouca atenção nos estudos acerca dos gêneros de discurso (ALVES FILHO, 2006, p. 78), ele se mostra fundamental para a compreensão destes, uma vez que a revisão, a organização e o acabamento dos textos são, em grande parte, decorrentes do trabalho de autoria.

Segundo Bassnett e Bielsa (2009), no jornalismo, o papel e a posição de protagonismo do autor são diferentes dos tradicionalmente assumidos no texto literário. A

---

<sup>10</sup> “As Geoffrey Crowther, editor from 1938 to 1956, put it, anonymity keeps the editor ‘not the master but the servant of something far greater than himself’. You can call that ancestor-worship if you wish, but it gives to the paper an astonishing momentum of thought and principle”. Disponível em: <<http://www.economist.com/help/about-us>>. Acesso em: 12 maio 2017.

autoria, que é considerada sagrada no texto literário, pode sofrer mudança no meio jornalístico, pois neste último a autoria não tem tanta relevância quanto tem no primeiro. De forma geral, em empresas jornalísticas, a regra é a de que vários jornalistas são responsáveis pela produção de uma matéria, sempre, é claro, com a revisão final do editor-chefe do jornal. Portanto, a autoria nesses meios de comunicação não é individual, mas institucional. Isso acontece, dentre outros motivos, por eventuais problemas legais e para assegurar que o padrão do jornal ou da revista seja cumprido.

Santos (2012) afirma que as traduções de textos jornalísticos são geralmente associadas à tradução de textos técnicos, no entanto, os esforços em estabelecer limites entre tradução técnica e literária são, aqui, contestados. Isso porque os gêneros textuais não se encontram isolados, mas fundidos a fim de conceber um discurso. Podemos afirmar que um gênero predomina sobre outro em determinado texto, mas nunca que ele se apresenta isoladamente. O tradutor de reportagens, além de conhecedor das línguas envolvidas, deve ter condições de reconhecer todas essas nuances, bem como possuir habilidades de repórter, investigador, editor e tradutor.

Se as edições semanais do *The Economist* fossem traduzidas com a mesma periodicidade da publicação original, a tradução poderia ou assumir a mesma política quanto ao emprego de palavras e ao tom dos textos publicados em inglês ou assumir um perfil diferente para culturas e línguas distintas. Nas traduções deste trabalho, assumiremos a primeira posição. Assim, ao avaliar que o principal objetivo dos tradutores de jornais é passar a informação do texto-fonte para o texto-alvo, resolvi me ater às características do texto original, tanto as sintáticas quanto as semânticas. Levando em conta o que foi mencionado acima, as traduções retrataram a voz institucional do estrangeiro (*The Economist*) falando do que está acontecendo no Brasil (do nosso) para o público brasileiro.

## 2.2 Os gêneros do jornalismo

*A noção de gênero já não mais se vincula apenas à literatura, mas para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias (Antônio Marcuschi)*

Para entendermos um pouco mais sobre o significado de gênero no âmbito das ciências da comunicação, é válido retomar, aqui, o conceito cunhado por Bakhtin (1986 apud MELO; ASSIS, 2016), por se tratar de uma referência citada pela maioria dos estudiosos desse objeto comunicacional.

Segundo Bakhtin (1986 apud MELO; ASSIS, 2016, p. 43), gêneros são “tipos relativamente estáveis de expressões linguísticas desenvolvidas em situações comunicacionais específicas, que se refletem na forma, no conteúdo e na estrutura”. Em outras palavras, características análogas de forma, conteúdo e estrutura.

De acordo com Costa (2010) os estudos e pesquisas sobre gêneros jornalísticos ganharam força no Brasil a partir das obras de Luiz Beltrão (1969; 1976; 1980)<sup>11</sup>. Embora não mencione “gênero jornalístico”, esse autor considera que o jornalismo está baseado em três categorias: informativa, interpretativa e opinativa. Na primeira, estariam enquadradas a notícia, a reportagem, a história de interesse humano e a informação pela imagem. Na segunda, a reportagem em profundidade; na última, o editorial, o artigo, a crônica, a opinião ilustrada e a opinião do leitor.

Seguidor de Beltrão, José Marques de Melo destrincha duas<sup>12</sup> das categorias expostas acima – a informativa (intencionalidade do texto) e a opinativa (natureza estrutural do texto) – para sistematizar os tipos de textos encontrados em jornais e revistas. Costa afirma (2010, p. 45) que

---

<sup>11</sup>Ver mais em: A imprensa informativa (1969), Jornalismo interpretativo (1976) e Jornalismo opinativo (1980).

<sup>12</sup>Ele não destrincha a categoria interpretativa “por não encontrar ancoragem na práxis jornalística observada no Brasil” (MELO, 2003, p. 64).

Pelo ângulo da intencionalidade, nos relatos informativos há o desejo de “reproduzir” o real, isto é, a partir da observação de um acontecimento do que se aceita como a realidade empírica, sua apreensão e descrição são feitas pela instituição jornalística com base no desejo da coletividade de “saber o que se passa”. Já no opinativo, a intenção do “ler” o real, ou seja, a análise e a avaliação (atribuição de valor) possível desta realidade baseada no desejo da coletividade de “saber o que se pensa sobre o que se passa”.

No jornalismo informativo, a estrutura do texto depende de fatores externos: as notícias e a relação estabelecida entre o jornalista e os atores principais da reportagem. No jornalismo opinativo, “a estrutura dependeria do controle, pela instituição, da autoria e angulação (tempo e espaço) da narração” (COSTA, 2010, p. 43). Por esses critérios, no jornalismo informativo, se enquadrados formatos de nota, notícia, reportagem e entrevista. Em contrapartida, nos formatos opinativos, estão o editorial, o comentário, o artigo, a resenha, a coluna, a crônica e a carta (COSTA, 2010).

Os textos escolhidos neste trabalho estão mais enquadrados na categoria opinativa, por o *The Economist* observar os acontecimentos da realidade e fazer uma análise desta realidade com várias atribuições de valor, a fim de satisfazer a ânsia do leitor por informação. A instituição jornalística responsável pela organização dos artigos trabalhados aqui narra os acontecimentos utilizando suas próprias lentes. Mas que lentes<sup>13</sup> são essas? Apesar de o objetivo aqui não ser discutir o conteúdo dos textos selecionados, tampouco fazer um julgamento de valor das posições políticas e econômicas defendidas pelo jornal inglês, o leitor mais informado já tem uma ideia das posições tradicionalmente defendidas pelo *The Economist*.

Em seu *site* oficial, o jornal esclarece que se opõe a qualquer redução indevida da liberdade econômica ou pessoal de um indivíduo. A postura editorial do jornal é voltada para a livre iniciativa e tende a favorecer a desregulamentação e a privatização, características típicas do pensamento político “de direita”. No entanto, também defende casamento *gay*, a legalização das drogas e a destituição da monarquia, que são causas mais “de esquerda”. O

---

<sup>13</sup>Como o jornal trata principalmente de assuntos atuais na esfera política e econômica, tanto nacionalmente quanto internacionalmente, essa palavra deve ser interpretada como o espectro político-econômico da publicação.



resultado: uma mistura das duas posições, nem direita nem esquerda, mas o melhor de cada um, em nome do “verdadeiro progresso”<sup>14</sup>.

### 2.3 *The Economist* e a linguagem jornalística

O *The Economist* é reconhecido e lido pela elite política e econômica mundial. Em entrevista à *Fox Business*, Bill Gates e Warren Buffet afirmaram que leem o jornal<sup>15</sup> e, ao que tudo indica, Angela Merkel escuta a versão em áudio do *The Economist* no carro<sup>16</sup>. Com isso podemos ter uma ideia do público-alvo do jornal e da qualidade da linguagem jornalística dos seus textos.

Por sua política editorial ter como objetivo fundamental produzir artigos de fácil compreensão<sup>17</sup>, seus textos são exemplos de coesão e coerência. Isso se dá, essencialmente, pelo fato de o jornal ter uma filosofia de escrita baseada nos seis princípios básicos para se escrever bem<sup>18</sup> retratados no ensaio *Política e a língua inglesa* de George Orwell<sup>19</sup>. São eles:

1. Nunca use uma metáfora, comparação ou outra frase feita que esteja acostumado a ver escrita.
2. Nunca use uma palavra longa se pode usar uma palavra curta que signifique o mesmo.
3. Sempre elimine uma palavra quando for possível.
4. Nunca use a voz passiva quando puder usar a ativa.
5. Nunca use uma expressão estrangeira, uma palavra científica ou um termo de jargão se puder pensar em uma palavra equivalente em seu idioma que seja de uso comum.
6. Sempre descumpra qualquer uma dessas regras antes de escrever algo que pareça idiota.

---

<sup>14</sup>Disponível em: <<http://www.economist.com/blogs/economist-explains/2013/09/economist-explains-itself-0>> Acesso em: 30 de abril de 2017.

<sup>15</sup>Informação disponível em: <<http://video.foxbusiness.com/v/1626191609001/?#sp=show-clips>>. Acesso em: 14 maio 2017.

<sup>16</sup>Informação disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2014/nov/16/john-micklethwait-economist-angela-merkel-app>>. Acesso em: 14 maio 2017.

<sup>17</sup>No sentido de serem claros, e não por serem fáceis de ler. A clareza de pensamento é normalmente retratada pela clareza da escrita.

<sup>18</sup>George Orwell, ao escrever esse texto, tinha principalmente uma preocupação com a linguagem política.

<sup>19</sup>Disponível em: <<https://ebooks.adelaide.edu.au/o/orwell/george/o79p/>> Acesso em: 14 maio 2017.

Para completar a análise de Orwell, que sugere algumas diretrizes para se escrever bem em inglês, pode-se recorrer às considerações de Lage (2005) para sistematizar algumas das características gerais da linguagem jornalística brasileira (pós-1970) quanto à escolha de itens lexicais. Por sua vez, ambas as diretrizes serviram também, desde que respeitadas as características do texto original, como um referencial para minhas escolhas tradutórias. A partir do trabalho de Lage (2005), sintetizamos os seguintes pontos:

1. Utilizar, sempre que possível, palavras do registro formal admissíveis no registro coloquial da linguagem, isto é, aquelas que pertencem, ao mesmo tempo, ao conjunto dos itens léxicos aceitos na linguagem formal e na linguagem coloquial.
2. Eliminar do texto expressões que possam ser entendidas como manifestação de preconceito que sejamos capazes de identificar, a menos que sejam intencionais.
3. Criar neologismos e atualizações necessárias, bem como incorporar expressões populares e gírias que se generalizam.
4. Tomar cuidado com o modismo recente de trocar denominações para “melhorar a imagem” dos ententes nomeados.
5. Eliminar, sempre que possível, palavras estrangeiras, gírias locais e jargões profissionais. Palavras técnicas, quando necessárias, devem ser usadas com moderação e acompanhadas de explicação necessária para entendimento imediato.
6. A teoria geral por trás dessas escolhas é de que a precisão é relativa, dependendo do contexto e do(s) destinatário(s) da informação.
7. Flutuações gramaticais são inevitáveis.
8. Eliminar, com exceção das citações, adjetivos e categorias testemunhais, isto é, aqueles e aquelas cuja aplicação depende da subjetividade de quem produz a mensagem.
9. Eliminar, com exceção de citações, advérbios que expressam juízo de valor ou modulam predicções e sentenças. O jornalismo reporta-se ao mundo real, não ao mundo que seria possivelmente, provavelmente etc.
10. Construir os períodos, quase sempre, na terceira pessoa, com exceção das citações em discurso direto.

Apesar de ambos os autores, Orwell e Lage, serem rasos em suas classificações, pois não descrevem detalhes como chegaram a essas conclusões, elas são bem didáticas e foram úteis para serem utilizadas como parâmetros de análise textual e para a tradução do texto-meta. Ao traduzir os artigos visei manter a coesão e coerência do texto original e respeitar as características de um texto jornalístico bem escrito em português, ambas diretrizes explicitadas na ‘encomenda da tradução’, que será descrita nos próximos capítulos.

A precisão do texto jornalístico é relativa, já que depende do contexto e do destinatário da informação (ponto seis), assim, após uma revisão da literatura, concluiu-se que a melhor forma de traduzir esse tipo de texto é segundo a teoria funcionalista da tradução, pois esta visa à tradução de acordo com o objetivo do texto ou a função do original (que deve ser reproduzida) e a demanda do cliente. Portanto, consideramos a teoria funcionalista da tradução como a melhor corrente teórica a ser seguida nas traduções deste trabalho por conseguir alinhar o jornalismo com os estudos da tradução.

Às vezes, os leitores de um texto traduzido anseiam que o tradutor traduza o que está nas entrelinhas, mas essa nuance de informações dificilmente pode ser captada e sistematizada sem muita interferência interpretativa do tradutor. A menos que essa interpretação seja demandada pelo “cliente”, o foco principal da teoria que embasou as escolhas tradutórias neste projeto visa um propósito específico e não as intenções metafísicas do autor ou do texto original, essa é uma discussão relevante no campo de tradução de textos literários.

Portanto, no capítulo seguinte darei um panorama de alguns dos principais nomes da teoria funcionalista e dos conceitos-chave desenvolvidos pelos teóricos, pois o conhecimento desses últimos foi fundamental para a posição assumida no ato tradutório. Assim, reunirei alguns conceitos comensuráveis dessa corrente, tentando estabelecer um diálogo entre os autores discutidos para que possamos sistematizar os *outputs* do funcionalismo nos estudos da tradução. Com base neste capítulo e no próximo, pretende-se que o leitor entenda melhor as diretrizes por trás das minhas escolhas tradutórias que visaram passar ao leitor do texto-alvo as informações dos artigos fonte de forma funcional.

### CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Como a característica fundamental de textos jornalísticos, o presente capítulo tem como foco principal, no que tange às análises tradutórias, destacar seu aspecto comunicativo<sup>20</sup>, e não analisar a problemática da tradução como uma relação de equivalência de palavras em diferentes línguas(Reiss, 2000). Assim, as traduções seguiram as considerações dos capítulos anteriores e principalmente os parâmetros teóricos estabelecidos neste capítulo. Há inúmeros modos de traduzir os textos escolhidos, e que possivelmente teriam deixado os textos esteticamente mais agradáveis e fluidos, no entanto, nem sempre essa será a política tradutória adotada aqui.

A tradução é uma atividade de alta complexidade. Infelizmente, pela natureza da área, não conseguimos imaginar o dia em que haverá consenso nos debates sobre a forma mais adequada de traduzir um texto. Aliás, nem sabemos se a função das inúmeras teorias da tradução é encontrar uma “bala de prata” para as problemáticas levantadas ou se os problemas são realmente problemas ou se são simplesmente características intrínsecas ao processo tradutório. Em suma, a tradução perfeita não existe, toda tradução depende de sua função (SNELL-HORNBY, 2006).

#### 3.1 O funcionalismo

A corrente funcionalista surge em um momento importante para o desenvolvimento da teoria da tradução, quebrando a “corrente teórica” com dois mil anos de existência que gira em torno do eixo fiel *versus* livre (GENTZLER, 2009). O funcionalismo, nos estudos da tradução, ganhou força nos anos 1990, quando o foco das teorias clássicas da tradução (e.g. equivalência e/ou fidelidade ao texto-fonte), inspirada principalmente em correntes da linguística, volta-se para uma vertente mais prática e funcional, baseada em teorias da comunicação e em teorias sociais. O funcionalismo inicia o processo de reflexão sobre a cultura do texto-fonte e a demanda do cliente no processo tradutório.

A abordagem funcionalista enxerga a tradução como uma ação comunicativa e vê a compreensão dos significados das palavras em relação à sua função em um determinado

---

<sup>20</sup>Entende-se isso como a funcionalidade da tradução da língua-fonte para a língua-alvo, ou seja, a eficiência (aqui entendida com o significado comum) de uma tradução em reproduzir a mensagem do texto original é que faz uma boa tradução (REISS, 2000).

contexto. Para ser mais específico, essa abordagem define tradução como uma atividade transcultural que busca alcançar um determinado propósito, ou seja, os teóricos funcionalistas defendem que as características linguísticas e a estilística do texto-alvo é determinada pelo propósito que a tradução pretende cumprir (NORD, 1997).

A vertente funcionalista, no âmbito dos estudos da tradução, começa na Alemanha, nas décadas de 1970 e 1980, com Katharina Reiss. Saindo de uma tradição em que as problemáticas giravam em torno do debate sobre equivalência, Reiss propõe que as funções que predominavam no texto-meta deveriam ser consideradas como a pedra angular no processo tradutório e na avaliação da adequação do texto traduzido. Segundo Aio (2012) a teórica desenvolveu o que se chama hoje de “tipologia textual”, cujo objetivo principal é guiar o tradutor em uma análise textual e ajudá-lo a identificar e solucionar problemas tradutórios relacionados aos tipos textuais, auxiliando na escolha do método tradutório, de acordo com cada tipo de texto. Por meio disso, Reiss estabelece alguns fatores intra e extratextuais, a fim de nortear a tradução – fatores esses que serão expandidos posteriormente por Christiane Nord (ZIPSER e AIO, 2011).

No entanto, é Hans Vermeer (1986) quem fornece considerações adicionais à teoria funcionalista. Para o teórico, a tradução é uma ação humana que ocorre em busca de uma comunicação efetiva, funcional, implicando, portanto, em um propósito, uma intenção para o ato de comunicar. Vermeer (1986) recorre à palavra de origem grega *skopos* (finalidade, propósito) para definir sua teoria da ação proposital, em que pressupõe a ideia de que o propósito da tradução é essencial ao ato tradutório.

Nord (1991), por sua vez, aprimora os conceitos do funcionalismo alemão, ampliando os conceitos de Reiss e Vermeer (1984), e enfatiza que, na perspectiva funcionalista, as unidades de tradução são elementos do texto-alvo que visam a atingir uma função comunicativa específica. A partir de então, há uma predominância do papel do receptor do texto no processo tradutório nessa corrente teórica.

Nord combina a ‘tipologia textual’ de Reiss e o conceito de ‘skopos’ de Vermeer para propor uma abordagem em que os elementos constitutivos do processo tradutório são constantemente revistos e a tradução adapta-se à função a que é atribuída. Pautada em uma teoria com base na análise textual, Nord traz uma abordagem prospectiva da tradução, em que se voltam os olhos para o receptor da mensagem fazendo com que o texto-fonte seja adequado para a cultura de chegada a fim de cumprir a função a ele atribuída (ZIPSER; AIO, 2011, p. 109).

### 3.2 A teoria de *skopos*

Ao basear minha tradução em uma abordagem voltada ao *skopos* do texto, minhas escolhas linguísticas e minha estratégia como tradutor buscaram priorizar a função principal que o produto traduzido pretendia alcançar junto ao público-alvo da minha publicação.

*Skopos* é uma palavra que vem do grego e que significa finalidade, objetivo, propósito, intenção. De acordo com a teoria de *skopos*, o princípio norteador que determina qualquer processo de tradução é o propósito do texto fonte/alvo. O termo *skopos* geralmente se refere ao propósito do texto-alvo. Podemos observar, portanto, que *skopos* é um termo técnico que designa a “finalidade” ou o “propósito” de uma tradução (VERMEER, 2004). Há uma distinção entre ambos os termos na teoria de Vermeer, para ele, a finalidade é considerada como o resultado final em que um agente tenta alcançar algo por meio de uma ação, enquanto que o propósito é um estado provisório no processo para alcançar a finalidade (JABIR, 2006). Assim, nessa teoria, o processo tradutório é definido pela função do texto – estabelecida pelo cliente.

Cada tradução deve, portanto, ser acompanhada de uma ‘encomenda de tradução’ (*Übersetzungsauftrag* ou *translation brief*) que define as condições sob as quais o texto-alvo deve ser realizado, identificando a função desse texto e qual o público da tradução. Essa ‘encomenda’ funciona como uma diretriz para saber quais são as demandas pré-estabelecidas pelo cliente, bem como um documento que servirá de base para avaliar se a tradução ficou adequada ao propósito pelo qual ela foi encomendada. Segundo Nord (1997) a ‘encomenda’ deve conter o público alvo, uma previsão do tempo e lugar em que o texto será recebido, o meio pelo qual o texto será disseminado e o motivo por trás da produção e/ou recepção do texto.

Há duas palavras que devem ser esclarecidas antes de continuarmos: “função” e “intenção”. A primeira é um termo que se refere ao significado do texto, segundo a visão do receptor. Em contrapartida, a “intenção” é vista como um plano de ação voltado à finalidade do texto, segundo a visão do emissor. Assim, o emissor é responsável por especificar a

intenção do texto e, por meiodele, tenta alcançar um propósito. Já o receptor utiliza-se do texto para uma determinada função, dependendo de suas expectativas, necessidade, conhecimento e cultura (JABIR, 2006). Logo, função e intenção podem ser definidas sob a perspectiva do receptor e emissor, respectivamente (NORD, 2001).

### 3.3 O propósito comunicativo

A tradução, segundo o funcionalismo (NORD, 1996; 1997; 2001; 2006; 2009; REISS, 1984; 1996; 2000; e VERMEER, 1984; 1986; 1996; 2004), deve ter um propósito comunicativo. Uma interação comunicativa é realizada quando uma mensagem é transmitida de um emissor e compreendida por um receptor.

Como descrito por Nord (2006), as experiências de vários leitores lendo um mesmo texto são variadas, pois cada um tem níveis de conhecimento e cultura diferentes e entende as funções do texto de formas distintas. Assim, seria muito difícil para qualquer tradutor traduzir “o texto-fonte” mantendo todas suas diversas esferas de equivalência<sup>21</sup>, pois um texto pode ser tantos textos quantos forem os seus leitores. O tradutor é apenas um desses leitores, talvez o que mais terá problemas para ler o texto, pois geralmente é muito comum que os tradutores tenham um conhecimento superficial sobre muitas áreas, apesar de poder não ter domínio no assunto do texto-fonte. Cabe ao tradutor, portanto, tentar compreender ao máximo as funções e as mensagens do texto-fonte, para poder transmiti-las de forma clara a seu público.

Segundo a teoria funcionalista, o principal objetivo de qualquer tradução é passar ao leitor do texto-alvo a mesma informação encontrada no texto-meta e, idealmente, tentar alcançar a mesma reação dos leitores do texto original no público alvo. É claro que isso não é simples, ou até possível de se fazer em sua plenitude - se levarmos em conta todas as nuances culturais de um texto e uma língua. No entanto, para que esse objetivo seja minimamente concretizado o conteúdo do texto-fonte precisa ser reestruturado para a língua alvo, afim de que o significado seja efetivamente transmitido e as ideias e os argumentos sejam sustentados efetivamente no novo contexto linguístico e cultural (NORD, 1997).

---

<sup>21</sup>Segundo Nord (2009): “Na teoria de skopos, EQUIVALÊNCIA significa ADEQUAÇÃO a um skopo específico que exige que o texto-alvo cumpra as mesmas funções comunicativas do texto-fonte. Dizer que ‘a função do texto-meta e a função do texto-alvo se mantêm constante’ é dizer que o conceito de equivalência a nível textual se reduz a ‘equivalência funcional’, caracterizado por Reiss como ‘tradução comunicativa’”.

Desse modo, em um cenário ideal, o tradutor tem a responsabilidade de conversar com o emissor e/ou receptor<sup>22</sup> para, assim, definir uma estratégia tradutória que transmita os propósitos comunicativos do texto da forma mais adequada para a situação. Na tradução, os emissores e os receptores, na maioria das vezes, pertencem a grupos culturais diferentes – e que, conseqüentemente, falam línguas diferentes. As formas não verbais de comportamento também podem ser diferentes. Os emissores e os receptores precisam, portanto, da ajuda de alguém que esteja familiarizado com as duas línguas e culturas e que esteja disposto a desempenhar o papel intermediário entre eles: o tradutor.

### 3.4 Framework da teoria funcionalista

<b>FRAMEWORK DO FUNCIONALISMO (NORD, 1997)</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• O propósito da tradução determina a escolha do método e da estratégia de tradução (princípio da funcionalidade).</li> <li>• O propósito da tradução é definido pela “encomenda de tradução”, que descreve de forma implícita ou explícita a situação e a audiência para a qual o texto-alvo é necessário.</li> <li>• O fator mais importante a ser alcançado no contexto do texto-alvo, definido pela encomenda de tradução, é a função ou hierarquia de funções.</li> <li>• Função ou funcionalidade não é uma qualidade do texto em si, mas é atribuída ao texto pelo receptor no momento da leitura do texto-alvo. Assim, é o receptor que decide se (e como) um texto “funciona” para ele nessa situação.</li> <li>• O produtor de texto (e o tradutor como produtor do texto em outra língua) deve visar fazer um texto de tal forma que os receptores reconheçam a função para a qual ele se destina. Para alcançar esse objetivo, o produtor e/ou tradutor utilizam-se de “marcadores de função” linguísticos e extralinguísticos.</li> <li>• Esses marcadores só podem ser interpretados corretamente pelos receptores se eles pertencerem a um “código de marcadores” comum com o qual estejam familiarizados.</li> </ul>

<sup>22</sup>Em ambientes profissionais, os tradutores normalmente não agem por conta própria; eles são solicitados a exercer sua profissão pelo emissor ou pelo receptor, ou até mesmo por uma terceira pessoa. Do ponto de vista do observador (externo), a terceira pessoa desempenhará o papel de “comissário” ou “iniciador”; do ponto de vista do tradutor, será o “cliente”. Os iniciadores podem ter propósitos comunicativos próprios ou podem compartilhar aqueles do emissor ou do receptor. Assim, traduzir envolve apontar para um propósito comunicativo particular que pode ou não ser idêntico ao que os outros participantes têm em mente (NORD, 2006).



- A função (ou hierarquia de funções) destinada e/ou alcançada pelo texto-alvo pode ser diferente daqueles destinados e/ou alcançados pelo texto-fonte. Isso pode ocorrer desde que não seja contraditório, ou incompatível, com a(s) intenção(s) comunicativa(s) do autor do texto-fonte.

## CAPÍTULO 4 – REFLEXÕES QUANTO À TRADUÇÃO

Neste trabalho, assumimos a posição de que qualquer teoria da tradução não deve limitar o processo tradutório, mas inspirá-lo. Partindo do pressuposto de que escrever sobre os problemas da tradução só faz sentido se contribuir para o conhecimento do tradutor, o que conseqüentemente, influencia a qualidade do seu trabalho, assumimos que a tradução<sup>23</sup> é funcional, ou seja, do ponto de vista teleológico, é um processo comunicativo que envolve determinada mensagem. Assim, a seguir, apresentaremos a encomenda hipotética da tradução e, posteriormente, apresentaremos as principais dificuldades do processo tradutório por meio de trechos selecionados que merecem atenção especial, seguindo as diretrizes da solicitação do “cliente”.

### 4.1 A encomenda de tradução (Übersetzungsauftrag ou translation brief)

A ‘encomenda de tradução’ deste trabalho tem como público alvo brasileiros cultos com posições proeminentes, seja no governo seja na iniciativa privada ou estudantes universitários de instituições brasileiras renomadas. Hipoteticamente esses leitores têm o hábito diário de ler notícias sobre os acontecimentos político-econômicos nacionais e internacionais e estão familiarizados com termos técnicos dessas áreas de conhecimento. Isto é, a tradução é para um público semelhante ao do jornal *The Economist* em inglês.

O texto, no que diz respeito ao deslocamento temporal, deve ser recebido no cenário atual do Brasil, onde ainda vigora uma grande instabilidade político-econômica, e em sua capital, Brasília, onde a grande maioria dos tomadores públicos de decisão se encontra. O texto foi hipoteticamente divulgado online e/ou impresso, pois o cliente seria o próprio jornal inglês que, por meio de traduções em português dos seus artigos, gostaria de divulgar a sua análise da situação político-econômica do Brasil no período de 2009 a 2016. Pelo jornal ser o cliente, a função principal do texto foi definida como a de informar o leitor da visão assumida pela publicação inglesa. O texto-alvo, portanto, deve tentar ao máximo manter a estrutura original do texto, sem acrescentar ou diminuir informações - ao menos que isso interfira na compreensão e fluidez do texto em português ou que as informações do texto original sejam muito óbvias ao público-alvo.

---

<sup>23</sup>Entende-se aqui principalmente a tradução de textos jornalísticos.

Ao pressupor que por o leitor hipotético desta tradução ser bem informado, certamente ele vai estar ciente que se trata de uma tradução, então é inevitável que alguns trechos fiquem com “cara” de um texto traduzido, a fim de para preservar a identidade do texto original. No entanto, isso não deve ser a regra e só deve ser feito caso a tradução exija muito acréscimo de informação. De forma geral, o texto deve respeitar a linguagem jornalística e respeitar os itens abordados no tópico 2.2 “*The Economist* e a linguagem jornalística”.

A intenção do cliente ao solicitar a tradução dos artigos é simplesmente dissipar aos brasileiros a informação obtida por meio da análise feita do Brasil pelo jornal. Ao difundir essa informação a função principal a ser alcançada no texto-alvo é propagar o conteúdo do texto original. A função secundária é a de conscientizar o leitor de que muitas das recomendações feitas pela publicação ao longo dos anos, caso fossem seguidas, talvez mudasse em alguns aspectos a situação em que o Brasil se encontra hoje.

#### **4.2 Diário do tradutor: texto original/tradução e principais reflexões do processo tradutório**

##### **Texto 1 – O Brasil decola**

<b>Texto original</b>	<b>Tradução</b>
Brazil	Brasil
Brazil takes off	O Brasil decola
Now the risk for Latin America’s big success story is hubris	Agora o risco para o país com a grande história de sucesso da América Latina é a arrogância
Nov 12th 2009	12de nov. 2009
WHEN, back in 2001, economists at Goldman Sachs bracketed Brazil with Russia, India and China as the economies that would come to dominate the world, there was much sniping about the B in the BRIC acronym.	Em 2001, quando economistas do Goldman Sachs Group colocaram o Brasil ao lado da Rússia, Índia e China, como uma das economias que iria dominar o mundo, o “B” de BRIC foi muito questionado.

Brazil?

A country with a growth rate as skimpy as its swimsuits, prey to any financial crisis that was around, a place of chronic political instability, whose infinite capacity to squander its obvious potential was as legendary as its talent for football and carnivals, did not seem to belong with those emerging titans.

Now that scepticism looks misplaced.

China may be leading the world economy out of recession but Brazil is also on a roll.

It did not avoid the downturn, but was among the last in and the first out.

Its economy is growing again at an annualised rate of 5%.

It should pick up more speed over the next few years as big new deep-sea oilfields come on stream, and as Asian countries still hunger for food and minerals from Brazil's vast and bountiful land.

Forecasts vary, but sometime in the decade after 2014—rather sooner than Goldman

Brasil?

Um país com uma taxa de crescimento tão pequena como os seus trajes de banho, vulnerável a qualquer crise financeira que estivesse por perto, um lugar de crônica instabilidade política, cuja infinita capacidade de desperdiçar seu claro potencial é tão lendária quanto seu talento por futebol e carnaval. O Brasil não parecia pertencer a esse grupo de titãs emergentes.

Agora, esse ceticismo parece equivocado.

A China pode até estar na vanguarda de tirar a economia mundial da recessão, mas o Brasil também está nesse rol.

O país não evitou a recessão, mas foi o último a entrar e o primeiro a sair da recessão.

Sua economia está crescendo novamente a uma taxa anual de 5% e deve acelerar ainda mais ao longo dos próximos anos, quando os novos campos petrolíferos do pré-sal entrarem em operação.

Além disso, os países asiáticos continuam ávidos por alimentos e minérios do vasto e generoso território brasileiro.

Previsões variam, mas em algum momento, nas décadas após 2014, mais cedo do que o

Sachs envisaged—Brazil is likely to become the world's fifth-largest economy, overtaking Britain and France.

By 2025 São Paulo will be its fifth-wealthiest city, according to PwC, a consultancy.

And, in some ways, Brazil outclasses the other BRICs.

Unlike China, it is a democracy.

Unlike India, it has no insurgents, no ethnic and religious conflicts nor hostile neighbours.

Unlike Russia, it exports more than oil and arms, and treats foreign investors with respect.

Under the presidency of Luiz Inácio Lula da Silva, a former trade-union leader born in poverty, its government has moved to reduce the searing inequalities that have long disfigured it.

Indeed, when it comes to smart social policy and boosting consumption at home, the developing world has much more to learn from Brazil than from China.

Goldman Sachs Group previra, o Brasil deve se tornar a quinta maior economia do mundo, ultrapassando o Reino Unido e a França.

Em 2025, São Paulo será a quinta cidade mais rica do mundo, de acordo com a PwC, uma das maiores empresas de consultoria do mundo.

Ademais, em certos aspectos, o Brasil supera os outros países que compõem o BRICS.

Ao contrário da China, é uma democracia.

Diferentemente da Índia, não há por aqui insurgentes, conflitos étnicos e religiosos, nem vizinhos hostis.

Ao contrário da Rússia, exporta mais do que petróleo e armas, e trata os investidores estrangeiros com respeito.

No governo de Luiz Inácio Lula da Silva, um ex-líder sindical nascido na pobreza, o país tomou medidas para reduzir as marcantes desigualdades que há muito tempo estragaram o próprio governo.

Na verdade, quando se trata de política social inteligente e do aumento do consumo doméstico, os países em desenvolvimento têm muito mais a aprender com o Brasil do que com a China.

In short, Brazil suddenly seems to have made an entrance onto the world stage.

Its arrival was symbolically marked last month by the award of the 2016 Olympics to Rio de Janeiro; two years earlier, Brazil will host football's World Cup.

At last, economic sense

In fact, Brazil's emergence has been steady, not sudden.

The first steps were taken in the 1990s when, having exhausted all other options, it settled on a sensible set of economic policies.

Inflation was tamed, and spendthrift local and federal governments were required by law to rein in their debts.

The Central Bank was granted autonomy, charged with keeping inflation low and ensuring that banks eschew the adventurism that has damaged Britain and America.

The economy was thrown open to foreign trade and investment, and many state industries were privatised.

All this helped spawn a troupe of new and ambitious Brazilian multinationals (see our special report).

Em suma, de repente, o Brasil parece ter entrado em cena no palco mundial.

No mês passado, sua entrada foi marcada simbolicamente com a realização dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro; dois anos antes, o Brasil sediará a Copa do Mundo de futebol.

Finalmente, o bom senso econômico

Na verdade, a ascensão do Brasil tem se dado de forma constante, e não súbita.

Os primeiros passos foram dados na década de 1990, quando, esgotadas todas as outras opções, o país se estabilizou por meio de um conjunto de políticas econômicas sensatas.

A inflação foi domada, e os governos locais e federais perdulários foram obrigados por lei a conterem seus débitos.

Também foi dada autonomia ao Banco Central, que ficou encarregado de manter a inflação baixa e assegurar que os bancos evitassem o espírito aventureiro que prejudicou a Inglaterra e os Estados Unidos.

A economia foi aberta ao comércio e ao investimento, e muitas empresas estatais foram privatizadas.

Tudo isso ajudou a difundir novas e ambiciosas multinacionais.

Some are formerly state-owned companies that are flourishing as a result of being allowed to operate at arm's length from the government.

Algumas são ex-estatais que estão florescendo como resultado de serem autorizadas a operar de forma independente do governo.

That goes for the national oil company, Petrobras, for Vale, a mining giant, and Embraer, an aircraft-maker.

Isso se aplica a Petrobras, a Vale, e a Embraer.

Others are private firms, like Gerdau, a steelmaker, or JBS, soon to be the world's biggest meat producer.

As outras são empresas privadas, como a Gerdau e a JBS, que, em breve, será a maior produtora de carne do mundo.

Below them stands a new cohort of nimble entrepreneurs, battle-hardened by that bad old past.

Abaixo delas está um novo grupo de empresários ágeis, calejados pelas mazelas do passado.

Foreign investment is pouring in, attracted by a market boosted by falling poverty and a swelling lower-middle class.

O investimento estrangeiro está entrando, atraído por um mercado impulsionado pela queda da pobreza e pela ascensão da baixa classe média.

The country has established some strong political institutions.

O país estabeleceu algumas instituições políticas fortes.

A free and vigorous press uncovers corruption—though there is plenty of it, and it mostly goes unpunished. Advertisement

Uma imprensa livre e vigorosa revela a corrupção, embora haja muita dela e grande parte ainda fique impune.

Just as it would be a mistake to underestimate the new Brazil, so it would be to gloss over its weaknesses.

Assim como seria um erro subestimar o novo Brasil, seria um erro ingênuo encobrir suas fraquezas.

Some of these are depressingly familiar.

Infelizmente, algumas delas são familiares.

Government spending is growing faster than the economy as a whole, but both private

Os gastos do governo estão crescendo mais rápido do que a economia como um todo,

and public sectors still invest too little, planting a question-mark over those rosy growth forecasts.

pois ambos os setores, público e privado, ainda investem pouco, o que coloca um ponto de interrogação nas previsões otimistas de crescimento.

Too much public money is going on the wrong things.

Muito dinheiro público está indo para as coisas erradas.

The federal government's payroll has increased by 13% since September 2008.

A folha de pagamento do governo federal aumentou em 13% desde setembro de 2008.

Social-security and pension spending rose by 7% over the same period although the population is relatively young.

Os gastos com a previdência social e com as aposentadorias aumentaram 7%, em relação ao mesmo período, embora a população seja relativamente jovem.

Despite recent improvements, education and infrastructure still lag behind China's or South Korea's (as a big power cut this week reminded Brazilians).

Apesar das recentes melhorias, investimentos em educação e infraestrutura ainda estão muito aquém dos feitos pela China ou Coreia do Sul (esta semana, um grande corte de energia lembrou os brasileiros disso).

In some parts of Brazil, violent crime is still rampant.

Em algumas partes do Brasil, a criminalidade e a violência ainda são alarmantes.

National champions and national handicaps

Campeões nacionais e incapazes nacionais

There are new problems on the horizon, just beyond those oil platforms offshore.

Há novos problemas no horizonte, que vão um pouco além das plataformas de petróleo.

The real has gained almost 50% against the dollar since early December. That boosts Brazilians' living standards by making imports cheaper.

O real se valorizou em 50%, em relação ao dólar, desde o início de dezembro, o que aumenta o padrão de vida dos brasileiros por tornar as importações mais baratas.



But it makes life hard for exporters.	No entanto, isso dificulta a vida dos exportadores.
The government last month imposed a tax on short-term capital inflows.	No mês passado, o governo impôs um imposto sobre a entrada de capitais de curto prazo.
But that is unlikely to stop the currency's appreciation, especially once the oil starts pumping.	Porém, é pouco provável que isso freie a valorização da moeda, especialmente uma vez que o petróleo comece a jorrar.
Lula's instinctive response to this dilemma is industrial policy.	A resposta instintiva de Lula para esse dilema é a política industrial.
The government will require oil-industry supplies—from pipes to ships—to be produced locally.	O governo vai precisar de suprimentos produzidos localmente para a indústria petrolífera, de tubulações a navios.
It is bossing Vale into building a big new steelworks.	Ele está mandando a Vale construir uma grande nova siderúrgica.
It is true that public policy helped to create Brazil's industrial base.	É verdade que a política pública ajudou a criar a base industrial do Brasil.
But privatisation and openness whipped this into shape.	Mas foram a privatização e a abertura de mercado que a moldaram.
Meanwhile, the government is doing nothing to dismantle many of the obstacles to doing business—notably the baroque rules on everything from paying taxes to employing people.	Enquanto isso, o governo não está fazendo nada para dismantelar muitos dos obstáculos enfrentados por quem quer fazer negócios - especialmente as regras barrocas aplicadas que vão desde o pagamento de impostos até a contratação de pessoas.
Dilma Rousseff, Lula's candidate in next October's presidential election, insists that	Dilma Rousseff, candidata de Lula na eleição presidencial do próximo mês de outubro, insiste em afirmar que nenhuma

no reform of the archaic labour law is needed (see article). reforma da legislação trabalhista arcaica é necessária.

And perhaps that is the biggest danger facing Brazil: hubris. E, talvez, este é o maior perigo que o Brasil enfrenta: a arrogância.

Lula is right to say that his country deserves respect, just as he deserves much of the adulation he enjoys. Lula tem razão em dizer que seu país requer respeito, assim como o ex-presidente ele merece muito da adulação de que tanto gosta.

But he has also been a lucky president, reaping the rewards of the commodity boom and operating from the solid platform for growth erected by his predecessor, Fernando Henrique Cardoso. Mas ele também tem sido um presidente de sorte, colhendo as recompensas do boom das commodities e operando a partir da sólida plataforma para o crescimento erguida por seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso.

Maintaining Brazil's improved performance in a world suffering harder times means that Lula's successor will have to tackle some of the problems that he has felt able to ignore. A manutenção do bom desempenho do Brasil, em um mundo que passa por tempos difíceis, significa que o sucessor de Lula terá de enfrentar alguns dos problemas que ele próprio se sentiu autorizado a ignorar.

So the outcome of the election may determine the speed with which Brazil advances in the post-Lula era. Assim, o resultado da eleição pode determinar a velocidade com que o Brasil avança na era pós-Lula.

Nevertheless, the country's course seems to be set. No entanto, o rumo do país parece estar definido.

Its take-off is all the more admirable because it has been achieved through reform and democratic consensus-building. Sua decolagem é ainda mais admirável, porque foi conseguida por meio de uma reforma e de uma construção democrática do consenso.

If only China could say the same.

Se, pelo menos, a China pudesse dizer o mesmo.

### **Reflexões do processo tradutório**

No primeiro parágrafo do texto, aparece a sigla “BRIC”, termo formado pelas iniciais dos quatro países com as maiores perspectivas de crescimento econômico (Brasil, Rússia, Índia e China). A minha primeira tradução para o termo foi “BRICS”, no entanto, após uma revisão dos termos econômicos do texto, percebi o erro que estava prestes a cometer, pois “BRIC” e “BRICS” não são sinônimos. O primeiro termo foi criado por Jim O’Neill, do Goldman Sachs, em um estudo de 2001, intitulado *Building Better Global Economic BRICs*. O “S” do último termo foi oficialmente adicionado à sigla “BRIC” apenas em 14 de abril de 2011, após a admissão da África do Sul (*South Africa*) ao grupo, mudando, assim, de “BRIC” para “BRICS”.

O segundo parágrafo foi, talvez, o que mais precisou de revisão nesse meu primeiro texto. Uma frase problemática foi: “*China may be leading the world economy out of recession but Brazil is also on a roll*”. A minha primeira tradução foi: “A China pode estar liderando a economia mundial a sair da recessão, mas o Brasil também está na jogada”. No entanto, percebi que, no primeiro período em português, não estava tão claro qual era a informação que o TF queria passar no TA, então, eu traduzi para: “A China pode até estar na vanguarda de tirar a economia mundial da recessão”, pois achei que ficou mais fluente em português, sem perder as características do TF. Já no segundo período da frase, a tradução de “*but Brazil is also on a roll*” ficou muito informal para o padrão linguístico do jornal e não retratou bem o significado do período em inglês. Portanto, a fim de captar esses detalhes, minha tradução ficou: “mas o Brasil também está nesse rol”.

Segundo o dicionário *Oxfordonline*, a palavra *Britain* significa a ilha que está situada na Inglaterra, País de Gales, e a Escócia. O dicionário afirma ainda que o nome é praticamente sinônimo de Reino Unido, que é um termo comumente utilizado para se referir à unidade política. O último termo, então, significa um país do oeste europeu que engloba a Inglaterra, o País de Gales, a Escócia e a Irlanda do Norte. Assim, inicialmente, a minha

primeira tradução para “*overtaking Britain and France*” foi “ultrapassando a Inglaterra e a França”, no entanto, tendo por base a explicação acima, a minha tradução ficou “ultrapassando o Reino Unido e a França”.

Por considerar o meu público leitor semelhante aos leitores do jornal *The Economist*, brasileiros cultos e cientes dos termos e conceitos políticos e econômicos, omiti algumas explicações óbvias do texto-fonte:

<p><i>That goes for the national oil company, Petrobras, for Vale, a mining giant, and Embraer, an aircraft-maker. Others are private firms, like Gerdau, a steelmaker, or JBS, soon to be the world's biggest meat producer.</i></p>	<p>Isso se aplica à Petrobras, Vale e Embraer. As outras são empresas privadas, como a Gerdau, ou a JBS, que, em breve, será a maior produtora de carne do mundo.</p>
---	---

## Texto 2 – O Brasil estragou tudo?

### Texto original

Brazil's future

Has Brazil blown it?

A stagnant economy, a bloated state and mass protests mean Dilma Rousseff must change course

Sep 27th 2013

FOUR years ago this newspaper put on its cover a picture of the statue of Christ the Redeemer ascending like a rocket from Rio de Janeiro's Corcovado mountain, under the rubric “Brazil takes off”.

### Tradução

O futuro do Brasil

O Brasil estragou tudo?

Economia estagnada, Estado inchado e protestos em massa significam que Dilma Rousseff deve mudar de rumo

27 set. 2013

Quatro anos atrás, este jornal colocou em sua capa uma foto do Cristo Redentor subindo como um foguete do Corcovado, no Rio de Janeiro, sob a manchete “O Brasil decola”.

The economy, having stabilised under Fernando Henrique Cardoso in the mid-1990s, accelerated under Luiz Inácio Lula da Silva in the early 2000s.

It barely stumbled after the Lehman collapse in 2008 and in 2010 grew by 7.5%, its strongest performance in a quarter-century.

To add to the magic, Brazil was awarded both next year's football World Cup and the summer 2016 Olympics.

On the strength of all that, Lula persuaded voters in the same year to choose as president his technocratic protégée, Dilma Rousseff.

Since then the country has come back down to earth with a bump.

In 2012 the economy grew by 0.9%.

Hundreds of thousands took to the streets in June in the biggest protests for a generation, complaining of high living costs, poor public services and the greed and corruption of politicians.

Many have now lost faith in the idea that their country was headed for orbit and diagnosed just another voo de galinha

A economia, estabilizada na gestão de Fernando Henrique Cardoso, em meados da década de 1990, acelerou no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, no início dos anos 2000.

Ela nem chegou a cambaleou após a quebra do banco Lehman Brothers, em 2008, e cresceu 7,5%, em 2010, o melhor desempenho em 25 anos.

Para coroar o bom momento, o Brasil foi premiado com a Copa do Mundo de futebol do próximo ano e com as Olimpíadas de 2016.

Levando em consideração esse cenário, Lula convenceu os eleitores, no mesmo ano, a escolher como presidente sua protegida tecnocrática, Dilma Rousseff.

Desde então, o país aterrissou para a realidade com um solavanco.

Em 2012, a economia cresceu 0,9%.

Centenas de milhares de pessoas saíram às ruas em junho, no maior protesto de uma geração, queixando-se do custo de vida elevado, dos serviços públicos precários e da ganância e corrupção dos políticos.

Muitos perderam a fé na ideia de que seu país estava chegando nas alturas e diagnosticaram apenas mais um “voo de galinha”.

(chicken flight), as they dubbed previous short-lived economic spurts.

There are excuses for the deceleration. All emerging economies have slowed.

Some of the impulses behind Brazil's previous boom—the pay-off from ending runaway inflation and opening up to trade, commodity price rises, big increases in credit and consumption—have played themselves out.

And many of Lula's policies, notably the Bolsa Família that helped lift 25m people out of poverty, were admirable.

The world's most burdensome tax code

But Brazil has done far too little to reform its government in the boom years.

It is not alone in this: India had a similar chance, and missed it.

But Brazil's public sector imposes a particularly heavy burden on its private sector, as our special report explains.

Companies face the world's most burdensome tax code, payroll taxes add 58% to salaries and the government has got its spending priorities upside down.

Há justificativas para a desaceleração: todas as economias emergentes têm sofrido esse efeito.

Alguns dos estímulos por trás do prévio boom econômico do Brasil – a recompensa por ter acabado com a inflação desenfreada, por ter aberto o comércio, por ter aumentado os preços das commodities, por ter elevado muito o crédito e o consumo – já esgotaram.

Contudo, muitas das políticas de Lula, em especial, o Bolsa Família, que ajudou a tirar 25 milhões de pessoas da pobreza, foram admiráveis.

O código fiscal mais oneroso do mundo

O Brasil fez muito pouco para reformar seu governo nos anos de boom econômico.

No entanto, não foi só ele: a Índia teve uma chance semelhante e deixou passar.

No entanto, o setor público do Brasil impõe um fardo particularmente pesado para o setor privado.

As empresas brasileiras enfrentam o código fiscal mais oneroso do mundo, impostos sobre a folha de pagamentos acrescentam 58% ao valor dos salários, e o governo está com as suas prioridades de gastos de cabeça para baixo.

Compare pensions and infrastructure.

Compare aposentadorias e infraestrutura.

The former are absurdly generous.

As primeiras são absurdamente generosas.

The average Brazilian can look forward to a pension of 70% of final pay at 54.

Em média, o brasileiro pode, com 54 anos, contar com uma aposentadoria de 70% do salário final.

Despite being a young country, Brazil spends as big a share of national income on pensions as southern Europe, where the proportion of old people is three times as big.

Apesar de ser um país jovem, o Brasil gasta grande parcela da receita nacional com aposentadorias como que um país do sul da Europa, onde a proporção de pessoas idosas é três vezes maior.

By contrast, despite the country's continental dimensions and lousy transport links, its spending on infrastructure is as skimpy as a string bikini.

Em contrapartida, apesar das dimensões continentais do país e das péssimas vias de transporte, os gastos com infraestrutura são tão exíguos quanto um biquíni fio-dental.

It spends just 1.5% of GDP on infrastructure, compared with a global average of 3.8%, even though its stock of infrastructure is valued at just 16% of GDP, compared with 71% in other big economies.

O país gasta apenas 1,5% do PIB com infraestrutura, em comparação com a média global de 3,8%. Ainda que seu fundo de investimentos em infraestrutura esteja avaliado em apenas 16% do PIB, comparado com 71% em outras grandes economias.

Rotten infrastructure loads unnecessary costs on businesses.

Fardos em infraestrutura deficientes oneram as empresas com custos desnecessários.

In Mato Grosso a soybean farmer spends 25% of the value of his product getting it to a port; the proportion in Iowa is 9%.

No Mato Grosso, um produtor de soja gasta 25% do valor do seu produto para levá-lo ao porto; a proporção em Iowa é de 9%.

These problems have accumulated over generations.

Esses problemas têm perdurado ao longo das gerações.

But Ms Rousseff has been unwilling or unable to tackle them, and has created new problems by interfering far more than the pragmatic Lula.

She has scared investors away from infrastructure projects and undermined Brazil's hard-won reputation for macroeconomic rectitude (retidão/virtude) by publicly chivvying the Central Bank chief into slashing interest rates.

As a result, rates are now having to rise more than they otherwise might to curb persistent inflation.

Rather than admit to missing its fiscal targets, the government has resorted to creative accounting.

Gross public debt has climbed to 60-70% of GDP, depending on the definition—and the markets do not trust Ms Rousseff.

Fortunately, Brazil has great strengths.

Thanks to its efficient and entrepreneurial farmers, it is the world's third-biggest food exporter.

Even if the government has made the process slower and costlier than it needed to be, Brazil will be a big oil exporter by 2020.

Mas Dilma tem se mostrado relutante ou incapaz de enfrentá-los e ainda criou novos problemas por interferir muito mais do que o pragmático Lula.

Ela tem espantado os investidores para longe dos projetos de infraestrutura e comprometeu a reputação de retidão macroeconômica do país, duramente conquistada, ao importunar publicamente o presidente do Banco Central para cortar as taxas de juros.

Como resultado, as taxas agora estão subindo mais do que estariam normalmente, para conter a pertinaz inflação.

Em vez de admitir não ter atingido suas metas fiscais, o governo recorreu à contabilidade criativa.

A dívida pública bruta subiu para em torno de 60-70% do PIB, dependendo da definição, e os mercados não confiarão em Dilma.

Felizmente, o Brasil tem muitos pontos fortes.

Graças a seus eficientes e empreendedores agricultores, é o terceiro maior exportador de alimentos do mundo.

O Brasil será um grande exportador de petróleo até 2020, mesmo que o governo



<p>It has several manufacturing jewels, and is developing a world-class research base in biotechnology, genetic sciences and deep-sea oil and gas technology.</p>	<p>tenha tornado o processo mais lento e mais caro do que precisava ser.</p>
<p>The consumer brands that have grown along with the country's expanding middle class are ready to go abroad.</p>	<p>O país tem setores industriais preciosos e está desenvolvendo uma base de pesquisa de excelência mundial em biotecnologia, ciências genéticas e em tecnologias de extração de petróleo em águas profundas e de gás.</p> <p>As marcas brasileiras, que cresceram junto com a expansão da classe média do país, estão prontas para sair do país.</p>
<p>Despite the recent protests, it does not have the social or ethnic divisions that blight other emerging economies, such as India or Turkey.</p>	<p>Apesar dos protestos recentes, o Brasil não tem as divisões sociais ou étnicas que arruinaram outras economias emergentes, como a Índia ou a Turquia.</p>
<p>An own goal for Dilma Fernández?</p>	<p>Uma meta pessoal para Dilma Kirchner?</p>
<p>But if Brazil is to recover its vim, it needs to rediscover an appetite for reform.</p>	<p>Se o Brasil quiser recuperar seu entusiasmo, precisa reencontrar seu apetite por reforma.</p>
<p>With taxes already taking 36% of GDP—the biggest proportion in the emerging world alongside Cristina Fernández's chaotic Argentina—the government cannot look to taxpayers for the extra money it must spend on health care, schools and transport to satisfy the protesters.</p>	<p>Com impostos que já consomem 36% do PIB – a maior percentagem no mundo emergente, ao lado da caótica Argentina de Cristina Kirchner –, o governo não pode se voltar para os contribuintes para obter o dinheiro extra que precisa gastar em saúde, educação e transporte para satisfazer os manifestantes.</p>
<p>Instead, it needs to reshape public spending, especially pensions.</p>	<p>Em vez disso, precisa reformular o gasto público, em especial, as aposentadorias.</p>

Second, it must make Brazilian business more competitive and encourage it to invest.

The way to do that is not, as the government believes, to protect firms, but to expose them to more foreign competition while moving far more swiftly to eliminate the self-inflicted obstacles they face at home.

Brazil's import tariffs remain high and its customs procedures are a catalogue of bloody-minded obstructionism.

More dynamic Latin American economies have forged networks of bilateral trade deals.

Brazil has hidden behind Mercosur, a regional block that has dwindled into a leftist talking-shop, and the moribund Doha round of world-trade talks.

It needs to open up.

Third, Brazil urgently needs political reform.

The proliferation of parties, whose only interest is pork and patronage, builds in huge waste at every level of government.

Em segundo lugar, o governo deve tornar as empresas brasileiras mais competitivas e incentivá-las a investir.

A maneira de fazer isso não é, como o governo acredita, proteger as empresas, mas sim expô-las à concorrência estrangeira, enquanto toma medidas muito mais rapidamente para eliminar os obstáculos autoinfligidos que enfrentam no seu próprio território.

As tarifas de importação do Brasil continuam elevadas, e seus procedimentos aduaneiros são um exemplo do seu obstrucionismo de espírito de porco.

As economias latino-americanas mais dinâmicas forjaram redes de acordos bilaterais de comércio.

O Brasil tem se escondido atrás do Mercosul, um bloco regional que tem se definido em um fórum de discussão de esquerda, e da moribunda Rodada de Doha de negociações do comércio mundial.

O país precisa se abrir.

Em terceiro lugar, o país precisa urgentemente de uma reforma política.

A proliferação de partidos políticos, cujo único interesse é beneficiar seus aliados políticos, aumenta os enormes gastos, em todos os níveis do governo.

One result is a cabinet with 39 ministries.	Um dos resultados disso é um gabinete com 39 ministérios.
On paper, the solution is easy: a threshold for seats in Congress and other changes to make legislators more accountable to voters.	No papel, a solução é fácil: um limite de assentos no Congresso e outras mudanças para que os legisladores prestem mais contas aos eleitores.
But getting those who benefit from the current system to agree to change it requires more political skill than Ms Rousseff has shown.	No entanto, fazer com que os beneficiados do sistema atual concordem em mudá-lo exige mais habilidade política do que Dilma Rousseff mostrou ter.
In a year's time Ms Rousseff faces an election in which she will seek a second four-year term.	Daqui a um ano, Dilma enfrenta uma eleição na qual busca um segundo mandato de quatro anos.
On her record so far, Brazil's voters have little reason to give her one.	Pelo histórico da presidente, os eleitores brasileiros têm poucos motivos para elegê-la novamente.
But she has time to make a start on the reforms needed, by trimming red tape, merging ministries and curbing public spending.	Porém, ainda há tempo para que ela inicie as reformas necessárias, cortando burocracia, fundindo ministérios e limitando os gastos públicos.
Brazil is not doomed to flop: if Ms Rousseff puts her hand on the throttle (acelerador) there is still a chance that it could take off again.	O Brasil não está fadado ao fracasso: se Dilma puxar o manche, ainda há uma chance do Brasil decolar novamente.

### **Reflexões do processo tradutório**

Uma das dificuldades presentes nesse texto e que aparece ao longo dos outros artigos é como traduzir a palavra *under* nos trechos “*under Fernando Henrique Cardoso*” ou “*under Luiz Inácio Lula da Silva*”. Em um primeiro momento, traduzi literalmente a palavra para

“sob”, pois, ao ler minha primeira tradução, fazia todo sentido dizer “sob Fernando Henrique Cardoso” ou “sob Luiz Inácio Lula da Silva”. Porém, após deixar a “tradução descansar” e fazer minha revisão, percebi que não usamos “sob” para dar a ideia proposta pelo termo original em inglês. Por isso, retraduzi esses trechos para “na gestão de Fernando Henrique Cardoso” e “no governo de Luiz Inácio Lula da Silva”. Creio que, assim, o texto-alvo produz o significado real do termo *under* nesse contexto. Também, por esses dois trechos estarem muito próximos do outro no parágrafo inicial do artigo, tive de usar dois termos praticamente sinônimos para não ficar repetindo a mesma palavra em português em um curto espaço de texto.

O artigo utiliza muitas palavras, metáforas e figuras de linguagem ligadas à aviação, e mantê-las em português foi uma tarefa difícil. São elas: “*takes off*”; “*was headed for orbit*”; “*the country has come back down to Earth with a bump*”; e “*if Ms. Rousseff puts her hand on the throttle there is still a chance that it (Brazil) could take off again*”. Na minha primeira versão, eu não me preocupei muito em manter essas expressões. Assim, em muitos momentos, simplesmente as interpretei a fim de passar a informação para o leitor do texto-alvo. Contudo, depois de uma análise textual do texto e uma revisão mais cautelosa, tentei ao máximo manter as várias nuances de significado das palavras e as respectivas referências a termos usados tipicamente na linguagem da aviação. Seguem abaixo os termos originais, a primeira tradução e a tradução final, na respectiva ordem:

<i>Brazil takes off</i>	O Brasil decola	O Brasil decola
<i>was headed for orbit</i>	estava a caminho da órbita	estava chegando nas alturas
<i>the country has come back down to Earth with a bump</i>	o país voltou à realidade com um solavanco	o país aterrissou para a realidade com um solavanco
<i>if Ms. Rousseff puts her hand on the throttle there is still a chance that it could take off again</i>	se Dilma colocar o pé no acelerador, há ainda uma chance de que o Brasil decole novamente	se Dilma puxar o manche, há ainda uma chance de o Brasil decolar novamente

O jornal *The Economist* é reconhecido por sua boa escrita e pela utilização de expressões claras e objetivas, no entanto, em alguns momentos, elas têm um resquício de pompa da linguagem literária. Um bom exemplo disso é a utilização da expressão “*to add to*

*the magic*” no primeiro parágrafo. Por mais que tenha entendido o que o jornal queria dizer, resolvi pesquisar se essa expressão era utilizada com certa normalidade na língua inglesa, porém não tive sucesso na minha busca e conclui que realmente era incomum, apesar de seu significado ser claro para quem compreende bem o inglês. Minha primeira tradução foi quase que literal: “para aumentar a magia”. Porém, após minha revisão final, percebi que minha escolha não soou muito bem em português. Por fim, apesar de não conseguir captar plenamente o significado da expressão inglesa, utilizei um termo em português que, a meu ver, remete bem ao termo utilizado pelo jornal.

### **Texto 3 – Lições de um Armageddon no futebol**

#### **Texto original**

#### **Tradução**

Lessons of a footballing Armageddon

Lições de um Armageddon no futebol

Brazil needs new ideas, on and off the pitch

O Brasil precisa de novas ideias, dentro e fora de campo.

Jul 10th 2014

10 jul. 2014

THE only previous time that Brazil hosted the World Cup, in 1950, it famously lost the final 2-1 to Uruguay, after shipping two goals in 13 minutes late in the second half.

Na única vez em que o Brasil sediou a Copa do Mundo, em 1950, perdeu a final por 2 a 1 do Uruguai, depois dos uruguaios fazerem dois gols em 13 minutos no fim do segundo tempo.

So deflated were Brazilians that Nelson Rodrigues, a playwright and journalist, described the occasion as a “national catastrophe...our Hiroshima”.

Os brasileiros ficaram tão desanimados que Nelson Rodrigues, dramaturgo e jornalista, descreveu a ocasião como uma “catástrofe nacional... Nossa Hiroshima”.

If that is the benchmark, then the 7-1 semi-final thrashing on July 8th at the hands of Germany in Belo Horizonte’s Mineirão stadium was Brazil’s Armageddon.

Se essa for a referência, a lavada de 7 a 1 que o Brasil sofreu da Alemanha na semifinal, no dia 8 de julho, no Mineirão, em Belo Horizonte, foi o Armageddon brasileiro.

It was not just the scale of defeat—the worst since 1920.	Não foi apenas a importância da derrota – a pior desde 1920.
It was also the manner in which Germany’s fast and technically superior players cut through the home defence, as easily as a machete through cassava.	Foi mamão com açúcar a maneira pela qual os jogadores rápidos e tecnicamente superiores da Alemanha atravessaram a defesa do país-sede.
To rub salt in a gaping wound, it is Argentina—Brazil’s arch-rivals—who will face Germany in the final on July 13th.	Para colocar sal na ferida, são os argentinos que enfrentarão a Alemanha na final, no dia 13 de julho.
This humiliation has left Brazilians shell-shocked.	Essa humilhação deixou os brasileiros petrificados.
No other country in the world has a closer identification with football, as Rodrigues’s hyperbole highlights.	Nenhum outro país no mundo tem uma identificação tão próxima com o futebol, como destaca a hipérbole de Nelson Rodrigues.
That may partly be because Brazil has no real Hiroshimas to fear: apart from brief engagement on the Allied side in Italy in 1944-45, it has not fought a war since the 1860s (against Paraguay).	Isso pode ser, em parte, porque o Brasil não tem Hiroshimas reais a temer: além de um breve engajamento ao lado dos Aliados, na Itália, em 1944-1945, o país não participou de uma guerra desde os anos de 1860.
Through good fortune and tolerance, it faces neither military threats, nor terrorism, nor ethnic or religious tensions.	Graças à boa sorte e à tolerância, o Brasil não enfrenta nem ameaças militares, nem terrorismo, nem tensões étnicas ou religiosas.
But this identification with football is also because the sport has provided a national narrative and a social glue.	Essa identificação com o futebol é também porque o esporte proporcionou uma narrativa nacional e uma união social.
In a country that for long periods has failed to live up to its potential, prowess at the	Em um país que, por longos períodos, não conseguiu alcançar seu potencial, a proeza

game provided “a confidence in ourselves that no other institution has given Brazil to the same extent”, as Roberto DaMatta, an anthropologist, wrote in the 1980s.

Brazil has won five World Cups but no Brazilian has won a Nobel prize.

In winning the right to host this year’s World Cup (and the Olympics in Rio de Janeiro in 2016) Luiz Inácio Lula da Silva, Brazil’s then president, wanted to highlight that the country now has other reasons for confidence beyond football.

The tournament would showcase the planet’s seventh-largest economy, a vibrant democracy and remarkable social progress that has seen poverty and income inequality fall steadily in this century.

But the tournament has taken place just as Brazilians are feeling less confident about their country’s course.

The economy has slowed to a crawl; inflation is at 6.5%, despite a succession of interest-rate rises.

The \$11 billion of publicly financed spending on stadiums helped to trigger huge

no esporte proporcionou “uma confiança em nós mesmos que nenhuma outra instituição deu ao Brasil na mesma proporção”, como escreveu Roberto DaMatta, um antropólogo brasileiro, na década de 1980.

O Brasil venceu cinco Copas do Mundo, mas nenhum brasileiro jamais ganhou o Prêmio Nobel.

Em 2007 e 2009, quando o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo deste ano e as Olimpíada em 2016, Luiz Inácio Lula da Silva, então presidente do Brasil, queria destacar que o país tinha outras razões para ter confiança além do futebol.

O campeonato colocaria em destaque a sétima maior economia do planeta, uma democracia vibrante e com um notável progresso social que tem visto a pobreza e a desigualdade de renda diminuírem constantemente neste século.

Porém, o torneio aconteceu bem no momento em que os brasileiros estão se sentindo menos confiante em relação ao curso de seu país.

A economia desacelerou até se arrastar; a inflação é de 6,5%, apesar da sucessão de aumentos na taxa de juros.

Os US\$ 11 bilhões gastos nos estádios com financiamento público ajudaram a

protests last year over poor public services, corruption and the misplaced priorities of politicians.

The last-minute rush to complete the stadiums, and the tragic collapse of a newly-built flyover in Belo Horizonte this month, have highlighted Brazil's difficulties with infrastructure projects.

Contrary to some forecasts, the event itself has gone smoothly, without transport breakdowns or significant protests.

Predictably, most fans have had a great time.

Polls showed that Brazilians were warming to the idea of hosting the tournament.

Despite being booed at the opening ceremony, Dilma Rousseff, Lula's successor and protégée, had felt emboldened to announce that she would attend the final.

Brazil's shattering defeat has robbed Ms Rousseff of any hope she might have nurtured that the World Cup would provide her with a boost in an election in October at which she will seek a second term.

But in itself it will not help the opposition either.

desencadear, no ano passado, grandes protestos contra os serviços públicos precários, a corrupção e as prioridades erradas dos políticos.

A correria de última hora para terminar os estádios e o trágico desmoronamento da cobertura de um deles este mês em Belo Horizonte destacaram as dificuldades do Brasil com projetos de infraestrutura.

Contrariando algumas previsões, o evento em si tem sido tranquilo, sem panes de transportes ou protestos significativos.

Como previsto, a maioria dos fãs teve um ótimo momento.

As pesquisas mostraram que os brasileiros estavam gostando da ideia de sediar o torneio.

Apesar de ter sido vaiada na cerimônia de abertura, Dilma Rousseff, a sucessora e protegida de Lula, sentiu-se confiante em anunciar que iria assistir à final.

A devastadora derrota do Brasil tirou qualquer esperança que ela nutriu de que a Copa do Mundo lhe daria um gás nas eleições de outubro.

Mas, de qualquer maneira, isso também não ajudará a oposição.



Things are not as simple as that.

As coisas não são tão simples assim.

Brazilians were always going to have other matters on their mind when they vote in three months' time.

Os brasileiros sempre terão outros assuntos em mente, quando votarem dentro de três meses.

The incumbent president won in 1998 when Brazil lost badly in the World Cup final, after all; and his chosen successor lost in 2002 when Brazil won.

No fim das contas, o então presidente venceu as eleições em 1998, quando o Brasil perdeu feio na decisão da Copa do Mundo; e seu sucessor indicado perdeu em 2002, quando o Brasil venceu.

At a deeper level, however, the humiliation of the Mineirão is likely to reinforce the country's negative mood.

No entanto, segundo uma análise mais complexa, a humilhação no Mineirão tende a reforçar a atmosfera negativa do país.

And that is potentially dangerous for Ms Rousseff.

E isso é potencialmente perigoso para Dilma.

Though polls still make her the favourite, the campaign will only now start in earnest.

Embora as pesquisas ainda a apontem como a favorita, a campanha só começará de verdade agora.

Her approval rating hovers barely above 40%, and polls consistently show between 60% and 70% of Brazilians wanting change.

Seu índice de aprovação está um pouco acima de 40%, e as pesquisas mostram que entre 60% e 70% dos brasileiros querem mudanças.

With her centre-left Workers' Party having been in power for 12 years, can she offer it?

Será que a presidente pode oferecer isso com seu Partido dos Trabalhadores de centro-esquerda que está no poder há 12 anos?

Her appeal is in essence to past achievements—to a huge rise in employment and real wages, both of which are only just starting to move into reverse.

O atrativo de Dilma é essencialmente baseado em realizações passadas – um enorme aumento na oferta de emprego e em

salários reais, que estão apenas começando a mudar de direção.

Similarly, the Mineirão disaster showed that Brazilian football is no longer a source of national confidence. Da mesma forma, a derrota no Mineirão mostrou que o futebol brasileiro não é mais uma fonte de confiança nacional.

It too needs changes that go far beyond building shiny new stadiums. O esporte também precisa de mudanças que vão muito além de construir belos novos estádios.

Its officials are corrupt and its domestic league poorly run. Seus funcionários são corruptos, e seu campeonato nacional é mal administrado.

Living on past glory, it is inward-looking and tactically outdated. Vivendo de glórias passadas, o futebol brasileiro só tem olhos para si e é taticamente ultrapassado.

Brazilians may end up concluding that they need new management and new ideas, both on and off the pitch. Os brasileiros podem acabar concluindo que precisam de uma nova administração e de novas ideias, tanto dentro quanto fora de campo.

### Reflexões do processo tradutório

Saber usar corretamente as preposições em inglês é o pesadelo de qualquer aluno que aprende inglês como segunda língua. Por ser uma categoria verbal que possui várias regras que dependem do contexto em que as preposições serão usadas (tempo, local etc.), aprender todas suas aplicações é uma tarefa difícil. Em português, não é muito diferente. Seguem alguns exemplos de proposições utilizadas com marcadores de tempo em inglês, a minha primeira versão traduzida e a versão final, seguindo a respectiva ordem:

<i>in 1950</i>	no ano de 1950	em 1950
<i>on July 8<sup>th</sup></i>	em 8 de julho	no dia 8 de julho
<i>and the Olympics in Rio de Janeiro in 2016</i>	e os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro de 2016	e as Olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016

Uma frase problemática nesse texto foi: “In winning the right to host this year’s World Cup (and the Olympics in Rio de Janeiro in 2016) Luiz Inácio Lula da Silva, Brazil’s then president, wanted to highlight that the country now has other reasons for confidence beyond football”. Como é possível perceber, há muitas explicações (aposto) das informações principais da frase. Em um primeiro momento, pensei em eliminá-las, mas acabei mantendo para deixar mais claro algumas informações presentes (Lula era o presidente quando o Brasil foi nomeado para sediar a Copa do Mundo de Futebol e também quando foi escolhido para receber as Olimpíadas). Para solucionar esse desafio, optei por acrescentar algumas informações no texto em português, como demonstrado abaixo:

<i>In winning the right to host this year’s World Cup (and the Olympics in Rio de Janeiro in 2016) Luiz Inácio Lula da Silva, Brazil’s then president, wanted to highlight that the country now has other reasons for confidence beyond football</i>	Em 2007 e 2009, quando o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo deste ano e os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro em 2016, Luiz Inácio Lula da Silva, então presidente do Brasil, queria destacar que o país tinha outras razões para ter confiança além do futebol
--	--

#### **Texto 4 – Por que o Brasil precisa mudar**

##### **Texto original**

Brazil’s presidential election

Why Brazil needs change

Voters should ditch Dilma Rousseff and elect Aécio Neves

Oct 16th 2014

IN 2010, when Brazilians elected Dilma Rousseff as president, their country seemed at last to be living up to its huge potential.

##### **Tradução**

A eleição presidencial do Brasil

Por que o Brasil precisa mudar

Os eleitores devem dispensar Dilma Rousseff e eleger Aécio Neves

16 out. 2014

Em 2010, quando os brasileiros elegeram Dilma Rousseff como presidente, o país

parecia finalmente estar vivendo à altura de seu enorme potencial.

The economy expanded by 7.5% that year, setting the seal on eight years of faster growth and a steep fall in poverty under Luiz Inácio Lula da Silva, Ms Rousseff's political mentor and the leader of the centre-left Workers' Party (PT). A economia cresceu 7,5% naquele ano, selando um período de oito anos de crescimento rápido e uma brusca queda na pobreza, na presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, mentor político de Dilma e líder do Partido dos Trabalhadores (PT).

But four years later that promise has disappeared. Mas, quatro anos depois, essa expectativa desapareceu.

Under Ms Rousseff the economy has stalled and social progress has slowed. No governo de Dilma, a economia estagnou, e o progresso social desacelerou.

Sanctions-hit Russia aside, Brazil is by far the weakest performer in the BRIC club of big emerging economies. Desconsiderando a Rússia, afetada por sanções, o Brasil é de longe o país com o pior desempenho entre as grandes economias emergentes do BRIC.

In June 2013 over a million Brazilians took to the streets to protest against poor public services and political corruption. Em junho de 2013, mais de um milhão de brasileiros foram às ruas para protestar contra a precariedade dos serviços públicos e a corrupção na política.

Ever since the protests the polls have shown that two-thirds of respondents want the next president to be different. Desde essas manifestações, as pesquisas têm mostrado que dois terços dos entrevistados desejam que o próximo presidente seja diferente.

So one might have expected them to turf out Ms Rousseff in the first round of the country's presidential election on October 5th. Assim, seria de se esperar que tivessem descartado Dilma no primeiro turno das eleições presidenciais no dia 5 de outubro.

In the event she secured 41.6% of the vote and remains the narrow favourite to win the run-off ballot on October 26th.

That is mainly because most Brazilians have not yet felt the economic chill in their daily lives—though they soon will.

And it is partly because her opponent, Aécio Neves of the centre-right Party of Brazilian Social Democracy (PSDB), who won 33.6%, has struggled to persuade poorer Brazilians that the reforms he espouses—which the country urgently needs—will benefit rather than harm them.

If Brazil is to avoid another four years of drift, it is vital that he succeeds in doing so.

A campaign upended by fate

Mr Neves's task has been made harder by a campaign scarred by tragedy and upended by fate, as dramatic as a Brazilian telenovela.

Two months ago the third-placed candidate, Eduardo Campos, died in a plane crash on his way to a rally.

Na ocasião, ela obteve 41,6% dos votos e continua praticamente como a favorita para vencer o segundo turno no dia 26 de outubro.

Isso ocorre, principalmente, porque a maioria dos brasileiros ainda não sentiu na pele os efeitos da economia – mas logo sentirão.

E isso é, em parte, porque o oponente de Dilma, Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), de centro-direita, que obteve 33,6% dos votos, tem dificuldades para convencer os mais pobres de que as reformas defendidas por ele – muito necessárias ao país – vão beneficiá-los em vez de prejudicá-los.

Se o Brasil quiser evitar quatro anos à deriva, é vital que ele tenha sucesso em sua missão.

Uma campanha alterada pelo destino

A tarefa de Aécio se tornou mais difícil com uma campanha marcada por tragédia e alterada pelo destino, tão dramática quanto uma novela mexicana.

Dois meses atrás, o candidato que ocupava o terceiro lugar nas pesquisas, Eduardo Campos, morreu em um acidente de avião, a caminho de um comício.

His former running-mate and replacement, Marina Silva, surged into the lead in the polls.

An environmentalist, Ms Silva is the darling of the protesters, the symbol of a “new politics”.

But attractive though her lack of a political machine might have seemed, it was a liability.

Faced with sometimes underhand attacks from Ms Rousseff, Ms Silva wobbled.

It did not help that she is an evangelical Protestant in what is still a largely Catholic country.

In the end her 21% share of the vote was scarcely bigger than she managed in 2010.

Rather than a “new politics”, the run-off will repeat the battle between the PT and the PSDB that has defined all Brazil’s presidential elections since 1994.

In this contest, Ms Rousseff’s main asset is popular gratitude for full employment, higher wages and a clutch of effective social programmes—not just the Bolsa Família cash-transfers but low-cost housing, student grants, and rural electricity and water programmes in the poor north-east.

Sua ex-vice e substituta, Marina Silva, aumentou rapidamente sua popularidade para liderar nas pesquisas.

Ambientalista, Marina é a queridinha dos manifestantes, o símbolo da “nova política”.

No entanto, por mais atraente que a ausência do maquinário político possa ter sido, foi também um ponto fraco.

Diante dos ataques desleais de Dilma, Marina estremeceu.

O fato de ser evangélica, em um país de maioria católica, não ajudou.

No fim das contas, sua parcela de 21% dos votos foi um pouco acima do resultado obtido em 2010.

Em vez da “nova política”, o segundo turno vai repetir a batalha entre PT e PSDB que vem definindo as eleições presidenciais no Brasil desde 1994.

Nessa disputa, o principal trunfo de Dilma é a gratidão popular pelo pleno emprego, por salários mais altos e por um conjunto de programas sociais eficazes – não apenas as transferências de dinheiro do Bolsa Família, mas moradias populares, bolsas estudantis e programas de água e luz para o Nordeste carente.

These are real achievements. But alongside them are bigger, but less palpable, failures, both on the economy and in politics.

Essas são conquistas concretas, mas que são acompanhadas por fracassos maiores, menos palpáveis, tanto na economia quanto na política.

The troubled world economy and the end of the great commodity boom (see article) have hurt Brazil.

Os problemas da economia mundial, ao fim do grande boom das commodities, prejudicaram o Brasil.

But it has fared worse than its Latin American neighbours.

O país teve desempenho inferior ao de seus vizinhos latino-americanos.

Ms Rousseff's constant meddling in macroeconomic policies and attempts to micromanage the private sector have seen investment fall.

O constante intrometimento de Dilma nas políticas macroeconômicas e as tentativas de microgerenciar o setor privado levaram a uma queda nos investimentos.

She has made few efforts to tackle Brazil's structural problems: its poor infrastructure, high costs, punitive tax system, mountains of red tape and a rigid labour code copied from Mussolini.

Ela se esforçou pouco para resolver os problemas estruturais do Brasil: a precária infraestrutura, o alto custo, um sistema fiscal punitivo, uma burocracia sem fim e um rígido código de trabalho copiado de Mussolini.

Instead, she has revived Brazil's corporate state, dishing out favours to insiders, such as tax breaks and subsidised loans from bloated state banks.

Em vez disso, ela deu vida nova ao Estado corporativo do Brasil, distribuindo favores a aliados, como isenções fiscais e empréstimos subsidiados por bancos estatais inchados.

She has damaged both Petrobras, the state oil company, and the ethanol industry by holding down the price of petrol to mitigate the inflationary impact of her loose fiscal policy.

Ela prejudicou tanto a Petrobras quanto a indústria de etanol, ao manter baixo o preço da gasolina para aliviar o impacto inflacionário de sua política fiscal relaxada.

A bribery scandal in Petrobras underlines that it is the PT, and not its opponents as Ms Rousseff claims, who cannot be trusted with what was once a national jewel.

This corporate state of voracious insiders is symbolised by Ms Rousseff's absurdly large coalition, and her 39-member cabinet.

It costs Brazilians some 36% of GDP in taxes—far higher than in other countries at a similar stage of development.

No wonder the government has been unable to find the extra money for health care and transport that the protesters demanded.

And what is worse, Ms Rousseff, who lacks Lula's political touch, shows no sign of having learned from her errors.

More of the same will no longer do

Ms Rousseff draws strength from Mr Neves's flaws as a candidate.

The left's baseless insinuation that he would axe Bolsa Família has stuck because he is a member of Brazil's political establishment—his grandfather died on the eve of becoming president in 1985—and he carries a whiff of the old politics: as

O escândalo de corrupção na Petrobras ressalta que é o PT (e não seus adversários, como afirma Dilma) que não pode ser confiado com a empresa que já foi considerada a queridinha do Brasil.

O Estado corporativo de vorazes aliados é simbolizado pela coalizão de dimensões absurdas de Dilma e de seu gabinete de 39 membros.

Isso custa aos brasileiros cerca de 36% do Produto Interno Bruto (PIB) em impostos – taxa muito maior que em outros países em fase similar de desenvolvimento.

Não é à toa que o governo tem sido incapaz de encontrar dinheiro extra para o sistema de saúde e para o transporte, como exigido pelos manifestantes.

E o pior é que, desprovida do toque político de Lula, Dilma não mostra sinais de ter aprendido com seus erros.

Mais do mesmo não será suficiente

Dilma se fortalece com as fraquezas de Aécio como candidato.

A insinuação sem fundamento da esquerda de que ele acabaria com o Bolsa Família teve impacto porque Aécio é membro da tradicional política brasileira – seu avô morreu na véspera de se tornar presidente, em 1985. Ele traz consigo o ranço da velha



governor of Minas Gerais, he was found to have spent public money on a small-town airstrip which just happens to be close to his farm.

For the past 12 years Lula, who still has the ear of the poor, has caricatured the PSDB as a party of heartless fat cats.

Yet Mr Neves's policies would benefit poor Brazilians as well as prosperous ones.

He promises to put the country back on the path of economic growth.

His record, and that of his party, makes his claim credible.

In the presidencies of Fernando Henrique Cardoso in the 1990s, the PSDB vanquished inflation and laid the foundations for Brazil's recent progress; and in two terms as governor, Mr Neves turned Minas Gerais, Brazil's second-most-populous state, from a financial basket-case into an example of good administration with some of the country's best schools.

He did so largely by cutting bureaucracy.

He has an impressive team of advisers led by Arminio Fraga, a former Central Bank governor who is respected by investors.

política: como governador de Minas Gerais, gastou dinheiro público na construção de um pequeno aeroporto próximo à sua fazenda.

Nos últimos 12 anos, Lula, que ainda é o ouvido dos pobres, caricaturou o PSDB como um partido de barões.

No entanto, as políticas de Aécio beneficiariam os brasileiros pobres e também os mais prósperos.

Ele prometeu colocar o país no rumo do crescimento econômico.

Seu histórico, e também o de seu partido, dá credibilidade às suas propostas.

Nos mandatos de Fernando Henrique Cardoso, nos anos 1990, o PSDB eliminou a inflação e criou os alicerces para o recente progresso do Brasil; e, em seus dois mandatos como governador, Aécio transformou Minas Gerais, o segundo estado mais populoso do Brasil e conhecido pela má administração, em um exemplo de bom governo, com algumas das melhores escolas do país.

Ele fez isso, principalmente, reduzindo a burocracia.

O candidato conta com uma impressionante equipe de consultores, liderada por Armínio

As well as a return to sound macroeconomic policies, his team promise to slash the number of ministries, make Congress more accountable to voters, simplify the tax system and boost private investment in infrastructure.	Fraga, ex-diretor do Banco Central, que é respeitado pelos investidores.
Mr Neves deserves to win.	Além do retorno de políticas macroeconômicas mais sensatas, sua equipe promete cortar o número de ministérios, fazer com que o Congresso preste mais contas aos eleitores, simplificar o sistema tributário e incentivar o investimento privado em infraestrutura.
He has fought a dogged campaign and proved that he can make his economic policies work.	Aécio merece vencer.
The biggest threat to social programmes is the PT's mismanagement of the economy.	Ele travou uma campanha tenaz e provou que pode fazer suas políticas econômicas funcionarem.
With luck the endorsement of Ms Silva, a former PT member born in poverty, should bolster his case.	A maior ameaça aos programas sociais é a má administração econômica do PT.
Brazil needs growth and better government.	Contando com a sorte, a declaração de apoio de Marina, que era membro do PT e nasceu na pobreza, deverá impulsionar sua campanha.
Mr Neves is likelier to deliver these than Ms Rousseff is.	O Brasil precisa de crescimento e de um governo melhor.
	É mais provável que isso venha pelo Aécio do que pela Dilma.

### **Reflexões do processo tradutório**

Não sei explicar o porquê, mas a tradução desse texto foi uma das que considerei mais bem-feitas ao longo deste trabalho. Além das palavras estranhas para mim, houve pouca dificuldade no processo tradutório. Algumas delas foram relacionadas a como estruturar o texto em português. Apesar de adotar a postura de tentar manter a estrutura textual do artigo

original sempre que possível, de acordo com a encomenda de tradução, em alguns momentos eu quebrei a estrutura dos parágrafos originais, por achar que ficaria mais elegante e também para facilitar a compreensão do conteúdo pelo leitor.

<p><b>1§</b><i>Mr Neves's task has been made harder by a campaign scarred by tragedy and upended by fate, as dramatic as a Brazilian telenovela. Two months ago the third-placed candidate, Eduardo Campos, died in a plane crash on his way to a rally. His former running-mate and replacement, Marina Silva, surged into the lead in the polls. An environmentalist, Ms Silva is the darling of the protesters, the symbol of a "new politics". But attractive though her lack of a political machine might have seemed, it was a liability. Faced with sometimes underhand attacks from Ms Rousseff, Ms Silva wobbled. It did not help that she is an evangelical Protestant in what is still a largely Catholic country. In the end her 21% share of the vote was scarcely bigger than she managed in 2010. Rather than a "new politics", the run-off will repeat the battle between the PT and the PSDB that has defined all Brazil's presidential elections since 1994.</i></p>	<p><b>1.1§</b> A tarefa de Aécio se tornou mais difícil com uma campanha marcada por tragédia e alterada pelo destino, tão dramática quanto uma novela brasileira. Dois meses atrás, o candidato que ocupava o terceiro lugar nas pesquisas, Eduardo Campos, morreu em um acidente de avião a caminho de um comício. Sua ex-vice e substituta, Marina Silva, aumentou rapidamente sua popularidade para liderar nas pesquisas.</p> <p><b>1.2§</b> Uma ambientalista, Marina é a queridinha dos manifestantes, o símbolo da "nova política". Mas, por mais atraente que a ausência do maquinário político dela pode ter sido, isso também foi um ponto fraco. Diante dos ataques desleais de Dilma, Marina estremeceu. O fato de ela ser evangélica em um país de maioria católica não ajudou. No final das contas, sua parcela de 21% dos votos foi um pouco acima do seu resultado obtido em 2010. Em vez da "nova política", o segundo turno vai repetir a batalha entre PT e PSDB que definiu as eleições presidenciais no Brasil desde 1994.</p>
--	--

No segundo parágrafo do texto teve, houve duas expressões que causaram um pouco de dúvida, pois ao traduzi-las tive que primeiro interpretar o que o jornal quis passar com elas antes achar palavras e/ou expressões que passem a mesma ideia em português. Os trechos problemáticos foram: “*because most Brazilians have not yet felt the economic chill*” e “*If Brazil is to avoid another four years of drift*”. *Chill*, em inglês, pode ser tanto uma sensação de frio e/ou arrepio quanto uma depressão, abatimento ou desânimo; no caso desse trecho, creio que o texto se refere mais às segundas opções. Na minha tradução, porém, tentei manter os dois significados: “porque a maioria dos brasileiros ainda não sentiu na pele os efeitos da economia”. A dificuldade no outro trecho foi traduzir a palavra *drift*, tendo em vista que possui inúmeros significados. Apesar de ter optado por “à deriva”, penso outra boa opção seria “perambulando”.

Original	Primeira tradução	Tradução final
<i>If Brazil is to avoid another four years of drift</i>	Se o Brasil quiser evitar quatro anos perambulando	Se o Brasil quiser evitar quatro anos à deriva

Por último, tive muitas dúvidas quanto à tradução da expressão depreciativa em inglês “fat cat”. Primeiramente por não achar o vocábulo em nenhum dicionário comum inglês-português e também por apenas achar descrições do que ela significa em dicionários inglês-português de expressões idiomáticas. A minha primeira tradução para a palavra foi “marajás”, e, apesar de considerar essa escolha uma boa opção de escolha não a utilizei, pois isso remete claramente ao discurso do ex-presidente de “direita” Fernando Collor de Mello.

De uma família tradicional e de políticos de Alagoas, Collor foi nomeado pelos militares, prefeito de Alagoas em 1973, cargo que exerceu até 1982. Em 1986 venceu as eleições para governador do Estado, quando ganhou notoriedade por combater os famosos “marajás”, que abundavam no serviço público estadual e recebiam salários polpudos. Daí que surgiu seu apelido “caçador de marajás”, que usou durante sua campanha presidencial, quando, entre outras medidas, anunciou que combateria o empreguismo desavergonhado e ultrajante que imperava no Brasil<sup>24</sup>.

<sup>24</sup>Disponível em: <http://www.kbrdigital.com.br/fernando-collor-de-mello-o-cacador-de-marajas/> Acesso em: 09 de junho de 2017.

Contudo, no texto o jornal aponta que é o ex-presidente Lula, de “esquerda”, que caricaturou o PSDB, de “direita”, como “fat cat”. Assim, por uma questão ideológica traduzi o último termo por “barões” em “nos últimos 12 anos, Lula, que ainda é o ouvido dos pobres, caricaturou o PSDB como um partido de barões”.

Como mencionado na introdução traduzi sete artigos sobre a situação político-econômica do Brasil que viraram manchetes no jornal inglês entre 2009 a 2016 e também outros três artigos desse mesmo período que na minha análise foram essenciais para entender melhor o cenário do país no período descrito acima. Assim, busquei aqui fazer uma breve síntese dos textos trabalhados e apontar algumas características de cada um deles e de seus paratextos. Nos textos que foram manchetes, coloquei a respectiva capa de cada uma das publicações.

### **Texto 5 – O “petrolão”**

#### **Texto original**

Corruption in Brazil

The big oily

The Petrobras scandal explained

Dec 30th 2014

NEARLY as ominous as the economic cloud hovering over Dilma Rousseff is the scandal surrounding Petrobras, the state-controlled oil company.

It nearly cost her re-election, and could yet spoil her second term as Brazil’s president.

The affair began in March, when federal police arrested Paulo Roberto Costa,

#### **Tradução**

Corrupção no Brasil

O “petrolão”

O escândalo da Petrobras explicado

30 dez. 2014

Quase tão ameaçadora quanto a tempestade econômica que paira sobre Dilma Rousseff é o escândalo envolvendo a Petrobras.

Isso quase custou sua reeleição e ainda pode estragar seu segundo mandato presidencial.

O caso começou em março, quando a Polícia Federal prendeu, em uma

Petrobras's chief of refining from 2004 to 2012, in a money-laundering investigation. investigação de lavagem de dinheiro, Paulo Roberto Costa, diretor de abastecimento da Petrobras entre 2004-2012.

Mr Costa, seeking leniency, confessed to far more than that. Em busca de leniência, Paulo Roberto Costa confessou muito mais do que se sabe.

Construction companies that won contracts from his division diverted 3% of their value into slush funds for political parties, he said. Segundo ele, as construtoras que ganharam os contratos de sua divisão desviaram 3% dos valores recebidos, abastecendo caixas dois de partidos políticos.

Police identified 10 billion reais (\$3.7 billion) of suspicious payments, making the petrolão (the "big oily") Brazil's biggest corruption scandal. A polícia identificou 10 bilhões de reais em pagamentos suspeitos, tornando o "petrolão" o maior escândalo de corrupção do Brasil.

In November police arrested two dozen executives from Brazil's six largest construction firms and another former Petrobras bigwig; 30 people have been indicted. Em novembro, a polícia prendeu 24 executivos das seis maiores empreiteiras do Brasil e um outro ex-mandachuva da Petrobras; 30 pessoas foram indiciadas.

Most of the alleged bribe-takers belong to the Workers' Party, which Ms Rouseff leads, or to her coalition allies. A maioria dos supostos corruptos pertence ao Partido dos Trabalhadores, encabeçado por Dilma Rousseff, ou a seus partidos aliados.

There is no evidence that Ms Rousseff knew of the mischief, but much of it took place while she was energy minister and chairman of Petrobras during the presidency of Luiz Inácio Lula da Silva, her predecessor. Não há nenhuma evidência de que Dilma sabia do escândalo, mas muito do que aconteceu foi enquanto ela era ministra de Minas e Energia e presidente do Conselho de Administração da Petrobras durante a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva.

A former manager claims to have alerted Petrobras's current boss, Maria das Graças Foster, and other executives about the irregularities.

Um ex-diretor alega ter alertado a atual presidente da Petrobras, Maria das Graças Foster, e outros executivos sobre as irregularidades.

The company denies that Ms Foster, a friend of the president, had any knowledge of them.

A empresa nega que Graça Foster, amiga da presidente, tivesse qualquer conhecimento dessas irregularidades.

The scandal will produce damning headlines for months to come.

O escândalo vai produzir manchetes negativas ao longo de muitos meses.

Most of the 28 politicians named by Mr Costa enjoy parliamentary privilege; only the Supreme Court may try them.

A maioria dos 28 políticos citados por Paulo Roberto Costa desfruta de imunidades parlamentares, cabendo apenas ao Supremo Tribunal julgá-los.

Shares in Petrobras have dropped by more than half since their peak in September (in part because of falling oil prices).

As ações da Petrobras caíram mais da metade, desde seu pico em setembro (em parte, por causa da queda dos preços do petróleo).

Minority shareholders are furious.

Os acionistas minoritários estão furiosos.

On December 24th the city of Providence, Rhode Island, one of several aggrieved investors, filed a case in New York naming Ms Rousseff as a potential witness.

No dia 24 de dezembro de 2014, a cidade de Providence, Rhode Island, um dos vários investidores lesados, abriu um processo em Nova Iorque, apontando Dilma Rousseff como possível testemunha.

The Securities and Exchange Commission is investigating whether Petrobras violated anti-corruption laws.

A Comissão de Valores Imobiliários dos EUA está investigando se a Petrobras violou a lei anticorrupção dos Estados Unidos.

Expect more storms in 2015.

Esperam-se mais tempestades em 2015.

### **Reflexões do processo tradutório**

A palavra em inglês *bigwig* significa uma pessoa importante e remete às perucas anteriormente utilizadas por homens importantes e/ou da nobreza. No português, não encontrei nenhuma palavra que remetesse a essa peruca, no entanto, ao focar apenas no significado da palavra, a melhor tradução foi “mandachuva”. A palavra em português significa “um indivíduo com importância e influência; um indivíduo que dá ordens, comanda, decide, lidera; um chefe político”, ou seja, o mesmo significado de *bigwig*.

Outra dificuldade que tive nesse texto foi com o nome *Security and Exchange Comission*, que é uma agência federal dos Estados Unidos que detém a responsabilidade primária pela aplicação das leis de títulos federais e a regulação do setor de valores mobiliários, as ações da nação e opções de câmbio, e outros mercados de valores eletrônicos do país<sup>25</sup>. Minha primeira tradução para essa instituição foi “Comissão de Títulos e Câmbio dos Estados Unidos”, que é o nome literal em português. Contudo, a fim de achar uma entidade que desempenha a mesma função no Brasil, para facilitar a leitura por parte de meu público-alvo, optei por traduzir o nome da instituição norte-americana para “A Comissão de Valores Mobiliários (CVM) dos EUA”. No Brasil, a CVM tem por objetivo fiscalizar, normatizar, disciplinar e desenvolver o mercado de valores mobiliários no Brasil, função similar à instituição estadunidense<sup>26</sup>.

Outra questão marcante nesse texto foi o uso de uma tradução menos ao “pé da letra”, visando a uma maior fluência para o leitor do texto-alvo. Apesar de a primeira versão traduzida dos trechos abaixo ser compreensível e não estar errada na língua portuguesa, é muito mais comum na linguagem jornalística vermos a tradução de *second term as Brazil's president* e *construction firms* como “segundo mandato presidencial” e “empreiteiras”. Seguem o texto original, a primeira tradução e a tradução final:

her second term as Brazil's president	seu segundo mandato como presidente do Brasil	seu segundo mandato presidencial
In November police arrested two dozens	Em novembro a polícia prendeu 24 executivos das	Em novembro a polícia prendeu 24 executivos das

<sup>25</sup>Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Comiss%C3%A3o\\_de\\_T%C3%ADtulos\\_e\\_C%C3%A2mbio\\_dos\\_Estados\\_Unidos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Comiss%C3%A3o_de_T%C3%ADtulos_e_C%C3%A2mbio_dos_Estados_Unidos)>. Acesso em: 9 jun. 2017.

<sup>26</sup>Disponível em: <[http://www.cvm.gov.br/menu/acesso\\_informacao/institucional/sobre/cvm.html](http://www.cvm.gov.br/menu/acesso_informacao/institucional/sobre/cvm.html)>. Acesso em: 9 jun. 2017.



executives from Brazil's six largest construction firms	seis maiores empresas de construção do Brasil	seis maiores empreiteiras do Brasil
---	---	-------------------------------------

### Texto 6 – *Tempestade à vista*

#### Texto original

Brazil's economy

Rough weather ahead

The mistakes Dilma Rousseff made during her first presidential term mean her second will be stormy

Dec 30th 2014

WHILE Dilma Rousseff prepared to be sworn in for a second term as Brazil's president on January 1st, the skies over the capital, Brasília, were forecast to be clear.

But the outlook for the next four years is gloomy.

Her daunting to-do list includes repairing ties with America, damaged by the revelation in 2013 that its spies had tapped her phone calls. Deforestation in the Amazon region is rising after a decade of decline, and the worst drought on (lack of rain) record threatens to bring energy and water rationing to the industrial south-east.

#### Tradução

A economia do Brasil

Tempestade à vista

Os erros cometidos por Dilma Rousseff no primeiro mandato indicam um segundo tempestuoso

30 dez. 2014

Enquanto Dilma Rousseff se preparava para assumir o segundo mandato como presidente do Brasil no dia 1º de janeiro, a previsão do tempo em Brasília era de céu claro.

Contudo, as perspectivas para os próximos quatro anos são nebulosas.

Dilma tem pela frente uma assustadora lista de tarefas que inclui reparar os laços com os Estados Unidos, abalados pela revelação em 2013 de que espões norte-americanos haviam grampeado telefonemas presidenciais; conter o desmatamento na região amazônica que está crescendo após uma década em declínio, e tomar medidas para combater a pior seca registrada que

Preparations for the 2016 Olympics in Rio de Janeiro risk a reprise of the deadline- and budget-busting run-up to the 2014 football World Cup, which Brazil also hosted.

Ms Rousseff's left-wing Workers' Party (PT) and its allies are embroiled (entangled) in a corruption scandal involving Petrobras, the state-controlled oil giant, though so far she is personally untainted.

But it is the economy where the storm-clouds are stacked highest.

The end of the commodity supercycle means falling prices for Brazilian exports of soybeans, iron, ore and, most recently, oil.

And the policies Ms Rousseff pursued during her first term have proved disastrous.

A combination of macroeconomic laxity and microeconomic meddling, intended to boost growth, merely undermined public finances and her credibility.

GDP rose by just 6.7% during her first four years.

ameaça racionar a água e a energia do polo industrial do sudeste.

As preparações para as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro correm o risco de se tornarem uma reprise do rombo orçamental e do descumprimento do prazo de entrega das obras que precedeu a Copa do Mundo de 2014.

A esquerda petista de Dilma e os seus aliados estão envolvidos no escândalo de corrupção da Petrobras, embora ela pessoalmente permaneça isenta de culpa.

Porém, é na economia que as tempestades estão se concentrando.

O fim do boom das commodities significou queda no preço das exportações brasileiras de soja, minério de ferro e, mais recentemente, petróleo.

Além disso, as políticas adotadas por Dilma durante o primeiro mandato mostraram-se desastrosas.

A combinação de descaso macroeconômico e interferência microeconômica, com a intenção de impulsionar o crescimento, simplesmente abalaram as finanças públicas e a credibilidade da presidente.

O PIB brasileiro cresceu apenas 6,7% durante os primeiros quatro anos.

Her biddable Central Bank governor, Alexandre Tombini, and finance minister, Guido Mantega, cut interest rates and let rip on public spending even as inflation rose and tax receipts slowed.

If her second term is to be any better, she will need to undo much of what she did in the first.

Ms Rousseff has made a start by recruiting Joaquim Levy, a hawkish banker, to replace Mr Mantega, and Nelson Barbosa, a respected economist, to the planning ministry, where he will oversee public investment.

Mr Tombini will remain at the Central Bank, but has clearly been told to take the inflation target of 4.5% seriously; since Ms Rousseff's victory in October, the benchmark interest rate has been raised from 11% to 11.75%.

New agriculture and trade ministers with ties to farmers and industry signal a truce with the maligned private sector.

The foreign ministry, too, is expected to get a more trade-friendly boss.

O solícito presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, e o ministro da Fazenda, Guido Mantega, cortaram as taxas de juros e fizeram vista grossa para as despesas públicas, mesmo quando a inflação subiu e as receitas tributárias diminuíram.

Se o segundo mandato é para ser melhor, ela terá de desfazer muitas das medidas tomadas no primeiro.

Dilma Rousseff começou seu novo mandato, recrutando Joaquim Levy, um banqueiro rigoroso, para substituir Mantega na Fazenda, além de Nelson Barbosa, um respeitado economista, para o Ministério do Planejamento, onde irá monitorar os gastos públicos.

Tombini permanecerá como presidente do Banco Central, mas claramente tem sido orientado a levar a sério a meta de inflação de 4,5%. Desde a vitória de Rousseff, em outubro, a taxa básica de juros foi elevada de 11% para 11,75%.

Os novos ministros da Agricultura e do Desenvolvimento, associados aos agricultores e à indústria, deram bandeira branca ao hostil setor privado.

Espera-se ter, também, um ministro mais liberal no Ministério das Relações Exteriores.

Mr Levy, in particular, has his work cut out.

He has promised a primary budget surplus (before interest payments) of 1.2% of GDP in 2015 and 2% in 2016 in order to avoid Brazil losing its investment-grade credit rating.

But under Mr Mantega opaque and inefficient subsidies to energy, transport and credit ballooned.

And half of all primary public spending (including on pensions) moves in step with the minimum wage, which is to rise by around 2.5% in real terms in 2015 under a multi-year formula that links it to past GDP growth.

This means that Mr Levy must find savings of 2.1% of GDP elsewhere.

A surplus of 0.7-0.8% is more plausible, thinks Mansueto Almeida, a public-finance expert.

Even hitting that lower target will mean cutting public investment and raising taxes—thereby making a return to growth even harder to achieve in the short term.

Joaquim Levy, em particular, tem um árduo trabalho pela frente.

Ele prometeu um superávit primário (antes do pagamento de juros) de 1,2% do PIB em 2015 e de 2% em 2016, a fim de evitar que o Brasil perca seu grau de investimento.

Porém, no governo de Mantega, subsídios suspeitos e ineficientes para o setor de energia, transportes e crédito aumentaram drasticamente.

Além disso, metade de toda a despesa pública primária (incluindo as pensões) move-se em sintonia com o salário mínimo, que tem previsão de aumentar em cerca de 2,5% em termos reais em 2015, analisado sob uma fórmula plurianual que liga esse gasto ao crescimento do PIB anterior.

Isso mostra que Levy precisará encontrar outros lugares para cortar gastos equivalentes a 2,1% do PIB.

De acordo com Mansueto Almeida, especialista em finanças públicas, um aumento de 0,7-0,8% no salário mínimo é mais plausível.

Mesmo se a menor meta for alcançada, isso significará corte nos gastos públicos e aumento de impostos, fazendo com que o retorno ao crescimento se torne ainda mais difícil de ser atingido a curto prazo.

Brazil's tax burden, already at 36% of GDP, is far higher than that of other middle-income countries.

And its big construction firms, which are alleged to have bribed Petrobras for contracts, are likely to get caught up in legal proceedings and thus barred from public work.

That puts at risk planned infrastructure projects budgeted at 870 billion reais (\$325 billion), including some needed for the Olympics.

After a 7.2% drop in investment in 2014, Itaú, a bank, expects investment to be flat in 2015.

Analysts have duly slashed growth forecasts for 2015 from 2.5% a year ago to 0.8% or less.

Some predict an outright recession.

Mr Levy's task should become slightly easier in 2016, when, thanks to stalled GDP growth, spending linked to the minimum wage should merely keep pace with inflation.

Ms Rousseff's, by contrast, is likely to become harder, thinks João Castro Neves of Eurasia Group, a consultancy.

A carga tributária do Brasil, já em 36% do PIB, é muito maior do que a de outros países em desenvolvimento.

Já as grandes empreiteiras brasileiras, acusadas de terem pagado propina à Petrobras por meio de contratos, estão propensas a serem pegas em processos judiciais e, portanto, impedidas de realizar obras públicas.

Isso põe em risco projetos de infraestrutura orçados em 870 bilhões de reais, incluindo as obras necessárias para as Olimpíadas.

Depois de uma queda de 7,2% no investimento em 2014, o banco Itaú espera que, em 2015, os investimentos beirem a zero.

Analistas têm diminuído, corretamente, as previsões de crescimento para 2015, de 2,5%, há um ano, para 0,8% atualmente.

Alguns preveem uma recessão definitiva.

A tarefa de Levy deve se tornar um pouco mais fácil em 2016, pois, graças a estagnação do PIB, os gastos relacionados ao salário mínimo devem apenas manter o ritmo da inflação.

A tarefa de Dilma, pelo contrário, deve se tornar mais difícil, segundo João Castro

Neves, do Eurasia Group, a maior consultoria de riscos políticos do mundo.

The PT's left-wingers and their sympathisers in trade unions and social movements despise Mr Levy, whom they call "Scissorhands".

O PT e seus simpatizantes em sindicatos e movimentos sociais menosprezam Levy, a quem eles apelidaram de "Mãos de Tesoura".

The party's allies in government are in a mutinous mood: in December 35 of 71 congressmen from its biggest coalition partner refused to vote with the government to revise this year's unattainable primary-surplus target of 1.9% (though the measure passed anyway).

Aliados do partido no governo estão em estado de rebeldia: em dezembro, 35 dos 71 congressistas da maior de suas coligações políticas se recusaram a votar a favor do governo para rever a inatingível meta de 1,9% do superávit primário deste ano (embora a medida tenha sido aprovada de qualquer maneira).

The Petrobras affair, which the opposition is exploiting with gusto, will further deplete the president's already diminished political capital.

O caso da Petrobras, do qual a oposição está tirando proveito com gosto, vai esgotar ainda mais o já enfraquecido capital político da presidente.

Austerity will also hit her popularity in the country at large.

A austeridade também vai atingir a popularidade de Dilma em todo país.

Petrol prices have already gone up; electricity and public transport are next.

Os preços da gasolina já subiram; e os da energia e do transporte público serão os próximos.

The most recent plan to raise bus fares in big cities, in June 2013, sparked the biggest protests in a generation, and was quickly dropped.

O mais recente plano para aumentar as tarifas de ônibus nas grandes cidades, em junho de 2013, provocou o maior protesto em uma geração e, por isso, foi abandonado rapidamente.

Any fiscal and monetary adjustment big enough to restore public finances is sure to push up the jobless rate, which is now close to a record low of around 5%.

Ideally, Ms Rousseff will let Mr Levy snip away, and use the Petrobras scandal to revitalise the ailing oil and construction industries by opening them up to foreign competition and dropping onerous (and graft-inducing) local-content rules.

But having promised Brazilians that belt-tightening would be painless, she may unbuckle at the first twinges of discomfort.

Even if she does not, her new-found appetite for reforms will not be matched by her capacity to accomplish them.

Qualquer ajuste fiscal e monetário grande o suficiente para restaurar as finanças públicas, com certeza, aumentará a taxa de desemprego, que está agora perto de um recorde de baixa de cerca de 5%.

No cenário ideal, Dilma vai deixar Joaquim Levy fazer muitos cortes e usar o escândalo na Petrobras para revitalizar as indústrias de petróleo e da construção civil, em dificuldade, abrindo-se à concorrência estrangeira e abandonando as onerosas exigências (que induzem a corrupção) de conteúdo e produção local.

Mas, apesar de ter prometido aos brasileiros que apertar o cinto não seria doloroso, ela já pode desafivelar os dela nos primeiros momentos de desconforto.

Mesmo se Dilma não o fizer, sua recém-descoberta vontade por reformas não deve vir acompanhada de uma capacidade semelhante para realiza-las.

### **Reflexões do processo tradutório**

O problema nesse texto começou logo no subtítulo: *The mistakes Dilma Rousseff made during her first presidential term means her second will be stormy*. Minha primeira tradução para o subtítulo em inglês foi: “Os erros cometidos por Dilma Rousseff durante seu primeiro mandato presidencial significam que seu segundo será turbulento”. No entanto, após minha primeira revisão, achei esse trecho com muita “cara” de algo traduzido mecanicamente, sem muita ponderação e sem levar em consideração o público do texto. Assim, tentei utilizar uma linguagem mais dinâmica e jornalística, e o resultado foi: “Os erros cometidos por Dilma Rousseff no primeiro mandato indicam um segundo

tempestuoso”. Além de deixar o subtítulo um pouco mais fluido, achei que a palavra “turbulenta” não retratava a intenção do uso da palavra *stormy*; já “tempestuoso” (*clima propenso a tempestades*), a meu ver, retrata melhor essa intenção e faz uma analogia com o título “Tempestade à vista”.

O próximo trecho, a princípio, parecia fácil de ser traduzido, no entanto, o fato de eu tentar deixá-lo mais fluido e coerente causou algumas dificuldades. A primeira delas foi refletir se a minha interpretação do fragmento estava correta e se eu não estava interferindo na intenção do texto original, pois minha encomenda de tradução previa que eu mantivesse, na medida do possível, a estrutura do texto-fonte. A segunda foi avaliar se o acréscimo de algumas palavras em português ajudava realmente o leitor a compreender melhor o fragmento. Por último, como eu poderia manter o paralelismo na minha construção em português. Abaixo, seguem o texto original, a primeira tradução e a versão final:

<p>Her (<i>Dilma's</i>) daunting todo list includes repairing ties with America, damaged by the revelation in 2013 that its spies had tapped her phone calls. Deforestation in the Amazon region is rising after a decade of decline, and the worst drought on record threatens to bring energy and water rationing to the industrial south-east.</p>	<p>Sua assustadora lista de tarefas inclui reparação de laços com os Estados Unidos, abalados pela revelação em 2013 que espões norte americanos haviam grampeado telefonemas presidenciais. O desmatamento na região amazônica está crescendo após uma década de declínio, e a pior seca registrada ameaça racionar a água e a energia do polo industrial do sudeste brasileiro.</p>	<p>Dilma tem pela frente uma assustadora lista de tarefas que inclui: reparar os laços com os Estados Unidos, abalados pela revelação em 2013 de que espões norte-americanos haviam grampeado telefonemas presidenciais; conter o desmatamento na região amazônica que está crescendo após uma década de declínio; e tomar medidas para combater a pior seca registrada que ameaça racionar a água e a energia do polo industrial do sudeste.</p>
---	---	---



Apesar de ter excluído informações que descreviam algumas das empresas brasileiras (ver comentários sobre o Texto 1), em um momento, nesse texto, eu acrescentei dados, por se tratar de uma consultoria internacional. No fragmento “*thinks João Castro Neves of Eurasia Group, a consultancy*” eu acrescentei informações sobre a consultoria pensando em meu público-alvo. O trecho traduzido ficou “segundo João Castro Neves do Eurasia Group, a maior consultoria de riscos políticos do mundo”. Creio que, por meio dessa estratégia, o texto cumpre melhor com sua função informativa.

Ainda relacionado ao acréscimo de conteúdo, houve um trecho do texto em que adicionei uma informação que acabou modificando o sentido do texto original. Após ter percebido isso, omiti esse acréscimo para manter o padrão de tentar manter ao máximo somente o conteúdo dado pelo texto-fonte, como proposto pela encomenda de tradução.

Original	Primeira tradução	Tradução final
<i>Ms Rousseff has made a start by recruiting Joaquim Levy</i>	Dilma Rousseff começou bem, recrutando Joaquim Levy	Dilma Rousseff começou, recrutando Joaquim Levy

### Texto 7 – Em um atoleiro

#### Texto original

Brazil

In a quagmire

Latin America’s erstwhile star is in its worst mess since the early 1990s

Feb 26th 2015

CAMPAIGNING for a second term as Brazil’s president in an election last October, Dilma Rousseff painted a rosy picture of the world’s seventh-biggest economy.

#### Tradução

Brasil

Em um atoleiro

A outrora estrela da América Latina vive sua pior bagunça desde o início de 1990

26 fev. 2015

Ao fazer campanha para tentar o segundo mandato como presidente, na eleição de outubro do ano passado, Dilma Rousseff pintou um cenário positivo da sétima maior economia do mundo.

Full employment, rising wages and social benefits were threatened only by the nefarious neoliberal plans of her opponents, she claimed.

Just two months into her new term, Brazilians are realising that they were sold a false prospectus.

Brazil's economy is in a mess, with far bigger problems than the government will admit or investors seem to register.

The torpid stagnation into which it fell in 2013 is becoming a full-blown—and probably prolonged—recession, as high inflation squeezes wages and consumers' debt payments rise.

Investment, already down by 8% from a year ago, could fall much further.

A vast corruption scandal at Petrobras, the state-controlled oil giant, has ensnared several of the country's biggest construction firms and paralysed capital spending in swathes of the economy, at least until the prosecutors and auditors have done their work.

The real has fallen by 30% against the dollar since May 2013: a necessary shift, but one that adds to the burden of the \$40 billion in

Segundo ela, o pleno emprego, o aumento dos salários e os benefícios sociais estavam sendo ameaçados apenas pelos nefastos planos neoliberais de seus oponentes.

Passados apenas dois meses em seu novo mandato, os brasileiros estão percebendo que foram enganados por uma falsa prospectiva.

A economia do Brasil está uma bagunça, com problemas muito maiores do que o governo vai admitir ou que investidores parecem registrar.

A lenta estagnação econômica em que o país se encontrava em 2013 está se tornando uma constante – e provavelmente prolongada – recessão, a medida que a inflação mina os salários, e as dívidas dos consumidores aumentam.

Os investimentos, já 8% menores do que no ano passado, podem diminuir ainda mais.

Um enorme escândalo de corrupção na Petrobras tem engessado várias das maiores empreiteiras do país, paralisando os gastos em vários setores da economia, pelo menos até que os procuradores e auditores façam seu trabalho, investigando-as.

O real caiu 30% em relação ao dólar desde maio de 2013: uma desvalorização necessária, mas que aumenta o fardo dos

foreign debt owed by Brazilian companies that falls due this year.	US\$ 40 bilhões em dívida externos já adquiridos por empresas brasileiras (com vencimento ainda neste ano).
Escaping this quagmire would be hard even with strong political leadership.	Escapar deste atoleiro seria difícil até mesmo com uma forte liderança política.
Ms Rousseff, however, is weak.	Dilma, porém, é fraca.
She won the election by the narrowest of margins.	Ela ganhou a eleição pela menor margem em corridas presidenciais brasileiras.
Already, her political base is crumbling.	A sua base política já está se desintegrando.
According to Datafolha, a pollster, her approval rating fell from 42% in December to 23% this month.	De acordo com o Datafolha, o seu índice de aprovação caiu de 42% em dezembro para 23% este mês.
She has been hurt both by the deteriorating economy and by the Petrobras scandal, which involves allegations of kickbacks of at least \$1 billion, funnelled to politicians in her Workers' Party (PT) and its coalition partners.	Ela foi atingida tanto pela deterioração da economia quanto pelo escândalo da Petrobras, que envolve acusações de recebimento de propinas de pelo menos US\$ 1 bilhão, repassadas para políticos de seu partido (PT) e membros da coalizão.
For much of the relevant period Ms Rousseff chaired Petrobras's board.	Durante grande parte do escândalo, Dilma presidiu o conselho de administração da Petrobras.
If Brazil is to salvage some benefits from her second term, then she needs to take the country in an entirely new direction.	Caso o Brasil queira colher alguns frutos de seu segundo mandato, ela precisa então conduzir o país em uma direção totalmente nova.
Levy to the rescue?	Levy ao resgate?
Brazil's problems are largely self-inflicted.	Os problemas do Brasil são em grande parte causados pelo próprio país.

In her first term Ms Rousseff espoused a tropical state-capitalism that involved fiscal laxity, opaque public accounts, competitiveness-sapping industrial policy and presidential meddling in monetary policy.

Last year her re-election campaign saw a doubling of the fiscal deficit, to 6.75% of GDP.

To her credit, Ms Rousseff has at least recognised that Brazil needs more business-friendly policies if it is to retain its investment-grade credit rating and return to growth.

This realisation is personified by her new finance minister, Joaquim Levy, a Chicago-trained economist and banker and one of the country's rare economic liberals.

However, Brazil's past failure to deal promptly with macroeconomic distortions has left Mr Levy to grapple with a recessionary trap.

To stabilise gross public debt, he has promised a whopping fiscal squeeze of almost two percentage points of GDP this year.

No seu primeiro mandato, Dilma adotou um capitalismo típico de Estados “tropicais” que envolveu frouxidão fiscal, contas públicas obscuras, uma política industrial que enfraqueceu a competitividade e a intromissão presidencial na política monetária.

No ano passado, sua campanha de reeleição viu o déficit fiscal dobrar para 6,75% do PIB.

Pelo menos Dilma reconheceu que o Brasil precisa de mais políticas favoráveis às empresas, caso queira manter a nota de crédito do país pelas agências de rating e fazer o Brasil voltar a crescer.

Esse entendimento é personificado pela escolha do novo ministro da Fazenda, Joaquim Levy, economista e banqueiro formado em Chicago e um dos raros economistas liberais do país.

No entanto, o prévio fracasso do Brasil em lidar rapidamente com mudanças macroeconômicas deixou Joaquim Levy responsável por enfrentar a armadilha da recessão.

Para estabilizar a dívida pública bruta, Levy prometeu um aperto fiscal colossal de quase dois pontos percentuais do PIB este ano.

Part of this is coming from the removal of an electricity subsidy and the reimposition of fuel duty.	Parte dessa medida provém da remoção de um subsídio energético e do restabelecimento de impostos sobre os combustíveis.
Both measures have helped to push inflation to 7.4%.	Ambas as medidas têm ajudado a empurrar a inflação para 7,4%.
He also plans to curb subsidised lending by public banks to favoured sectors and firms.	Ele também planeja reduzir empréstimos subsidiados pelos bancos públicos para setores e empresas favorecidas.
Ideally, Brazil would offset this fiscal squeeze with looser monetary policy.	Em um cenário ideal, o Brasil iria compensar esse aperto fiscal com uma política monetária mais frouxa.
But because of the country's hyperinflationary past, as well as more recent mistakes—the Central Bank bent to the president's will, ignored its inflation target and foolishly slashed its benchmark rate in 2011-12—the room for manoeuvre today is limited.	Mas por causa do passado hiperinflacionário do país, bem como pelos erros mais recentes, o Banco Central se curvou à vontade da presidente, ignorou sua meta de inflação e estupidamente cortou sua taxa de referência em 2011-12 – hoje o espaço para manobras desse gênero é limitado.
With inflation still above its target, the Central Bank cannot cut its benchmark rate from today's level of 12.25% without risking further loss of credibility and sapping investor confidence.	Com a inflação ainda acima da meta, o Banco Central não poderá cortar sua taxa de referência a partir do nível atual de 12,25%, sem arriscar ainda mais a perda de credibilidade, além de corroer a confiança dos investidores.
A fiscal squeeze and high interest rates spell pain for Brazilian firms and households and a slower return to growth.	Aperto fiscal e altas taxas de juros significam sofrimento para empresas e famílias brasileiras, além de um retorno mais lento ao crescimento.

<p>What makes this adjustment perilous is the political fragility of Ms Rousseff herself.</p>	<p>O que torna essa fórmula perigosa é a fragilidade política da própria presidente Dilma.</p>
<p>On paper she won a comfortable, though reduced, legislative majority in the October election.</p>	<p>No papel, ela ganhou uma grande, embora posteriormente reduzida, maioria legislativa nas eleições de outubro.</p>
<p>Yet the PT is already grumbling about Mr Levy's fiscal policies—partly because the campaign did not lay the ground for them.</p>	<p>No entanto, o PT já está resmungando sobre as políticas fiscais de Levy – em parte, porque a campanha não preparou o terreno para elas.</p>
<p>Ms Rousseff suffered a crushing defeat on February 1st in an election for the politically powerful post of head of the lower house of Congress.</p>	<p>No dia 1º de fevereiro, Dilma sofreu uma derrota esmagadora na eleição para presidente da Câmara dos Deputados, cargo de grande poder político.</p>
<p>Eduardo Cunha, who vanquished the PT's man, will pursue his own agenda, not hers.</p>	<p>Eduardo Cunha, que venceu o candidato do PT, seguirá sua própria agenda, e não a dela.</p>
<p>Not for the first time, Brazil may be in for a period of semi-parliamentary government.</p>	<p>Não é a primeira vez que o Brasil poderá vivenciar um período de governo semiparlamentar.</p>
<p>The country thus faces its biggest test since the early 1990s.</p>	<p>Diante desse cenário, o país enfrenta seu maior teste desde o início dos anos 1990.</p>
<p>The risks are clear.</p>	<p>Os riscos são claros.</p>
<p>Recession and falling tax revenue may undermine Mr Levy's adjustment.</p>	<p>Recessão e redução das receitas fiscais podem comprometer os ajustes previstos por Levy.</p>
<p>Any backsliding may in turn prompt a run on the real and a downgrade in Brazil's</p>	<p>Qualquer retrocesso, por sua vez, pode levar a uma corrida ao real e a um rebaixamento na classificação da nota de crédito do Brasil,</p>

credit rating, raising the cost of financing for government and companies alike.

Were Brazil to see a repeat of the mass demonstrations of 2013 against corruption and poor public services, Ms Rousseff might be doomed.

From weakness, opportunity.

Yet the president's weakness is also an opportunity—and for Mr Levy in particular.

He is now indispensable.

He should build bridges to Mr Cunha, while making it clear that if Congress tries to extract a budgetary price for its support, that will lead to cuts elsewhere.

The recovery of fiscal responsibility must be lasting for business confidence and investment to return.

But the sooner the fiscal adjustment sticks, the sooner the Central Bank can start cutting interest rates.

More is needed for Brazil to return to rapid and sustained growth.

It may be too much to expect Ms Rousseff to overhaul the archaic labour laws that have helped to throttle productivity, but she

elevando o custo do financiamento para o governo e para as empresas.

Caso o país reviva as manifestações em massa de 2013 contra a corrupção e os precários serviços públicos, Dilma Rousseff pode cair em desgraça.

Da fragilidade, oportunidade

No entanto, a fraqueza da presidente se torna também uma oportunidade – especialmente para Joaquim Levy.

Agora, ele é indispensável.

O Ministro da Fazenda deve estabelecer laços com Eduardo Cunha, deixando claro que, se o Congresso tentar cobrar algo pelo apoio, isso implicará cortes em todas as áreas.

A recuperação da responsabilidade fiscal deve ser duradoura para que a confiança das empresas e os investimentos retornem.

Quanto antes os ajustes fiscais forem aceitos, mais cedo o Banco Central pode começar a cortar as taxas de juros.

Contudo, mais medidas são necessárias para que o Brasil retome o crescimento rápido e sustentável.

Esperar que Dilma reformule as arcaicas leis trabalhistas que ajudaram a estrangular a produtividade pode ser esperar demais,

should at least try to simplify taxes and cut mindless red tape. mas ela deve pelo menos tentar simplificar os impostos e reduzir a absurda burocracia.

There are tentative signs that the government will scale back industrial policy and encourage more international trade in what remains an over-protected economy. Há sinais de que o governo vai reduzir a política industrial e fomentar o comércio internacional, que ainda permanece uma economia muito protegida.

Brazil is not the only member of the BRICS quintet of large emerging economies to be in trouble. O país não é o único membro do quinteto de países emergentes que está em apuros.

Russia's economy, in particular, has been battered by war, sanctions and dependence on oil. A economia da Rússia, em especial, tem sido afetada por guerras, sanções e dependência do petróleo.

For all its problems, Brazil is not in as big a mess as Russia. Apesar de todos os seus problemas, o Brasil não está tão bagunçado quanto a Rússia.

It has a large and diversified private sector and robust democratic institutions. O Brasil tem um grande e diversificado setor privado e instituições democráticas fortes.

But its woes go deeper than many realise. Mas seus problemas estão mais embaixo do que muitos imaginam.

The time to put them right is now. O momento de solucioná-los é agora.



## Reflexões do processo tradutório

HOME  
**NOTÍCIAS**  
 Manchetes  
 Mundo  
 Negócios  
 Esportes  
 Cultura  
 Brasil  
 Internet  
**ÍNDICES**  
 Produtos e Serviços  
 Support  
 Sobre a Thomson Reuters

# Morgan Stanley pagará US\$3,2 bi para pôr fim a processos ligados à crise financeira

quinta-feira, 11 de fevereiro de 2016 14:24 BRST

Imprimir [-] Texto [+]

Por Sarah N. Lynch

WASHINGTON (Reuters) - O Morgan Stanley deve pagar 3,2 bilhões de dólares para resolver acusações federais e estaduais de que enganou investidores sobre títulos lastreados em hipotecas residenciais que colapsaram durante a crise financeira, disse o escritório do procurador-geral de Nova York nesta quinta-feira.

O caso remonta a uma investigação da Residential Mortgage-Backed Securities Group, força-tarefa federal e estadual conjunta revelada em 2012 pelo presidente Barack Obama, que serve para investigar possível má conduta na crise financeira.

Dos 3,2 bilhões de dólares a serem pagos, 550 milhões serão destinados para Nova York.

O processo alega que o Morgan Stanley **pintou um quadro róseo** para investidores sobre a qualidade das hipotecas residenciais que havia securitizado, embora os empréstimos tivessem falhas relevantes.

**Figura 8:** Reportagem de 11 fev 2016 “Morgan Stanley pagará US\$ 3,2 bi para pôr fim a processos ligados à crise financeira” (REUTERS)

Na reportagem acima, a *ReutersBrasil* utilizou o termo “quadro róseo” com o mesmo significado do jornal *The Economist*: “*Dilma Rousseff painted a rosy picture of the world’s seventh-biggest economy*”. No entanto, minha opção para o mesmo termo não foi essa, pois, com exceção da ocorrência nessa reportagem, não encontrei em mais nenhum lugar a expressão “quadro róseo” em português com a definição de “fazer algo parecer muito melhor”. Por esse motivo, minha tradução para a passagem foi: “Dilma Rousseff pintou um cenário positivo da sétima maior economia do mundo”.

Houve certa dúvida quanto à forma de traduzir o subtópico *Levy to the rescue?*, isto é, eu não sabia se iria manter o sobrenome do ex-ministro da Fazenda ou se também colocaria o seu primeiro nome: “Joaquim”. Pensei nessa possibilidade por achar que, a princípio, meu público pudesse ter dificuldade para identificar quem seria “Levy”. No entanto, ao voltar novamente para minha “encomenda”, constatei que isso não iria acontecer, já que no texto 6 o jornal *The Economist* mencionava o ex-ministro da Fazenda diversas vezes. Minha decisão de traduzir o trecho para “Levy ao resgate?” é corroborada pela notícia do dia 18 de

dezembro de 2015, da revista Carta Capital, intitulada “Nelson Barbosa substitui Joaquim Levy na Fazenda” – ao longo do texto, aparece várias vezes somente o nome “Levy”.

← → ↻ ⓘ <https://www.cartacapital.com.br/politica/nelson-barbosa-substitui-joaquim-levy-na-fazenda>

(R\$ 24 bilhões).

A mudança foi apresentada pelo relator da proposta, o deputado Ricardo Teobaldo (PTB-PE), depois de negociações com o governo, com o objetivo impedir o corte de R\$ 10 bilhões do programa Bolsa Família.

**Levy** sempre defendeu que a meta fiscal ficasse em 0,7%, tendo, inclusive, feito um apelo aos líderes partidários, na última segunda-feira 14, para que trabalhassem pela aprovação de três medidas provisórias que aumentariam receitas, evitando, assim, o corte do Bolsa Família e de outros programas sociais, proposto anteriormente pelo relator do Orçamento, deputado Ricardo Barros (PP-PR). Na ocasião, **Levy** também reafirmou o compromisso do governo com a meta de esforço fiscal em 0,7% do PIB (PIB).

A demissão de **Levy** vem ao encontro da demanda de vários movimentos sociais, que criticavam a condução do ajuste em prejuízo a direitos dos trabalhadores. Por diversas vezes, especulou-se que o próprio Joaquim **Levy** pudesse pedir demissão, já que algumas de suas opiniões, no sentido de aumentar o rigor do ajuste fiscal, eram contestadas pela própria presidenta Dilma.

**Levy**, que ocupou o cargo por menos de um ano, foi o responsável pela execução de medidas de ajuste fiscal do governo praticadas nos últimos meses, algumas das quais ainda não foram aprovadas pelo Congresso Nacional.

**Figura 9:** Reportagem de 18 dez 2015 “Nelson Barbosa substitui Joaquim Levy na Fazenda” (CARTA CAPITAL)

Um problema interessante que apareceu foi a tradução do trecho a seguir: “*But its (Brazil) woes go deeper than many realise*”. Apesar de a minha tradução inicial ter sido “Mas seus problemas são muito mais profundos do que muitos imaginam” e de eu estar feliz com ela, foi durante uma conversa com minha mãe, em que ela utilizou a expressão “muito mais embaixo”, que eu tive o insight de como seria uma melhor tradução para esse trecho. No entanto, ao traduzir o fragmento para “Mas seus problemas estão ainda mais embaixo do que muitos imaginam”, ainda fiquei com uma dúvida se dessa forma não ficaria muito informal para meu público-alvo. Essa dúvida permaneceu comigo até eu ter acesso a uma notícia da revista Exame, que foi determinante para minha escolha final:

REVISTA EXAME

## O problema dos negócios de Eike Batista é mais embaixo

A parceria com o BTG Pactual pode ser um socorro para Eike Batista aliviar as finanças de seu grupo. Mas está longe de resolver os problemas das empresas "X" — o maior deles: encontrar petróleo no fundo do mar

Por Roberta Paduan, Maria Luiza Filgueiras  
 © 14 mar 2013, 06h00

**Figura 10:** Reportagem de 14 mar 2012 “O problema dos negócios de Eike Batista é mais embaixo”  
 (EXAME)

### Texto 8 – *A queda do Brasil*

#### Texto original

Latin America Brazil's fall

Disaster looms for Latin America's biggest economy

Jan 2nd 2016

AT THE start of 2016 Brazil should be in an exuberant mood.

Rio de Janeiro is to host South America's first Olympic games in August, giving Brazilians a chance to embark on what they do best: throwing a really spectacular party.

Instead, Brazil faces political and economic disaster.

#### Tradução

A queda do Brasil

Um desastre emerge na maior economia da América Latina

2 jan. 2016

No início de 2016, o Brasil deveria estar se sentindo grandioso.

O Rio de Janeiro vai sediar os primeiros Jogos Olímpicos da América do Sul em agosto, dando oportunidade para que os brasileiros iniciem o que fazem de melhor: organizar uma festa espetacular.

Em vez disso, o Brasil enfrenta um desastre político e econômico.

On December 16th Fitch became the second of the three big credit-rating agencies to downgrade Brazil's debt to junk status.

Days later Joaquim Levy, the finance minister appointed by the president, Dilma Rousseff, to stabilise the public finances, quit in despair after less than a year in the job.

Brazil's economy is predicted to shrink by 2.5-3% in 2016, not much less than it did in 2015.

Even oil-rich, sanction-racked Russia stands to do better.

At the same time, Brazil's governing coalition has been discredited by a gargantuan bribery scandal surrounding Petrobras, a state-controlled oil company.

And Ms Rousseff, accused of hiding the size of the budget deficit, faces impeachment proceedings in Congress.

As the B in BRICS, Brazil is supposed to be in the vanguard of fast-growing emerging economies.

Instead it faces political dysfunction and perhaps a return to rampant inflation.

No dia 16 de dezembro, a Fitch tornou-se a segunda das três grandes agências de classificação de risco a rebaixar a nota do Brasil ao status de "lixo".

Dias depois, Joaquim Levy, ministro da Fazenda nomeado pela presidente Dilma Rousseff para estabilizar as contas públicas, desesperadamente renunciou depois de menos de um ano no cargo.

A previsão é de que a economia brasileira decresça em torno de 2,5% a 3% em 2016, não muito menos do que em 2015.

Até a Rússia, que é rica em petróleo e repleta de sanções punitivas, vai crescer mais que isso.

Ao mesmo tempo, a coligação governamental brasileira tem sido desacreditada graças a um gigantesco escândalo de corrupção envolvendo a Petrobras.

Acusada de esconder o tamanho do rombo financeiro, Dilma Rousseff enfrenta um processo de impeachment no Senado.

Representando o "B" na sigla BRICS, o Brasil deveria estar na vanguarda do crescimento das economias emergentes.

Em vez disso, enfrenta uma turbulência política e, talvez, o retorno à inflação desenfreada.

Only hard choices can put Brazil back on course. Somente decisões rígidas podem colocar o Brasil de volta ao rumo.

Just now, Ms Rousseff does not seem to have the stomach for them. Mas, atualmente, Dilma parece não ter o estômago para isso.

Dismal Dilma

Um melancólica Dilma

Brazil's suffering, like that of other emerging economies, stems partly from the fall in global commodity prices.

O sofrimento do Brasil, como o de outras economias emergentes, decorre, em parte, da queda dos preços mundiais das commodities.

But Ms Rousseff and her left-wing Workers' Party (PT) have made a bad situation much worse.

Mas Dilma e seu Partido dos Trabalhadores (PT) agravaram muito a situação.

During her first term, in 2011-14, she spent extravagantly and unwisely on higher pensions and unproductive tax breaks for favoured industries. Durante seu primeiro mandato fez gastos extravagantes e insensatos com a previdência e forneceu incentivos fiscais a indústrias favorecidas.

The fiscal deficit swelled from 2% of GDP in 2010 to 10% in 2015. O déficit orçamental cresceu de 2% em 2010 para 10% do PIB em 2015.

Brazil's crisis managers do not have the luxury of waiting for better times to begin reform (see article). Os gestores da crise do Brasil não têm o luxo de esperar por tempos melhores para dar início à reforma.

At 70% of GDP, public debt is worryingly large for a middle-income country and rising fast. A dívida pública, que já beira 70% do PIB, é preocupantemente grande para um país de renda média e está crescendo rapidamente.

Because of high interest rates, the cost of servicing it is a crushing 7% of GDP. Devido às altas taxas de juros, o custo para mantê-la é de 7% do PIB.

The Central Bank cannot easily use monetary policy to fight inflation, currently O Banco Central não pode simplesmente usar a política monetária para combater a

10.5%, as higher rates risk destabilising the public finances even more by adding to the interest bill.	inflação, atualmente em 10,5%, já que as altas taxas podem desestabilizar ainda mais as contas públicas, aumentando a taxa de juros.
Brazil therefore has little choice but to raise taxes and cut spending.	Portanto, o Brasil tem poucas alternativas senão aumentar impostos e cortar gastos.
Mr Levy made a game attempt to renovate the building while putting out the fire.	Levy tentou reformar o ministério enquanto apagava o fogo.
He trimmed discretionary spending by a record 70 billion reais (\$18 billion) in 2015 and tightened eligibility for unemployment insurance.	Cortou as despesas discricionárias em 70 bilhões de reais (US\$ 18 bilhões) em 2015, um recorde, e restringiu o acesso ao seguro-desemprego.
But it was not enough.	No entanto, isso não foi o suficiente.
The recession dragged down tax revenues.	A recessão reduziu as receitas fiscais.
Ms Rousseff gave her finance minister only lukewarm support and the PT was hostile towards him.	Dilma deu apenas um apoio apático ao seu ministro da Fazenda, e o PT foi hostil com ele.
The opposition, intent on ousting the president, was in no mood to co-operate.	A oposição, focada em derrubar a presidente, não estava disposta a cooperar.
Although he was a senior treasury official during Ms Rousseff's disastrous first term, Nelson Barbosa may be able to accomplish more as finance minister.	Apesar de ser um funcionário do alto escalão do Tesouro Nacional durante o desastroso primeiro mandato de Dilma, Nelson Barbosa talvez possa ser capaz de realizar mais como ministro da Fazenda.
He has political support within the PT. He also has bargaining power, because Ms Rousseff cannot afford to lose another finance minister.	Nelson Barbosa tem apoio político no PT, ele também tem poder de negociação, porque Dilma Rousseff não se pode dar ao luxo de perder outro ministro da Fazenda.

One early test will be whether Mr Barbosa persuades a recalcitrant Congress to reinstate an unpopular financial-transactions tax.

Um dos primeiros testes será conseguir persuadir um Congresso recalcitrante a restabelecer um imposto impopular sobre transações financeiras.

A central target should be pensions.

O alvo principal deve ser as aposentadorias.

The minimum benefit is the same as the minimum wage, which has risen by nearly 90% in real terms over the past decade.

O benefício mínimo é igual ao salário mínimo, que subiu quase 90% em termos reais na última década.

Women typically retire when they are 50 and men stop work at 55, nearly a decade earlier than the average in the OECD (a club of mostly rich countries).

As mulheres, geralmente, aposentam-se com 50 anos, e os homens param de trabalhar aos 55, quase uma década antes da média dos países-membros da OCDE (um grupo formado principalmente por países ricos).

Brazil's government pays almost 12% of GDP to pensioners, a bigger share than older, richer Japan.

O governo do Brasil paga quase 12% do PIB aos aposentados, uma parcela maior do que no Japão, que é mais rico e tem uma população mais velha.

If Brazil is to fulfil its promise, much, much more is needed.

Para que o Brasil cumpra sua promessa, é preciso muito, muito mais.

A typical manufacturing firm spends 2,600 hours a year complying with the country's ungainly tax code; the Latin American average is 356.

Uma típica empresa manufatureira gasta 2.600 horas por ano para cumprir com o estranho código tributário brasileiro; a média da América Latina é de 356 horas.

Labour laws modelled on those of Mussolini make it expensive for firms to fire even incompetent employees.

As leis trabalhistas, baseadas nas de Mussolini, tornam caro para as empresas até mesmo demitir funcionários incompetentes.

Brazil has shielded its firms from international competition.

O Brasil blindou suas empresas da concorrência internacional.

That is one reason why, among 41 countries whose performance was measured by the OECD, its manufacturing productivity is the fourth-lowest.

To reform work and pensions, Ms Rousseff must face up to problems that have been decades in the making.

Some 90% of public spending is protected from cuts, partly by the constitution which, in 1988, celebrated the end of military rule by enshrining generous job protection and state benefits.

Because it is so hard to reform, Brazil's public sector rivals European welfare states for size but emerging ones for inefficiency.

Long a drain on economic vitality, Brazil's overbearing state is now a chief cause of the fiscal crisis.

Overcoming such deep-rooted practices would be hard for any government.

In Brazil it is made all the harder by a daft political system, which favours party fragmentation and vote-buying and attracts political mercenaries who have little

Essa é uma razão pela qual, entre os 41 países cujo desempenho foi medido pela OCDE, sua produtividade manufatureira é a quarta mais baixa.

Para reformar as leis trabalhistas e as aposentadorias, Dilma tem de encarar os problemas que há décadas estão sendo criados.

Cerca de 90% dos gastos públicos são protegidos contra cortes, em parte, pela Constituição de 1988, que comemorou o fim do regime militar consagrando, portanto, uma generosa proteção ao emprego e benefícios federais.

Por ser tão difícil fazer reforma, o setor público do Brasil rivaliza com os Estados europeus de bem-estar quanto ao tamanho, mas com os emergentes quanto à ineficiência.

Vê-se há tempo uma perda de vitalidade econômica, o Estado inflado do Brasil é agora uma das principais causas da crise fiscal.

Superar tais práticas profundamente arraigadas seria difícil para qualquer governo.

No Brasil, isso se torna ainda mais difícil graças a um insensato sistema político, que favorece a fragmentação partidária, a compra de votos e atrai mercenários



commitment either to party or to programme. políticos que têm pouco compromisso com os partidos ou com seus programas.

The threshold (limite/patamar) for a party to enter the lower house of Congress is low; today 28 are represented, adding to the legislative gridlock. O limite de votos mínimos para um partido entrar na Câmara dos Deputados é baixo; hoje, 28 partidos estão representados, isso somado ao obstrucionismo do legislativo.

Congressmen represent entire states, some as populous as neighbouring Latin American countries, which makes campaigning ruinously expensive—one reason why politicians skimmed off huge amounts of money from Petrobras. Os congressistas representam estados inteiros, alguns tão populosos quanto os seus países vizinhos da América Latina, o que torna as campanhas ruinosamente caras – uma das razões pelas quais os políticos conseguiram grandes quantidades de dinheiro da Petrobras.

It is therefore hard, despite Mr Barbosa's advantages, to feel optimistic about the prospects for deep reform. Logo, é difícil, apesar das vantagens de Nelson Barbosa, sentir-se otimista quanto às perspectivas de reformas profundas.

Voters hold politicians in contempt. Os eleitores veem os políticos com desdém.

The opposition is bent on impeaching Ms Rousseff, a misguided battle that could dominate the political agenda for months. A oposição está empenhada em realizar o impeachment da presidente, uma batalha equivocada que pode reger a agenda política por meses.

The PT has no appetite for austerity. O PT não tem apetite por “austeridade”.

Achieving the three-fifths support in both houses of Congress needed for constitutional reforms will be a tall order. Conseguir o apoio no Congresso, de três quintos necessários para fazer reformas constitucionais, será uma tarefa difícil.

Reckless Rousseff

A presidente imprudente

And if Ms Rousseff fails to bring about change? E se Dilma Rousseff falhar em promover mudanças?

Most of Brazil's borrowing is in local currency, which makes default unlikely.	A maioria dos empréstimos do Brasil é em moeda local, fazendo com que a inadimplência seja improvável.
Instead, the country may end up inflating away its debts.	Em vez disso, o país pode acabar inflacionando suas dívidas.
Brazil's achievement has been to lift tens of millions of people out of rag-and-flip-flop poverty.	A conquista do Brasil tem sido a de tirar dezenas de milhões de pessoas da pobreza.
Recession will halt that, or even begin to reverse it.	A recessão vai interromper ou mesmo começar a reverter esse cenário.
The hope is that Brazil, which has achieved hard-won economic and democratic stability, does not lapse once again into chronic mismanagement and turmoil.	A esperança é que o Brasil, que conquistou a difícil estabilidade econômica e democrática, não volte a sucumbir à crônica má gestão e turbulência.

### **Reflexões do processo tradutório**

O fragmento “*Rio de Janeiro is to host South America's first Olympic games in August*” foi inicialmente traduzido para: “O Rio de Janeiro vai sediar os primeiros Jogos Olímpicos da América Latina”. Como é de conhecimento geral, *South America* não significa “América Latina”. Cometi esse equívoco por falta de atenção e talvez por logo no subtítulo – “A queda do Brasil: um desastre na maior economia da América Latina” – o jornal ter mencionado América Latina. Se, na minha revisão final, eu não tivesse prestado atenção nisso, além de uma incoerência nos significados das palavras, eu iria cometer um erro informacional, já que os primeiros Jogos Olímpicos na América Latina ocorreram em 1968, no México. Com isso, quero demonstrar a importância de se fazer uma revisão minuciosa da tradução.

Como não é muito comum vermos frases muito curtas na língua portuguesa, como acontece no trecho abaixo em inglês, juntei as duas frases a seguir, visando a uma maior coesão do texto-alvo – apesar de a encomenda de tradução focar em manter a estrutura do texto original.

He has political support within the PT. He also has bargaining power, because Ms Rousseff cannot afford to lose another finance minister.	Ele tem apoio político do PT e também tem poder de negociação, porque Dilma Rousseff não se pode dar ao luxo de perder outro ministro da Fazenda.
---	---

Por fim, uma última dificuldade foi a extensa pesquisa para encontrar o significado do termo *gridlock*. No âmbito da política, esse termo refere-se a uma situação na qual se cria uma dificuldade para aprovar leis, o que leva a uma “paralisia” decisória no congresso nacional. A tradução para *gridlock* foi “obstrucionismo”, termo utilizado em ciências políticas para designar a prática de se criar obstáculos e empecilhos de maneira sistemática para retardar ou impedir a aprovação de uma lei em um parlamento(congresso nacional). Assim, a tradução do trecho completo ficou da seguinte forma:

<i>The threshold for a party to enter the lower house of Congress is low; today 28 are represented, adding to the legislative gridlock.</i>	O limite de votos mínimos para um partido entrar na Câmara dos Deputados é baixo; hoje, 28 partidos estão representados, isso somado ao obstrucionismo do legislativo.
---	--

### Texto 9 – *Hora de ir*

<b>Texto original</b>	<b>Tradução</b>
Brazil’s political crisis	A crise política do Brasil
Time to go	Hora de ir
The tarnished president should now resign	Agora a presidente maculada deve renunciar
Mar 26th 2016	26 mar. 2016
DILMA ROUSSEFF’S difficulties have been deepening for months.	As dificuldades de Dilma Rousseff vêm se agravando há meses.
The massive scandal surrounding Petrobras, the state-controlled oil giant of which she was once chairman, has implicated some of the people closest to her.	O escândalo colossal em torno da Petrobras da qual foi presidente do conselho de administração, tem envolvido alguns de seus aliados mais próximos.

She presides over an economy suffering its worst recession since the 1930s, largely because of mistakes she made during her first term.

Her political weakness has rendered her government almost powerless in the face of rising unemployment and falling living standards.

Her approval ratings are barely in double digits and millions of Brazilians have taken to the streets to chant “Fora Dilma!”, or “Dilma out!”

And yet, until now, Brazil’s president could fairly claim that the legitimacy conferred by her re-election in 2014 was intact, and that none of the allegations made against her justified her impeachment.

Like the judges and police who are pursuing some of the most senior figures in her Workers’ Party (PT), she could declare with a straight face her desire to see justice done.

Now she has cast away that raiment of credibility (see article).

On March 16th Ms Rousseff made the extraordinary decision to appoint her predecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, to be her chief of staff.

Dilma preside uma economia que passa por sua pior recessão desde a década de 1930, principalmente por causa dos erros cometidos em seu primeiro mandato.

A fragilidade política da presidente deixou o governo praticamente impotente diante do aumento do desemprego e da queda do padrão de vida.

Seu índice de aprovação está por um fio, ainda na casa dos dois dígitos, e milhões de brasileiros foram às ruas gritar “Fora, Dilma!”.

Apesar disso, até agora a presidente poderia de forma justa alegar que a legitimidade conferida por meio da sua reeleição em novembro de 2014 estava intacta e que nenhuma das acusações contra ela justificavam um processo de impeachment.

Tal como os juízes e a polícia estão atrás de algumas das figuras mais importantes de seu partido, o PT, Dilma poderia declarar, sem titubear, que seu maior desejo era de que a justiça fosse feita.

Agora, porém, ela abriu mão do seu manto de credibilidade.

No dia 16 de março, Dilma tomou a extraordinária decisão de nomear seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, ao cargo de ministro-chefe da Casa Civil.

She portrayed this as a shrewd hire.

Isso foi apresentado por ela como uma medida inteligente.

Lula, as he is known to all, is a canny political operator: he could help the president survive Congress's attempt to impeach her and perhaps even stabilise the economy.

Como é do conhecimento geral, Lula é um hábil articulador político: ele poderia ajudá-la a sobreviver à tentativa do Congresso de fazer o impeachment e até mesmo, talvez, a estabilizar a economia.

But just days before, Lula had been briefly detained for questioning at the order of Sérgio Moro, the federal judge in charge of the Petrobras investigation (dubbed *lava jato*, or “car wash”), who suspects that the former president profited from the bribery scheme (see Bello).

No entanto, apenas alguns dias antes, ele ficou detido brevemente para prestar depoimento à Polícia Federal. A medida fora ordenada pelo juiz federal Sérgio Moro, responsável pela Operação Lava Jato, em razão da suspeita de que o ex-presidente tenha se beneficiado do esquema de propinas.

Prosecutors in the state of São Paulo have accused Lula of hiding his ownership of a beach-front condominium.

Promotores do Ministério Público de São Paulo acusam Lula de ocultar a posse de um apartamento à beira-mar.

He denies these charges.

Ele nega essas acusações.

By acquiring the rank of a government minister, Lula would have partial immunity: only the country's supreme court could try him.

Aceitando a posição de ministro, Lula teria algumas imunidades especiais: só o Supremo Tribunal Federal (STF) poderia julgá-lo.

In the event, a judge on the court has suspended his appointment.

Na ocasião, porém, um ministro do STF suspendeu a nomeação.

This newspaper has long argued that either the judicial system or voters—not self-serving politicians trying to impeach her—should decide the president's fate.

Há algum tempo, este jornal vem defendendo que ou o sistema judicial ou os eleitores brasileiros deveriam decidir o destino da presidente, e não os políticos que

querem o seu impeachment por interesses próprios.

But Ms Rousseff's hiring of Lula looks like a crass attempt to thwart the course of justice.

Todavia, a nomeação de Lula configura uma tentativa grosseira de obstrução da Justiça.

Even if that was not her intention, it would be its effect.

Mesmo que não tenha sido sua intenção, foi esse o efeito.

This was the moment when the president chose the narrow interests of her political tribe over the rule of law.

Foi nesse momento que a presidente optou pelos interesses mesquinhos de sua tribo política em detrimento do estado de direito.

She has thus rendered herself unfit to remain president.

Dessa forma, tornou-se inadequada a permanecer no cargo.

Three ways to leave the Planalto

Três maneiras de deixar o Planalto

How she exits the Planalto, the presidential palace, matters greatly.

A forma como sairá do Planalto é de grande importância.

We continue to believe that, in the absence of proof of criminality, Ms Rousseff's impeachment is unwarranted.

Continuamos acreditando que, na ausência de provas de que a presidente tenha cometido ilegalidades, seu impeachment é injustificado.

The proceeding against her in Congress is based on unproven allegations that she used accounting trickery to hide the true size of the budget deficit in 2015.

O processo de impeachment em tramitação no Congresso Nacional baseia-se em alegações não comprovadas de que Dilma recorreu a pedaladas fiscais para ocultar o tamanho real do déficit orçamental brasileiro em 2015.

This looks like a pretext for ousting an unpopular president.

Isso parece mais um pretexto para derrubar uma presidente impopular.

The idea, put forward by the head of the impeachment committee, that congressmen deliberating Ms Rousseff's fate will listen to "the street", would set a worrying precedent.

Representative democracies should not be governed by protests and opinion polls.

There are three ways of removing Ms Rousseff that rest on more legitimate foundations.

The first would be to show that she obstructed the Petrobras investigation.

Allegations by a PT senator that she did so may now form the basis of a second impeachment motion, but they are so far unproven and she denies them; Ms Rousseff's attempt to shield Lula from prosecution may provide further grounds.

A second option would be a decision by Brazil's electoral court to call a new presidential election.

It may do that, if it finds that her re-election campaign in 2014 was financed with bribes channelled through Petrobras executives.

A ideia, proposta pelo presidente da comissão do impeachment, de que os congressistas responsáveis pelo destino de Dilma Rousseff dariam ouvidos "às ruas", estabeleceria um precedente perigoso.

As democracias representativas não devem ser regidas por protestos ou pesquisas de opinião.

Há três maneiras, fundamentadas em bases mais legítimas, para tirar Dilma do poder.

A primeira seria mostrar que ela obstruiu as investigações na Petrobras.

Nesse sentido, as alegações de um senador do PT agora dão suporte a um segundo pedido de impeachment, mas até o momento são infundadas, e a presidente nega as declarações.

A sua tentativa de blindar Lula de ações penais pode dar mais "pano pra manga".

Uma segunda opção seria a convocação de novas eleições presidenciais pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), caso se prove que a campanha de reeleição de Dilma foi financiada por propinas desviadas por executivos da Petrobras.

But this investigation will be drawn out.	Porém, essa investigação ainda deve se estender por algum tempo.
The quickest and best way for Ms Rousseff to leave the Planalto would be for her to resign before being pushed out.	A melhor e mais rápida alternativa para que Dilma saia do Planalto é que ela renuncie ao mandato antes de ser deposta.
Her departure would offer Brazil the chance of a fresh start.	Sua saída ofereceria ao Brasil a chance de um recomeço.
But the president's resignation would not, of itself, solve Brazil's many underlying problems.	Mas a renúncia da presidente, por si só, não solucionaria os muitos dos problemas inerentes do Brasil.
Her place would initially be taken by the vice-president, Michel Temer, leader of the Party of the Brazilian Democratic Movement.	Em um primeiro momento, seu posto seria ocupado pelo vice-presidente Michel Temer – atual líder do PMDB.
Mr Temer could head a national-unity government, including opposition parties, which, in theory, might be able to embark on the fiscal reforms needed to stabilise the economy and close a budget deficit that is close to 11% of GDP.	Temer talvez consiga liderar um governo de união nacional, com a participação de partidos de oposição, os quais, em tese, têm condições de promover as reformas fiscais necessárias à estabilização da economia e à redução do deficit orçamentário, que atualmente está perto de 11% do PIB.
Sadly, Mr Temer's party is as deeply enmeshed in the Petrobras scandal as the PT.	Infelizmente, o partido de Temer está tão profundamente envolvido quanto o PT no escândalo da Petrobras.
Many politicians who would join a unity government, including some from the opposition, are popularly seen as representatives of a discredited ruling class.	Muitos dos políticos que participariam do governo de unidade nacional, incluindo alguns dos partidos de oposição, são vistos pela população como representantes de uma classe dirigente desacreditada.



<p>Of Congress's 594 members, 352 face accusations of criminal wrongdoing.</p>	<p>Dos 594 membros do Congresso, 352 são alvos de infrações criminais.</p>
<p>A new presidential election would give voters an opportunity to entrust reforms to a new leader.</p>	<p>Uma nova eleição presidencial daria aos eleitores a oportunidade de confiar as reformas a um novo líder político.</p>
<p>But even this would leave the rotten legislature in place until 2019.</p>	<p>Mas até mesmo isso deixaria o legislativo corrupto no poder até 2019.</p>
<p>The judiciary, too, has questions to answer.</p>	<p>O judiciário também têm explicações a dar.</p>
<p>Judges deserve great credit for holding Brazil's mightiest businessmen and politicians to account, but they have undermined their cause by flouting legal norms.</p>	<p>O magistrado merece muito crédito por fazer com que os empresários e os políticos mais poderosos prestem contas, mas eles se comprometeram ao ignorar alguns procedimentos legais.</p>
<p>The latest example is Mr Moro's decision to release recorded telephone conversations between Lula and his associates, including Ms Rousseff.</p>	<p>O exemplo mais recente disso é a decisão do juiz Sérgio Moro de divulgar as gravações telefônicas entre Lula e seus aliados, incluindo a presidente Dilma.</p>
<p>Most jurists believe that only the supreme court may divulge conversations in which one of the parties has legal immunity, as the president does.</p>	<p>A maioria dos juristas acredita que somente o STF poderia divulgar conversas em que uma das partes goza de imunidade, como é o caso da presidente.</p>
<p>This does not justify the claim from government supporters that the judges are staging a "coup".</p>	<p>Isso não justifica a declaração dos apoiadores do governo de que a magistratura está encenando um "golpe".</p>
<p>But it makes it easy for lava jato suspects to divert attention from their own misdeeds to the blunders of their pursuers.</p>	<p>No entanto, facilita que os envolvidos na Lava Jato desviem a atenção de seus crimes para as falhas de seus investigadores.</p>

Brazil's war of parties and personalities obscures some of the most important lessons of the crisis. O conflito entre partidos e figuras importantes no Brasil obscurece algumas das lições mais importantes da crise atual.

Both the Petrobras scandal and the economic crash have their origins in misconceived laws and practices that are decades old. Tanto o escândalo da Petrobras quanto a crise econômica que o país atravessa têm origem em leis e práticas mal concebidas, há décadas em vigor.

Getting Brazil out of its mess requires wholesale change: controlling public spending, including on pensions; overhauling growth-crushing tax and labour laws; and reforming a political system that encourages corruption and weakens political parties. Tirar o Brasil do atoleiro demandará mudanças generalizadas, que vão do controle de gastos públicos, incluindo as aposentadorias, até a reformulação das leis trabalhistas e das legislações fiscais que refreiam o crescimento econômico e uma reforma do sistema político vigente que estimula a corrupção e enfraquece os partidos políticos.

These can no longer be put off.

Essas mudanças não podem mais ser adiadas.

Those chanting "Fora Dilma!" on the streets would claim victory if she was ousted. Os que gritam "Fora, Dilma!" nas ruas iriam contar a vitória, caso ela fosse derrubada.

But for Brazil itself to win it would be just the first step.

Mas, para que o Brasil como um todo saia ganhando, isso seria apenas o primeiro passo.

### **Reflexões do processo tradutório**

Os problemas desse texto giraram em torno principalmente de vocabulário e concordância. A primeira dificuldade foi com a palavra *tarnished*, que pode significar, dentre outras coisas, "manchada", "sujada", "embaçada". No entanto, nenhuma dessas palavras se encaixam, sem causar muita estranheza, com "presidente". Minha escolha tradutória para a palavra no trecho "*The tarnished president should now resign*" foi: "Agora a presidente

maculada deve renunciar”. Essa escolha se deu porque um dos significados de “mácula” é “mancha na reputação; o que se considera desonroso” e também por considerar que foi essa a intenção do texto original em inglês.

Outro trecho que tive dificuldades em traduzir foi “*Her approval rates are barely in double digits*”, especialmente em achar um correspondente em português para o significado de “*barely*” e como deixar o fragmento fluente em português. Após algumas pesquisas e várias revisões, seguem o texto original, minha primeira tradução e a tradução final:

<i>Her approval rates are barely in double digits</i>	Seu índice de aprovação se mantém por um fio, ainda na casa dos dois números,	Seu índice de aprovação está por um fio ainda na casa dos dois dígitos,
---	---	---

Por fim, o trecho “*she used accounting trickery to hide the true size of the budget deficit in 2015*” foi inicialmente traduzido para: “Dilma recorreu a artifícios contábeis para ocultar o tamanho real do deficit orçamental brasileiro de 2015”. No entanto, em uma segunda leitura, o termo “artifícios contábeis” soou muito estranho para mim. Com base em algumas reportagens sobre esse momento político do Brasil e sobre como a imprensa brasileira Dilma descrevia esses “*accounting trickery*”, minha tradução final ficou da seguinte maneira: “Dilma recorreu a pedaladas fiscais para ocultar o tamanho real do déficit orçamental brasileiro em 2015”.

EL PAÍS ECONOMIA pedadas

f t

ANA CAROLINA CORTEZ

São Paulo - 30 DEZ 2015 - 21:22 CET

A presidenta Dilma Rousseff decidiu terminar o ano com um ponto final no assunto **das pedadas fiscais**, maquiagem contábil nas contas públicas que serviram de mote para uma série de pedidos de impeachment no Congresso, inclusive o principal deles deflagrado em novembro. Os ministros da Fazenda, Nelson Barbosa, e do Planejamento, Valdir Simão, passaram o começo da semana reunidos com a presidenta para definir como as **pedadas** seriam pagas. No fim, conforme anunciado nesta quarta, o Governo acabou pagando mais do que o **combinado com o Tribunal de Contas da União (TCU)**, o órgão que condenou a estratégia. Enquanto o TCU cobrava 55,6 bilhões de reais, referente ao estoque da dívida até dezembro de 2014, Dilma pagou 72,4 bilhões, saldo acumulado até dezembro de 2015.

Embora apenas 55,6 bilhões de reais sejam considerados "**pedadas**" oficialmente, o Governo decidiu se antecipar e abafar questionamentos futuros do TCU porque o órgão já estava investigando se o esquema das **pedadas** também se repetiu este ano—ou seja, já no atual mandato da presidenta— e esse era um dos argumentos da oposição para dizer que ela teria cometido crime de responsabilidade.

**MAIS INFORMAÇÕES**  
Maquiagem das contas de 2015 ainda é uma incógnita a ser investigada  
Senado dá tempo a Dilma e decisão sobre **pedadas** fiscais fica para 2016



**Figura 11:** Reportagem de 30 dez 2015 “Dilma paga pedadas até de 2015 para enfraquecer argumento do impeachment” (EL PAÍS)

## Texto 10 – A grande traição

### Texto original

Brazil

The great betrayal

Dilma Rousseff has let her country down.

But so has the entire political class

Apr 23rd 2016 | From the print edition

### Tradução

Brasil

A grande traição

Dilma Rousseff decepcionou seu país.

Mas o mesmo fez toda a classe política do Brasil

23 Abril 2016

BRAZIL'S Congress has witnessed some bizarre scenes in its time.

O Congresso brasileiro já foi palco de algumas das cenas mais bizarras de sua época.

In 1963 a senator aimed a gun at his arch-enemy and killed another senator by mistake.

Em 1963, um senador atirou contra seu arqui-inimigo e acabou matando outro senador por engano.

In 1998 a crucial government bill failed when a congressman pushed the wrong button on his electronic voting device.

Em 1998, uma lei governamental não foi passada porque um congressista apertou o botão errado na hora de votar.

But the spectacle in the lower house on April 17th surely counts among the oddest.

Mas o espetáculo que se viu na Câmara no dia 17 de abril certamente figura entre os mais bizarros.

One by one, 511 deputies filed towards a crowded microphone and, in ten-second bursts broadcast to a rapt nation, voted on the impeachment of the president, Dilma Rousseff.

Um a um, 511 deputados apresentaram-se em direção a um microfone abarrotado e, em 10 segundos, gritaram, para uma nação fascinada, seus votos a favor ou contra o impeachment.

Some were draped in Brazilian flags.

Alguns vinham envoltos na bandeira do Brasil.

One launched a confetti rocket.

Um deles chegou a soltar um rojão de confetes.

Many gushed dedications to their home towns, religions, pet causes—and even Brazil's insurance brokers.

Muitos dedicaram, com excessivo entusiasmo, o voto a suas cidades, religiões e causas prediletas – até mesmo para os corretores de seguros.

The motion to forward charges against Ms Rousseff to the Senate for trial passed by 367 votes to 137, with seven abstentions.

A petição para o Senado dar prosseguimento às acusações contra Dilma foi aprovada por 367 votos a favor, 137 contra e 7 abstenções.

The vote comes at a desperate time.	A decisão acontece em um momento particularmente difícil.
Brazil is struggling with its worst recession since the 1930s.	O Brasil enfrenta sua pior crise econômica desde os anos 1930.
GDP is expected to shrink by 9% from the second quarter of 2014, when the recession started, to the end of this year.	Entre o segundo trimestre de 2014, quando teve início a recessão, e o fim deste ano, o PIB brasileiro deve sofrer retração de 9%.
Inflation and the unemployment rate are both around 10%.	As taxas de inflação e desemprego encontram-se ambas na casa dos 10%.
The failure is not only of Ms Rousseff's making.	Dilma não é a única responsável pela calamidade.
The entire political class has let the country down through a mix of negligence and corruption.	Com um misto de negligência e corrupção, toda a classe política traiu a boa-fé dos brasileiros.
Brazil's leaders will not win back the respect of its citizens or overcome the economy's problems unless there is a thorough clean-up.	A menos que se faça uma faxina geral, os líderes do país não conseguirão recuperar o respeito de seus cidadãos e não terão como superar os problemas econômicos.
<b>Ditching Dilma</b>	<b>Dispensando Dilma</b>
Sunday's vote was not the end of Ms Rousseff, but her departure cannot now be far off.	A votação de domingo não foi o fim da linha para Dilma, mas não há como imaginar que ela vá permanecer por muito mais tempo no cargo.
Brazil ought not to mourn her.	Os brasileiros não devem chorar por ela.
Incompetence in her first term in office, from 2011 to 2014, has made the country's economic plight incomparably worse.	A incompetência no seu primeiro mandato, de 2011 a 2014, agravou e muito a situação econômica do país.

Her Workers' Party (PT) is a prime mover behind a gargantuan bribery scheme centred on Petrobras, the state-controlled oil company, which channelled money from contractors to politicians and parties.

Although Ms Rousseff has not been personally implicated in the wrongdoing, she tried to shield her predecessor as president, Luiz Inácio Lula da Silva, from prosecution.

What is alarming is that those who are working for her removal are in many ways worse.

If the Senate votes to put her on trial, probably by mid-May, Ms Rousseff will have to step aside for up to 180 days.

The vice-president, Michel Temer, who comes from a different party, will take over and serve out her term if the Senate removes her from office (see article).

Mr Temer may provide short-term economic relief.

Unlike the hapless Ms Rousseff, he knows how to get things done in Brasília and his Party of the Brazilian Democratic Movement (PMDB) is friendlier to business than the PT.

Além disso, o PT desempenha papel central no gigantesco esquema de corrupção que tomou conta da Petrobras, desviando recursos de empreiteiras para políticos e partidos.

Ainda que não esteja pessoalmente envolvida nas irregularidades, a presidente tentou proteger Luiz Inácio Lula da Silva, nomeando-o para um ministério, pois como Ministro ele teria foro privilegiado.

É preocupante que aqueles que trabalham pela destituição de Dilma são, em vários aspectos, piores que ela.

Se o Senado aceitar julgar a presidente – decisão que será tomada em meados de maio –, ela terá de se afastar do cargo por até 180 dias.

O vice-presidente, Michel Temer, que vem de outro partido, assumirá a presidência e, caso o Senado destitua Dilma do cargo, cumprirá o restante do mandato.

Temer talvez ofereça algum alívio econômico no curto prazo.

Ao contrário de Dilma, o vice-presidente sabe como fazer as coisas funcionarem em Brasília. E seu partido, o PMDB, tem relação mais amistosa com o mercado do que o PT.

But the PMDB is hopelessly compromised, too.	O envolvimento do PMDB com a corrupção também é enorme.
One of its leaders is the speaker of the lower house, Eduardo Cunha, who presided over Sunday's six-hour impeachment spectacle and has himself been charged by the supreme court with taking bribes through the Petrobras scheme.	Um de seus líderes, o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, que comandou o espetáculo de seis horas no domingo, foi transformado em réu pelo STF em ação penal na qual é acusado de receber propinas de contratos superfaturados da Petrobras.
In announcing their "no" votes, some of Ms Rousseff's allies denounced Mr Cunha as a "gangster" and a "thief".	Ao declarar o voto contra o impeachment, alguns dos aliados de Dilma na Câmara acusaram Cunha de "gângster" e "ladroão".
The taint of corruption is spread across many Brazilian parties.	A mácula da corrupção se espalha por muitos partidos políticos brasileiros.
Of the 21 deputies under investigation in the Petrobras affair, 16 voted for Ms Rousseff's impeachment.	Dos 21 deputados investigados no escândalo da Petrobras, 16 votaram pelo afastamento da presidente.
About 60% of congressmen face accusations of criminal wrongdoing.	Cerca de 60% dos congressistas são alvo de acusações criminais.
There are no quick ways of putting this right.	Não há soluções rápidas para consertar o estrago.
The roots of Brazil's political dysfunction go back to the slave-based economy of the 19th century, to dictatorship in the 20th and to a flawed electoral system that both makes campaigns ruinously expensive and also shields politicians from account.	As raízes da disfunção política brasileira remontam à economia escravocrata do século 19, aos regimes ditatoriais do século 20 e a um sistema eleitoral problemático que tornam as campanhas caríssimas e isenta os políticos de prestar contas a seus eleitores.
In the short run, impeachment will not fix this.	No curto prazo, o impeachment não resolverá o problema.



The charge that is the basis for trying Ms Rousseff—that she manipulated accounts last year to make the fiscal deficit look smaller than it was—is so minor that just a handful of congressmen bothered to mention it in their ten-second tirades.

A acusação em que se baseia o pedido de impeachment de Dilma Rousseff – de que ela teria manipulado as contas públicas para fazer com que o déficit fiscal parecesse menor do que era – é tão desimportante que apenas alguns congressistas se deram ao trabalho de mencioná-la em suas tiradas de dez segundos.

If Ms Rousseff is ousted on a technicality, Mr Temer will struggle to be seen as a legitimate president by the large minority of Brazilians who still back Ms Rousseff.

Se Dilma for destituída por conta de tal tecnicidade, Temer terá dificuldade para se legitimar junto à grande minoria de brasileiros que ainda apoia a presidente.

In any other country, such a cocktail of economic decline and political conflict might be combustible.

Em qualquer outro país, a combinação de crise econômica e dissensão política talvez fosse inflamável.

Yet Brazil has remarkable reserves of tolerance.

O Brasil, porém, dispõe de reservas extraordinárias de tolerância.

Divided as they are over the rights and wrongs of impeachment, Brazilians have kept their anger in check.

Divididos como estão sobre os direitos e as injustiças do impeachment, os brasileiros mantiveram sua raiva sob controle.

The past three decades suggest that theirs is a country which can endure a crisis without resorting to coups or collapses.

As três últimas décadas mostram que o país é capaz de passar por crises sem recorrer a golpes ou colapsos.

And here, perhaps, is a shred of hope.

E é justamente aí que, talvez, resida um fio de esperança.

The fact that the Petrobras scandal has ensnared some of the country's most powerful politicians and businessmen is a

O fato de que o escândalo da Petrobras tenha apanhado alguns dos políticos e empresários mais poderosos do país é um sinal de que certas instituições, em especial as que zelum

sign that some institutions, especially those that enforce the law, are maturing. pelo cumprimento da lei, estão amadurecendo.

One reason politicians are in such trouble is that a new, better-educated and more assertive middle class refused to put up with their impunity. Uma dos motivos por os políticos estarem em apuros é o surgimento de uma nova classe média – mais escolarizada, mais incisiva – que se recusa a aceitar a impunidade.

Some of the statutes now being used to put away miscreants were enacted by Ms Rousseff's government. Alguns dos dispositivos que vêm sendo utilizados para colocar os delinquentes atrás das grades foram propostos pelo próprio governo Dilma.

One way of capturing this spirit would be for the country to hold fresh elections. Uma maneira de canalizar esse espírito seria realizar novas eleições.

A new president might have a mandate to embark on reforms that have eluded governments for decades. Um novo presidente talvez tivesse mais legitimidade para implementar as reformas que vêm sendo postergadas há décadas.

Voters also deserve a chance to rid themselves of the entire corruption-infested Congress. Os eleitores também merecem a chance de se livrar de um Congresso totalmente contaminado pela corrupção.

Only new leaders and new legislators can undertake the fundamental reforms that Brazil needs, in particular an overhaul of the corruption-prone political system and of uncontrolled public spending, which pushes up debt and hobbles growth. Somente novos líderes e novos legisladores serão capazes de promover as mudanças fundamentais de que o Brasil precisa, em particular a reformulação de um sistema político tão propenso à corrupção e a adoção de instrumentos capazes de acabar com o descontrole dos gastos públicos, que impulsiona o endividamento e restringe o crescimento.

Second best

A segunda melhor

True enough, the path to renewal through the ballot box is strewn with obstacles.

Uma coisa é certa: o caminho para a renovação por meio das urnas é repleto de obstáculos.

Given its record, Congress is unlikely to pass the constitutional amendment required to dissolve itself and hold an early general election.

Dado seu histórico, não parece provável que o Congresso aprove uma emenda constitucional dissolvendo a si mesmo e antecipando as eleições gerais.

The electoral tribunal could order a new presidential ballot, on the ground that Petrobras bribe money helped finance the re-election of Ms Rousseff and Mr Temer in 2014.

O Tribunal Superior Eleitoral pode determinar a realização de novas eleições, se ficar comprovado que propinas oriundas do escândalo da Petrobras ajudaram a financiar a reeleição de Dilma e Temer em 2014.

But that is far from certain.

Mas isso está longe de ser uma certeza.

There is thus a good chance that Brazil will be condemned to muddle on under the current generation of discredited leaders.

Há uma boa chance, portanto, de que o Brasil esteja condenado a seguir em frente sob o comando da atual geração de líderes desacreditados.

Its voters should not forget this moment.

É importante que os eleitores não se esqueçam deste momento.

Because, in the end, they will have a chance to go to the polls—and they should use it to vote for something better.

Mais cedo ou mais tarde, eles terão a oportunidade de ir às urnas – e devem usá-la para votar em algo melhor.

### **Reflexões do processo tradutório**

No inglês, tradicionalmente, nos direcionamos a uma personalidade política por meio de um pronome de tratamento (*Mr.*, *Mrs.*, *Ms.*) ou por meio de seu título (presidente, ministro

etc.) e sobrenome<sup>27</sup>. Já no português é diferente, chamamos as figuras políticas seguindo, usualmente, as três formas abaixo:

1. Apenas pelo nome:



**Figura 12:** Reportagem de 17 out 2014 “Por votos, Dilma e Aécio prometeu mais do que podem cumprir” (EL PAÍS)

2. Pelo título e pelo nome e/ou sobrenome:



**Figura 13:** Reportagem de 4 jul 2014 “Revista Carta Capital admite apoio a Dilma e ao PT” (FOLHA POLÍTICA)

<sup>27</sup>Vemos exemplos disso ao longo de todos os textos em inglês do jornal *The Economist* utilizados neste trabalho.

ISRAEL KLABIN

## Carta aberta ao presidente **Temer**

Edição impressa

12/06/2017 02h00

Compartilhar 65 OUVIR O TEXTO Mais opções

Permita-me Vossa Excelência juntar minha voz à de milhões de brasileiros que estão alarmados com os perigos que ameaçam a nossa espécie, oriundos da degradação ambiental e do aquecimento global.

sigla a folha

RECEBA NOSSA NEWSLETTER

Digite seu email... enviar

Figura 14: Reportagem de 16 jun 2017 “Carta aberta ao presidente Temer” (FOLHA DE SÃO PAULO)

3. Da forma que a pessoa ou a mídia designar (e.g. apelido):

EL PAÍS ECONOMIA

## Suspeita de crime financeiro ronda o sucessor de **Graça Foster**

MPF estuda abertura de inquérito por empréstimos do BB com recursos do BNDES

Facebook Twitter Email

Heart Mail Print

c. j.  
São Paulo - 6 FEV 2015 - 17:22 BRST

Figura 15 – Reportagem de 6 fev 2015 “Suspeita de crime financeiro ronda o sucessor de Graça Foster” (EL PAÍS)



Figura 16 – Banner da campanha eleitoral de Lula

É muito incomum, no Brasil, exceto no mundo jurídico e em ambientes extremamente formais, nos dirigirmos às personalidades públicas por meio de seus pronomes de tratamento e sobrenomes, como acontece em inglês (e.g. Sra. Rousseff). Portanto, não só ao longo do texto 10, mas em todos os outros textos, utilizei as estratégias acima para traduzir os pronomes e nomes de personalidades públicas mencionadas pelo

jornal, tendo sempre em mente qual seria a forma mais comum de vermos tais nomes em meios midiáticos brasileiros – como demandado pela encomenda de tradução.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente projeto teve como intuito traduzir dez artigos do jornal *The Economist* sobre a situação político-econômica do Brasil de 2009 a 2016 e fazer uma revisão de literatura para subsidiar futuras pesquisas em tradução. O trabalho foi estruturado de forma a assistir o leitor a compreender como se deu o desenvolvimento do processo tradutório até culminar no texto traduzido para o português do Brasil. Para isso foi feito uma análise do texto e do periódico inglês e um resgate de alguns conceitos do jornalismo que resultaram na adoção da abordagem funcionalista para embasar o ato tradutório.

A teoria funcionalista, em particular as de Katharina Reiss, Hans Vermeer e Christiane Nord, foca na tradução como um ato comunicativo e se preocupa com o público de chegada, o texto-alvo. A partir da contribuição desses teóricos o processo tradutório passa a seguir um propósito ou ‘skopos’. Assim, o que importa não é mais o foco das teorias clássicas da tradução, mas sim se o texto-alvo cumpriu a função estabelecida pelo ‘cliente’ e explicitado na ‘encomenda da tradução’. Afinal, um texto, seja em uma tradução ou não, independentemente da área de conhecimento, visa ser um meio de informação e, se ele consegue transmitir essa mensagem de forma clara ao leitora sua função primordial foi cumprida.

Além disso, observa-se pelas reflexões tradutórias realizadas que a função de um texto jornalístico não se resume ao seu carácter informativo, mas também está presente traços de outras funções da linguagem como as categorizadas por Malinowski (1935; 1975), Bühler (1967) e Jakobson (2007)<sup>28</sup>. Esse resultado é compreensível, já que todo texto é multifacetado, ou melhor, multifuncional. Este trabalho comprovou, portanto, o processo tradutório dos textos jornalísticos como uma atividade predominantemente funcional – sujeita a demandas específicas do ‘cliente’ explicitadas na ‘encomenda da tradução’. E uma vez que as traduções dos artigos do jornal *The Economist* cumpram os parâmetros

---

<sup>28</sup>Apesar do foco deste trabalho não ser analisar as funções da linguagem, nem destrinchar cada uma delas nos artigos investigados, mas sim fazer uma tradução funcional de acordo com a demanda do cliente, bem como fazer uma revisão de literatura narrativa visando futuras discussões sobre as teorias mencionadas, achei importante mencionar algumas dos autores-chave que tratam dessas funções para o leitor interessado em um estudo aprofundado sobre as funções da linguagem de um texto.

estabelecidos no *framework* do funcionalismo, atingiu-se o propósito estabelecido neste projeto final de curso.

“Translation thus is not simply an act of faithful reproduction but, rather, a deliberate and conscious act of selection, assemblage, structuration and fabrication – and even, in some cases of falsification, refusal of information, counterfeiting, and the creation of secret codes. In these ways translators, as much as creative writers and politicians, participate in the powerful acts that create knowledge and shape culture (Tymoczko e Gentzler, 2002, p. XXI).”



## REFERÊNCIAS

- AIO, Michelle de Abreu. **O caso AF447: o jornalista como tradutor de fatos nas culturas brasileira e portuguesa.** 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- ALVES FILHO, Francisco. A autoria institucional em editoriais de jornal. *Revista Alfa*, v. 50, n. 1, p. 77-89, 2006.
- BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela. **Routledge encyclopedia of translation studies.** Abingdon: Taylor & Francis Group, 2009.
- BASSNETT, Susan; BIELSA, Esperança. **Translation in. Global News.** London and New York, Routledge, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. **Speech genres and other essays.** Austin: UT Press, 1986.
- BELTRÃO, Luiz. **Teoria e prática do jornalismo.** Adamantina: FAI, São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco/Metodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 2006.
- BRUSASCO, Paola. **Approaching Translation: theoretical and practical Issues.** Turim: Celid, 2013.
- BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BÜHLER, Karl. **Teoria del Lenguaje.** Madrid: Revista de Occidente, 1967. Disponível em: <[http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/08/TH\\_08\\_123\\_221\\_0.pdf](http://cvc.cervantes.es/lengua/thesaurus/pdf/08/TH_08_123_221_0.pdf)> Acesso em: 10 mar. 2017
- CAMPOS, Giovana Cordeiro. Estudos da tradução e análise do discurso: diálogos possíveis. **Cadernos do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, Rio de Janeiro, v. XII, n. 12, 2009. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/12/05.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- CASTRO, Marcílio Moreira de. **Dicionário de Direito, Economia e Contabilidade: Português-Inglês, Inglês-Português.** 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

COSTA, Lailton Alves da. Gêneros jornalísticos. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p.43-83.

DE JESUS, Silvana Maria. Estudos sistêmico-funcionais da tradução. **Domínios de Lingu@gem**, v. 6, n. 1, p. 286-301, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/9N9mX8>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS. Disponível em: <<http://www.sinonimos.com.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

FUJITA, M. S. L. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. *Datagramazero – Revista de Ciência da Informação*, v. 5, n. 4, ago/04.

GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. Tradução de Marcos Malvezzi. 2. ed. São Paulo: Madras, 2009.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JABIR, Jawad Kadhi. Skopos theory: basic principles and deficiencies. **Journal of the College of Arts**, 41, p. 37-46.

JAKOBSON, Roman. **Lingüística e Comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 19. ed. São Paulo: Editora, 2007.

LAGE, Nilson. **Estrutura da Notícia**. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1972. **O problema do significado em línguas primitivas**. In: OGDEN, C. K. & RICHARDS, I. A. *O significado de significado*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 295-330 (original, 1923).

\_\_\_\_\_. **An Ethnographic Theory of Language, of Coral Gardens and their Magic.** Volume 2, London: Allen and Unwin, Part 4, 1935.

MARCUSCHI, Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, jan./abr. 2016.

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation.** New York, London: Prentice Hall, 1988.

NORD, Christiane. **Dealing with Purposes in Intercultural Communication: Some Methodological Considerations.** Revista Alicantina de Estudios Ingleses, n 14, p. 151-166, 2001.

\_\_\_\_\_. **Defining Translation Functions. The translation brief as a guideline for the trainee translator.** Revista Ilha do Desterro (UFSC), Santa Catarina, v. 33, p. 39-54, 1996.

\_\_\_\_\_. **El funcionalismo en la enseñanza de traducción.** Mutatis Mutandis, ISSN: 2011799X, Medellín, Colômbia, v. 2, n. 2, 2009.

\_\_\_\_\_. **Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model for Translation-Oriented Text Analysis.** 2. ed. Amsterdã/Nova Iorque: Rodopi, 1991.

\_\_\_\_\_. Translating for Communicative Purposes Across Culture Boundaries. **Journal of Translation Studies**, v. 9, n. 1, p. 43-60, 2006. Disponível em: <[http://humanities.ufs.ac.za/dl/userfiles/Documents/00001/935\\_eng.pdf](http://humanities.ufs.ac.za/dl/userfiles/Documents/00001/935_eng.pdf)> Acesso em: 9 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Translation as a purposeful activity.** Manchester: St. Jerome, 1997.

OXFORD DICTIONARIES. Disponível em: <<http://www.oxforddictionaries.com/>>. Acesso em: 18 abr. 2016.

POLCHLOPEK, Silvana Ayub; ZILPSEER, Meta Elisabeth; COSTA, Maria José Roslindo Damiani. **Tradução como ação comunicativa: a perspectiva do funcionalismo nos estudos da tradução.** Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores, São Paulo, n.24, p. 21-37, setembro de 2012.

PYM, Anthony. **Teorías contemporáneas de la traducción.** Materiales para un curso universitario. Terragona: Intercultural Studies Group, 2012.

\_\_\_\_\_. **Translation and Text Transfer.** An Essay on the Principles of Intercultural Communication. Frankfurt am Main, Berlin, Bern, New York, Paris, Vienna: Peter Lang, 1992. Disponível em: <[http://usuaris.tinet.cat/apym/publications/TTT\\_2010.pdf](http://usuaris.tinet.cat/apym/publications/TTT_2010.pdf)>. Acesso em: 9 jun. 2016.

REISS, Katharina. **Translation Criticism-Potentials and Limitations: Categories and Criteria for Translation Quality Assessment.** Manchester: St. Jerome Publishing, 2000.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. **Fundamentos para una teoría funcional de la traducción.** Ediciones Akal, 1996. Disponível em: <<https://goo.gl/gDOF7s>>. Acesso em: 9 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. **Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie.** Tübingen: Niemeyer, 1984. Traduzido por Christiane Nord como **Towards a general theory of translational action: Skopos theory explained.** Manchester: St. Jerome, 2013.

REZENDE, João Paulo Costa. **Tradução do Blog *A Little Bit of Personality: MBTI de um jeito (ainda mais) acessível.*** 2016. Trabalho de conclusão de curso (Letras – Tradução). Universidade de Brasília, Brasília.

SANDRONI, Paulo. **Novo Dicionário de Economia.** São Paulo: Best Seller, 1994.

SANTOS, Maria Teresa Marques. **A tradução jornalística sob uma abordagem crítica: análise da tradução de uma reportagem da National Geographic para o contexto brasileiro.** Belas Infieis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília, Brasília, v. 1, n. 1, p.113-127, ago. 2012. Semestral. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/belasinfeis/article/view/7531>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

SANTOS, Maria Teresa Marques; GOROVITZ, Sabine. Cultura e tradução jornalística: uma abordagem teórica. **Diálogos Pertinentes: Revista Científica de Letras**, Franca, v. 9, n. 2, p. 9-26, jul. 2013. Disponível em: <<http://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogospertinentes/article/viewFile/784/608>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns of Translation Studies – New Paradigms or Shifting Viewpoints**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.

TYMOCZKO, Maria; GENTZLER, Edwin. **Translation and Power**. Amherst/Boston: University of Massachusetts Press, 2002.

VENUTI, Lawrence. **The Translator's Invisibility**. A history of translation. London and New York: Routledge, 2008. Disponível em: <<http://goo.gl/TgiOP0>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

VERMEER, Hans. **Esboço de uma teoria da tradução**. Lisboa: Edições ASA, 1986.

\_\_\_\_\_. Skopos and Commission in Translational Action. In: VENUTI, Lawrence. **The Translation Studies Reader**. Oxon: Routledge, 2004. p. 227-238. Disponível em: <<http://goo.gl/TLquxX>>. Acesso em: 9 jun. 2016.

ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK, Silvana Ayub. A tradução de notícias: novos rumos para a pesquisa em tradução. **Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores**, São Paulo, n. 15, p. 45-53, set. 2006. Disponível em: <<http://sare.anhanguera.com/index.php/rtcom/article/view/125>>. Acesso em: 19 jun. 2016.

ZIPSER, Meta Elisabeth; AIO, Michelle de Abreu. Tradutor jornalista ou jornalista tradutor? A atividade tradutória enquanto representação cultural. **Gragoatá: Revista dos Programas de pós-graduação do Instituto de Letras da UFF**, Niterói, v. 16, n. 31, p. 107-118, agosto de 2011. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/141>>. Acesso em: 02 de maio de 2016.

**Textos-fonte:**

Texto 1: Disponível em:<<http://www.economist.com/node/14845197>> Acesso em: 9 de jun. de 2017.

Texto 2: Disponível em:<<http://www.economist.com/news/leaders/21586833-stagnant-economy-bloated-state-and-mass-protests-mean-dilma-rousseff-must-change-course-has>> Acesso em: 9 de jun. de 2017.

Texto 3: Disponível em:<<http://www.economist.com/news/americas/21606868-brazil-needs-new-ideas-and-pitch-lessons-footballing-armageddon>> Acesso em: 9 de jun. de 2017.

Texto 4: Disponível em:<<http://www.economist.com/news/leaders/21625780-voters-should-ditch-dilma-rousseff-and-elect-cio-neves-why-brazil-needs-change>> Acesso em: 9 de jun. de 2017.

Texto 5: Disponível em:<<http://www.economist.com/news/americas/21637437-petrobras-scandal-explained-big-oily>> Acesso em: 9 de jun. de 2017.

Texto 6: Disponível em:<<http://www.economist.com/news/americas/21637436-mistakes-dilma-rousseff-made-during-her-first-presidential-term-mean-her-second-will-be>> Acesso em: 9 de jun. de 2017.

Texto 7: Disponível em:<<http://www.economist.com/news/leaders/21645181-latin-americas-erstwhile-star-its-worst-mess-early-1990s-quagmire>> Acesso em: 9 de jun. de 2017.

Texto 8: Disponível em:<<http://www.economist.com/news/leaders/21684779-disaster-looms-latin-americas-biggest-economy-brazils-fall>> Acesso em: 9 de jun. de 2017.

Texto 9: Disponível em:<<http://www.economist.com/news/leaders/21695391-tarnished-president-should-now-resign-time-go>> Acesso em: 9 de jun. de 2017.

Texto 10: Disponível em:<<http://www.economist.com/news/leaders/21697226-dilma-rousseff-has-let-her-country-down-so-has-entire-political-class-great>> Acesso em: 9 de jun. de 2017.

**Sites consultados:**

<<https://www.britannica.com/topic/The-Economist>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<<http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/02/capa-da-economist-mostra-brasil-no-atoleiro.html>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<<https://oglobo.globo.com/economia/capa-da-economist-alerta-para-queda-do-brasil-preve-desastre-em-2016-18384376>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<<http://www.economist.com/help/about-us>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<<http://video.foxbusiness.com/v/1626191609001/?#sp=show-clips>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<<https://www.theguardian.com/media/2014/nov/16/john-micklethwait-economist-angela-merkel-app>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<<https://ebooks.adelaide.edu.au/o/orwell/george/o79p/>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<<http://br.reuters.com/article/businessNews/idBRKCN0VK1TN>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<<https://www.cartacapital.com.br/politica/nelson-barbosa-substitui-joaquim-levy-na-fazenda>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<<http://exame.abril.com.br/revista-exame/o-problema-e-mais-embaixo/>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/29/economia/1451418696\\_403408.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/29/economia/1451418696_403408.html)> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<[http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/17/politica/1413581387\\_513586.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/10/17/politica/1413581387_513586.html)> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<<https://folhapolitica.jusbrasil.com.br/noticias/126309880/revista-carta-capital-admite-apoio-a-dilma-e-ao-pt>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2017/06/1891908-carta-aberta-ao-presidente-temer.shtml>> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

<[http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/06/economia/1423250551\\_606039.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2015/02/06/economia/1423250551_606039.html)> Acesso em: 10 de jun. de 2017.

**ANEXO – Textos**



# New world. Ordered.

Enjoy 12 weeks' access for just €20. [SUBSCRIBE NOW](#)



More from The Economist

My Subscription

Subscribe

libraryinformation@w...



The Economist

World politics

Business & finance

Economics

Science & technology

Culture

Blogs

Debate

Multimedia

Print edition

Comment (207)

Timekeeper reading list

Reprints & permissions

Print

Brazil

## Brazil takes off

Now the risk for Latin America's big success story is hubris

Nov 12th 2009



Tweet

WHEN, back in 2001, economists at Goldman Sachs bracketed Brazil with Russia, India and China as the economies that would come to dominate the world, there was much sniping about the B in the BRIC acronym. Brazil? A country with a growth rate as skimpy as its swimsuits, prey to any financial crisis that was around, a place of chronic political instability, whose infinite capacity to squander its obvious potential was as legendary as its talent for football and carnivals, did not seem to belong with those emerging titans.

Rex Features



Advertisement

Now that scepticism looks misplaced. China may be leading the world economy out of recession but Brazil is also on a roll. It did not avoid the downturn, but was among the last in and the first out. Its economy is growing again at an annualised rate of 5%. It should pick up more speed over the next few years as big new deep-sea oilfields come on stream, and as Asian countries still hunger for food and minerals from Brazil's vast and bountiful land. Forecasts vary, but sometime in the decade after 2014—rather sooner than Goldman Sachs envisaged—Brazil is likely to become the world's fifth-largest economy, overtaking Britain and France. By 2025 São Paulo will be its fifth-wealthiest city, according to PwC, a consultancy.

And, in some ways, Brazil outclasses the other BRICs. Unlike China, it is a democracy. Unlike India, it has no insurgents, no ethnic and religious conflicts nor hostile neighbours. Unlike Russia, it exports more than oil and arms, and treats foreign investors with respect. Under the presidency of Luiz Inácio Lula da Silva, a former trade-union leader born in poverty, its government has moved to reduce the searing inequalities that have long disfigured it. Indeed, when it comes to smart social policy and boosting consumption at home, the developing world has much more to learn from Brazil than from China. In short, Brazil suddenly seems to have made an entrance onto the world stage. Its arrival was symbolically marked last month by the award of the 2016 Olympics to Rio de Janeiro; two years earlier, Brazil will host football's World Cup.

### At last, economic sense

In fact, Brazil's emergence has been steady, not sudden. The first steps were taken in the 1990s when, having exhausted all other options, it settled on a sensible set of economic policies. Inflation was tamed, and spendthrift local and federal governments were required by law to rein in their debts. The Central Bank was granted autonomy, charged with keeping inflation low and ensuring that banks eschew the adventurism that has damaged Britain and America. The economy was thrown open to foreign trade and investment, and many state industries were privatised.

### In this section

#### Brazil takes off

Options have a future

How to sink pirates

A city named sue

Don't give up

Reprints

### Related items

Presidential politics in Brazil:

## Follow *The Economist*

### Latest updates »



**POTUS v the constitution:** A new spin on why the travel ban is...

Democracy in America | Apr 27th, 19:10



**Taxing times:** Donald Trump's corporate tax plan doesn't add up

Graphic detail | Apr 27th, 17:22

All this helped spawn a troupe of new and ambitious Brazilian multinationals (see our [special report](#)). Some are formerly state-owned companies that are flourishing as a result of being allowed to operate at arm's length from the government. That goes for the national oil company, Petrobras, for Vale, a mining giant, and Embraer, an aircraft-maker. Others are private firms, like Gerdau, a steelmaker, or JBS, soon to be the world's biggest meat producer. Below them stands a new cohort of nimble entrepreneurs, battle-hardened by that bad old past. Foreign investment is pouring in, attracted by a market boosted by falling poverty and a swelling lower-middle class. The country has established some strong political institutions. A free and vigorous press uncovers corruption—though there is plenty of it, and it mostly goes unpunished.

Just as it would be a mistake to underestimate the new Brazil, so it would be to gloss over its weaknesses. Some of these are depressingly familiar. Government spending is growing faster than the economy as a whole, but both private and public sectors still invest too little, planting a question-mark over those rosy growth forecasts. Too much public money is going on the wrong things. The federal government's payroll has increased by 13% since September 2008. Social-security and pension spending rose by 7% over the same period although the population is relatively young. Despite recent improvements, education and infrastructure still lag behind China's or South Korea's (as a big power cut this week reminded Brazilians). In some parts of Brazil, violent crime is still rampant.

### National champions and national handicaps

There are new problems on the horizon, just beyond those oil platforms offshore. The real has gained almost 50% against the dollar since early December. That boosts Brazilians' living standards by making imports cheaper. But it makes life hard for exporters. The government last month imposed a tax on short-term capital inflows. But that is unlikely to stop the currency's appreciation, especially once the oil starts pumping.

Lula's instinctive response to this dilemma is industrial policy. The government will require oil-industry supplies—from pipes to ships—to be produced locally. It is bossing Vale into building a big new steelworks. It is true that public policy helped to create Brazil's industrial base. But privatisation and openness whipped this into shape. Meanwhile, the government is doing nothing to dismantle many of the obstacles to doing business—notably the baroque rules on everything from paying taxes to employing people. Dilma Rousseff, Lula's candidate in next October's presidential election, insists that no reform of the archaic labour law is needed (see [article](#)).

And perhaps that is the biggest danger facing Brazil: hubris. Lula is right to say that his country deserves respect, just as he deserves much of the adulation he enjoys. But he has also been a lucky president, reaping the rewards of the commodity boom and operating from the solid platform for growth erected by his predecessor, Fernando Henrique Cardoso. Maintaining Brazil's improved performance in a world suffering harder times means that Lula's successor will have to tackle some of the problems that he has felt able to ignore. So the outcome of the election may determine the speed with which Brazil advances in the post-Lula era. Nevertheless, the country's course seems to be set. Its take-off is all the more admirable because it has been achieved through reform and democratic consensus-building. If only China could say the same.

• This article appeared in the Leaders section of the print edition

Tweet

Share 22 G+ 19

View all comments (207)

### More from the Economist



Her master's voice

Nov 12th 2009

Getting it together at last

Nov 12th 2009



**Meet the cast:** "Casting JonBenét" offers a fresh take on true crime

Prospero | Apr 27th, 17:18



**Board to tears:** United Airlines changes its policy on bumping passengers

Gulliver | Apr 27th, 16:34



**End-of-life care:** Have you thought about your final wishes?

Graphic detail | Apr 27th, 15:50



**Daily chart:** What people want at the end of life

Graphic detail | Apr 27th, 15:29



**See you in the Supreme Court!:** Donald Trump vows to fight a court ruling...

Democracy in America | Apr 27th, 15:11

More latest updates »

## Most commented



1

**A new Republic**

Macron and Le Pen advance to the second round of the French election

2 **Verify, then trust:** Why America has a trust problem

3 **The Economist explains:** Why doesn't Pakistan reform its blasphemy laws?

4 **End-of-life care:** How to have a better death

5 **Not going gentle:** Political polarisation has grown most among the old

Advertisement

## Products and events

### Test your EQ

Take our weekly news quiz to stay on top of the headlines

### Want more from *The Economist*?

Visit The Economist e-store and you'll find a range of carefully selected products for business and pleasure, Economist books and diaries, and much more

Advertisement

**The Economist asks:**  
Have you thought about  
your end-of-life wishes?

Want more? Subscribe to *The Economist* and get the week's most relevant news and analysis.

## Classified ads



Contact us

Help

My account

Subscribe

Print edition

Digital editions

Events

Jobs.Economist.com

Timekeeper saved articles

### Sections

United States  
Britain  
Europe  
China  
Asia  
Americas  
Middle East & Africa  
International  
Business & finance  
Economics  
Markets & data  
Science & technology  
Special reports  
Culture  
Multimedia library

### Debate and discussion

The Economist debates  
Letters to the editor  
The Economist Quiz

### Blogs

Bagehot's notebook  
Buttonwood's notebook  
Democracy in America  
Erasmus  
Free exchange  
Game theory  
Graphic detail  
Gulliver  
Prospero  
The Economist explains

### Research and insights

Topics  
Economics A-Z  
Style guide  
The World in 2016  
Which MBA?  
MBA Services  
The Economist GMAT Tutor  
The Economist GRE Tutor  
Executive Education Navigator  
Reprints and permissions

### The Economist Group »

The Economist Intelligence Unit  
The Economist Intelligence Unit Store  
The Economist Corporate Network  
Ideas People Media  
1843 Magazine  
Roll Call  
CQ  
EuroFinance  
The Economist Store  
Editorial Staff  
Modern Slavery Statement

[View complete site index »](#)

[Contact us](#) [Help](#) [About us](#) [Advertise with us](#) [Careers](#) [Site index](#)

Copyright © The Economist Newspaper Limited 2017. All rights reserved. [Modern Slavery Statement](#) [Accessibility](#) [Privacy policy](#) [Cookies info](#) [Terms of use](#)

## **Brasil**

### **O Brasil decola**

#### **Agora o risco para o país com a grande história de sucesso é a arrogância**

12 nov. 2009

Em 2001, quando economistas do *Goldman Sachs Group* colocaram o Brasil ao lado da Rússia, Índia e China, como uma das economias que iria dominar o mundo, o “B” de BRIC foi muito questionado. Brasil? Um país com uma taxa de crescimento tão pequena como os seus trajes de banho, vulnerável a qualquer crise financeira que estivesse por perto, um lugar de crônica instabilidade política, cuja infinita capacidade de desperdiçar seu claro potencial é tão lendária quanto seu talento por futebol e carnaval. O Brasil não parecia pertencer a esse grupo de titãs emergentes.

Agora, esse ceticismo parece equivocado. A China pode até estar na vanguarda de tirar a economia mundial da recessão, mas o Brasil também está nesse rol. O país não evitou a recessão, mas foi o último a entrar e o primeiro a sair da recessão. Sua economia está crescendo novamente a uma taxa anual de 5% e deve acelerar ainda mais ao longo dos próximos anos, quando os novos campos petrolíferos do pré-sal entrarem em operação. Além disso, os países asiáticos continuam ávidos por alimentos e minérios do vasto e generoso território brasileiro. Previsões variam, mas em algum momento, nas décadas após 2014, mais cedo do que o *Goldman Sachs Group* previra, o Brasil deve se tornar a quinta maior economia do mundo, ultrapassando o Reino Unido e a França. Em 2025, São Paulo será a quinta cidade mais rica do mundo, de acordo com a *PwC*, uma das maiores empresas de consultoria do mundo.

Ademais, em certos aspectos, o Brasil supera os outros países que compõem o BRICS. Ao contrário da China, é uma democracia. Diferentemente da Índia, não há por aqui insurgentes, conflitos étnicos e religiosos, nem vizinhos hostis. Ao contrário da Rússia, exporta mais do que petróleo e armas, e trata os investidores estrangeiros com respeito.

No governo de Luiz Inácio Lula da Silva, um ex-líder sindical nascido na pobreza, o país tomou medidas para reduzir as marcantes desigualdades que há muito tempo estragaram o próprio governo. Na verdade, quando se trata de política social inteligente e do aumento do consumo doméstico, os países em desenvolvimento têm muito mais a

aprender com o Brasil do que com a China. Em suma, de repente, o Brasil parece ter entrado em cena no palco mundial. No mês passado, sua entrada foi marcada simbolicamente com a realização dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro; dois anos antes, o Brasil sediará a Copa do Mundo de futebol.

### **Finalmente, o bom senso econômico**

Na verdade, a ascensão do Brasil tem se dado de forma constante, e não súbita. Os primeiros passos foram dados na década de 1990, quando, esgotadas todas as outras opções, o país se estabilizou por meio de um conjunto de políticas econômicas sensatas. A inflação foi domada, e os governos locais e federais perdulários foram obrigados por lei a conterem seus débitos. Também foi dada autonomia ao Banco Central, que ficou encarregado de manter a inflação baixa e assegurar que os bancos evitassem o espírito aventureiro que prejudicou a Inglaterra e os Estados Unidos. A economia foi aberta ao comércio e ao investimento, e muitas empresas estatais foram privatizadas.

Tudo isso ajudou a difundir novas e ambiciosas multinacionais. Algumas são ex-estatais que estão florescendo como resultado de serem autorizadas a operar de forma independente do governo. Isso se aplica a Petrobras, a Vale, e a Embraer. As outras são empresas privadas, como a Gerdau e a JBS, que, em breve, será a maior produtora de carne do mundo. Abaixo delas está um novo grupo de empresários ágeis, calejados pelas mazelas do passado. O investimento estrangeiro está chegando, atraído por um mercado impulsionado pela queda da pobreza e pela ascensão da baixa classe média. O país estabeleceu algumas instituições políticas fortes. Uma imprensa livre e vigorosa revela a corrupção, embora haja muita dela e grande parte ainda fique impune.

Assim como seria um erro subestimar o novo Brasil, seria um erro ingênuo encobrir suas fraquezas. Infelizmente, algumas delas são familiares. Os gastos do governo estão crescendo mais rápido do que a economia como um todo, pois ambos os setores, público e privado, ainda investem pouco, o que coloca um ponto de interrogação nas previsões otimistas de crescimento. Muito dinheiro público está indo para as coisas erradas. A folha de pagamento do governo federal aumentou em 13% desde setembro de 2008. Os gastos com a previdência social e com as aposentadorias aumentaram 7%, em relação ao mesmo período, embora a população seja relativamente jovem. Apesar das recentes melhorias, investimentos em educação e infraestrutura ainda estão muito

aquém dos feitos pela China ou Coreia do Sul (esta semana, um grande corte de energia lembrou os brasileiros disso). Em algumas partes do Brasil, a criminalidade e a violência ainda são alarmantes.

### **Campeões nacionais e incapazes nacionais**

Há novos problemas no horizonte, que vão um pouco além das plataformas de petróleo. O real se valorizou em 50%, em relação ao dólar, desde o início de dezembro, o que aumenta o padrão de vida dos brasileiros por tornar as importações mais baratas. No entanto, isso dificulta a vida dos exportadores. No mês passado, o governo impôs um imposto sobre a entrada de capitais de curto prazo. Porém, é pouco provável que isso freie a valorização da moeda, especialmente uma vez que o petróleo comece a jorrar.

A resposta instintiva de Lula para esse dilema é a política industrial. O governo vai precisar de suprimentos produzidos localmente para a indústria petrolífera, de tubulações a navios. Ele está mandando a Vale construir uma grande nova siderúrgica. É verdade que a política pública ajudou a criar a base industrial do Brasil. Mas foram a privatização e a abertura de mercado que a moldaram. Enquanto isso, o governo não está fazendo nada para dismantelar muitos dos obstáculos enfrentados por quem quer fazer negócios - especialmente as regras barocas aplicadas que vão desde o pagamento de impostos até a contratação de pessoas. Dilma Rousseff, candidata de Lula na eleição presidencial do próximo mês de outubro, insiste em afirmar que nenhuma reforma da legislação trabalhista arcaica é necessária.

E, talvez, este é o maior perigo que o Brasil enfrenta: a arrogância. Lula tem razão em dizer que seu país requer respeito, assim como o ex-presidente ele merece muito da adulação de que tanto gosta. Mas ele também tem sido um presidente de sorte, colhendo as recompensas do *boom* das *commodities* e operando a partir da sólida plataforma para o crescimento erguida por seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. A manutenção do bom desempenho do Brasil, em um mundo que passa por tempos difíceis, significa que o sucessor de Lula terá de enfrentar alguns dos problemas que ele próprio se sentiu autorizado a ignorar. Assim, o resultado da eleição pode determinar a velocidade com que o Brasil avança na era pós-Lula. No entanto, o rumo do país parece estar definido. Sua decolagem é ainda mais admirável, porque foi conseguida por meio de uma reforma e de uma construção democrática do consenso. Se, pelo menos, a China pudesse dizer o

mesmo.

## Brazil's future

## Has Brazil blown it?

*A stagnant economy, a bloated state and mass protests mean Dilma Rousseff must change course*

Print edition | Leaders

Sep 27th 2013

FOUR years ago this newspaper put on its cover a picture of the statue of Christ the Redeemer ascending like a rocket from Rio de Janeiro's Corcovado mountain, under the rubric "[Brazil takes off \(http://www.economist.com/node/21521493\)](http://www.economist.com/node/21521493)". The economy, having stabilised under Fernando Henrique Cardoso in the mid-1990s, accelerated under Luiz Inácio Lula da Silva in the early 2000s. It barely stumbled after the Lehman collapse in 2008 and in 2010 grew by 7.5%, its strongest performance in a quarter-century. To add to the magic, Brazil was awarded both next year's football World Cup and the summer 2016 Olympics. On the strength of all that, Lula persuaded voters in the same year to choose as president his technocratic protégée, Dilma Rousseff.

Since then the country has come back down to earth with a bump. In 2012 the economy grew by 0.9%. Hundreds of thousands took to the streets in June in the biggest protests for a generation, complaining of high living costs, poor public services and the greed and corruption of politicians. Many have now lost faith in the idea that their country was headed for orbit and diagnosed just another *voo de galinha* (chicken flight), as they dubbed previous short-lived economic spurts.

#### Latest updates

A new spin on why the travel ban is unconstitutional

DEMOCRACY IN AMERICA

Donald Trump's corporate tax plan doesn't add up

GRAPHIC DETAIL

There are excuses for the deceleration. All emerging economies have slowed. Some of the impulses behind Brazil's previous boom—the pay-off from ending runaway inflation and opening up to trade,



"Casting JonB... on true  
crime  
PROSPERO

commodity price rises, big increases in credit and consumption—have played themselves out. And many of Lula's policies, notably the *Bolsa Família* that

helped lift 25m people out of poverty, were admirable.

## The world's most burdensome tax code

But Brazil has done far too little to reform its government in the boom years. It is not alone in this: India had a similar chance, and missed it. But Brazil's public sector imposes a particularly heavy burden on its private sector, as our [special report \(http://www.economist.com/news/special-report/21586667-having-come-tantalisingly-close-taking-brazil-has-stalled-helen-joyce-explains\)](http://www.economist.com/news/special-report/21586667-having-come-tantalisingly-close-taking-brazil-has-stalled-helen-joyce-explains) explains. Companies face the world's most burdensome tax code, payroll taxes add 58% to salaries and the government has got its spending priorities upside down.

Compare pensions and infrastructure. The former are absurdly generous. The average Brazilian can look forward to a pension of 70% of final pay at 54. Despite being a young country, Brazil spends as big a share of national income on pensions as southern Europe, where the proportion of old people is three times as big. By contrast, despite the country's continental dimensions and lousy transport links, its spending on infrastructure is as skimpy as a string bikini. It spends just 1.5% of GDP on infrastructure, compared with a global average of 3.8%, even though its stock of infrastructure is valued at just 16% of GDP, compared with 71% in other big economies. Rotten infrastructure loads unnecessary costs on businesses. In Mato Grosso a soyabean farmer spends 25% of the value of his product getting it to a port; the proportion in Iowa is 9%.

These problems have accumulated over generations. But Ms Rousseff has been unwilling or unable to tackle them, and has created new problems by interfering far more than the pragmatic Lula. She has scared investors away from infrastructure projects and undermined Brazil's hard-won reputation for macroeconomic rectitude by publicly chivvying the Central Bank chief into slashing interest rates. As a result, rates are now having to rise more than they otherwise might to curb persistent inflation. Rather than admit to missing its fiscal targets, the government has resorted to creative accounting. Gross public debt has climbed to 60-70% of GDP, depending on the definition—and the markets do not trust Ms Rousseff.

Fortunately, Brazil has great strengths. Thanks to its efficient and entrepreneurial farmers, it is the world's third-biggest food exporter. Even if the government has made the process slower and costlier than it needed to be, Brazil will be a big oil exporter by 2020. It has several manufacturing jewels, and is developing a world-class research base in biotechnology, genetic sciences and deep-sea oil and gas technology. The consumer brands that have grown along with the country's expanding middle class are ready to go abroad. Despite the recent protests, it does not have the social or ethnic divisions that blight other emerging economies, such as India or Turkey.



### An own goal for Dilma Fernández?

But if Brazil is to recover its vim, it needs to rediscover an appetite for reform. With taxes already taking 36% of GDP—the biggest proportion in the emerging world alongside Cristina Fernández's chaotic Argentina—the government cannot look to taxpayers for the extra money it must spend on health care, schools and transport to satisfy the protesters. Instead, it needs to reshape public spending, especially pensions.

Second, it must make Brazilian business more competitive and encourage it to invest. The way to do that is not, as the government believes, to protect firms, but to expose them to more foreign competition while moving far more swiftly to eliminate the self-inflicted obstacles they face at home. Brazil's import tariffs

remain high and its customs procedures are a catalogue of bloody-minded obstructionism. More dynamic Latin American economies have forged networks of bilateral trade deals. Brazil has hidden behind Mercosur, a regional block that has dwindled into a leftist talking-shop, and the moribund Doha round of world-trade talks. It needs to open up.

Third, Brazil urgently needs political reform. The proliferation of parties, whose only interest is pork and patronage, builds in huge waste at every level of government. One result is a cabinet with 39 ministries. On paper, the solution is easy: a threshold for seats in Congress and other changes to make legislators more accountable to voters. But getting those who benefit from the current system to agree to change it requires more political skill than Ms Rousseff has shown.

In a year's time Ms Rousseff faces an election in which she will seek a second four-year term. On her record so far, Brazil's voters have little reason to give her one. But she has time to make a start on the reforms needed, by trimming red tape, merging ministries and curbing public spending. Brazil is not doomed to flop: if Ms Rousseff puts her hand on the throttle there is still a chance that it could take off again.

## **O futuro do Brasil**

### **O Brasil estragou tudo?**

#### **Economia estagnada, Estado inchado e protestos em massa significam que Dilma Rousseff deve mudar de rumo**

27 set. 2013

Quatro anos atrás, este jornal colocou em sua capa uma foto do Cristo Redentor subindo como um foguete do Corcovado, no Rio de Janeiro, sob a manchete “O Brasil decola”. A economia, estabilizada na gestão de Fernando Henrique Cardoso, em meados da década de 1990, acelerou no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, no início dos anos 2000. Ela nem chegou a cambaleou após a quebra do banco *Lehman Brothers*, em 2008, e cresceu 7,5%, em 2010, o melhor desempenho em 25 anos. Para coroar o bom momento, o Brasil foi premiado com a Copa do Mundo de futebol do próximo ano e com as Olimpíadas de 2016. Levando em consideração esse cenário, Lula convenceu os eleitores, no mesmo ano, a escolher como presidente sua protegida tecnocrática, Dilma Rousseff.

Desde então, o país aterrissou para a realidade com um solavanco. Em 2012, a economia cresceu 0,9%. Centenas de milhares de pessoas saíram às ruas em junho, no maior protesto de uma geração, queixando-se do custo de vida elevado, dos serviços públicos precários e da ganância e corrupção dos políticos. Muitos perderam a fé na ideia de que seu país estava chegando nas alturas e diagnosticaram apenas mais um “voo de galinha”.

Há justificativas para a desaceleração: todas as economias emergentes têm sofrido esse efeito. Alguns dos estímulos por trás do prévio *boom* econômico do Brasil – a recompensa por ter acabado com a inflação desenfreada, por ter aberto o comércio, por ter aumentado os preços das *commodities*, por ter elevado muito o crédito e o consumo – já esgotaram. Contudo, muitas das políticas de Lula, em especial, o Bolsa Família, que ajudou a tirar 25 milhões de pessoas da pobreza, foram admiráveis.

#### **O código fiscal mais oneroso do mundo**

O Brasil fez muito pouco para reformar seu governo nos anos de *boom* econômico. No entanto, não foi só ele: a Índia teve uma chance semelhante e deixou passar. No entanto, o setor público do Brasil impõe um fardo particularmente pesado para o setor privado. As empresas brasileiras enfrentam o código fiscal mais oneroso do mundo, impostos sobre a folha de pagamentos acrescentam 58% ao valor dos salários, e o governo está com as suas prioridades de gastos de cabeça para baixo.

Compare aposentadorias e infraestrutura. As primeiras são absurdamente generosas. Em média, o brasileiro pode, com 54 anos, contar com uma aposentadoria de 70% do salário final. Apesar de ser um país jovem, o Brasil gasta grande parcela da receita nacional com aposentadorias como um país do sul da Europa, onde a proporção de pessoas idosas é três vezes maior. Em contrapartida, apesar das dimensões continentais do país e das péssimas vias de transporte, os gastos com infraestrutura são tão exíguos quanto um biquíni fio-dental. O país gasta apenas 1,5% do PIB com infraestrutura, em comparação com a média global de 3,8%. Ainda que seu fundo de investimentos em infraestrutura esteja avaliado em apenas 16% do PIB, comparado com 71% em outras grandes economias. Fardos em infraestrutura deficientes oneram as empresas com custos desnecessários. No Mato Grosso, um produtor de soja gasta 25% do valor do seu produto para levá-lo ao porto; a proporção em Iowa é de 9%.

Esses problemas têm perdurado ao longo das gerações. Mas Dilma tem se mostrado relutante ou incapaz de enfrentá-los e ainda criou novos problemas por interferir muito mais do que o pragmático Lula. Ela tem espantado os investidores para longe dos projetos de infraestrutura e comprometeu a reputação de retidão macroeconômica do país, duramente conquistada, ao importunar publicamente o presidente do Banco Central para cortar as taxas de juros. Como resultado, as taxas agora estão subindo mais do que estariam normalmente, para conter a pertinaz inflação. Em vez de admitir não ter atingido suas metas fiscais, o governo recorreu à contabilidade criativa. A dívida pública bruta subiu para em torno de 60-70% do PIB, dependendo da definição, e os mercados não confiarem em Dilma.

Felizmente, o Brasil tem muitos pontos fortes. Graças a seus eficientes e empreendedores agricultores, é o terceiro maior exportador de alimentos do mundo. O Brasil será um grande exportador de petróleo até 2020, mesmo que o governo tenha tornado o processo mais lento e mais caro do que precisava ser. O país tem setores

industriais preciosos e está desenvolvendo uma base de pesquisa de excelência mundial em biotecnologia, ciências genéticas e em tecnologias de extração de petróleo em águas profundas e de gás. As marcas brasileiras, que cresceram junto com a expansão da classe média do país, estão prontas para sair do país. Apesar dos protestos recentes, o Brasil não tem as divisões sociais ou étnicas que arruinaram outras economias emergentes, como a Índia ou a Turquia.

### **Uma meta pessoal para Dilma Kirchner?**

Se o Brasil quiser recuperar seu entusiasmo, precisa reencontrar seu apetite por reforma. Com impostos que já consomem 36% do PIB – a maior percentagem no mundo emergente, ao lado da caótica Argentina de Cristina Kirchner –, o governo não pode se voltar para os contribuintes para obter o dinheiro extra que precisa gastar em saúde, educação e transporte para satisfazer os manifestantes. Em vez disso, precisa reformular o gasto público, em especial, as aposentadorias.

Em segundo lugar, o governo deve tornar as empresas brasileiras mais competitivas e incentivá-las a investir. A maneira de fazer isso não é, como o governo acredita, proteger as empresas, mas sim expô-las à concorrência estrangeira, enquanto toma medidas muito mais rapidamente para eliminar os obstáculos autoinfligidos que enfrentam no seu próprio território. As tarifas de importação do Brasil continuam elevadas, e seus procedimentos aduaneiros são um exemplo do seu obstrucionismo de espírito de porco. As economias latino-americanas mais dinâmicas forjaram redes de acordos bilaterais de comércio. O Brasil tem se escondido atrás do Mercosul, um bloco regional que tem se definido em um fórum de discussão de esquerda, e da moribunda Rodada de Doha de negociações do comércio mundial. O país precisa se abrir.

Em terceiro lugar, o país precisa urgentemente de uma reforma política. A proliferação de partidos políticos, cujo único interesse é beneficiar seus aliados políticos, aumenta os enormes gastos, em todos os níveis do governo. Um dos resultados disso é um gabinete com 39 ministérios. No papel, a solução é fácil: um limite de assentos no Congresso e outras mudanças para que os legisladores prestem mais contas aos eleitores. No entanto, fazer com que os beneficiados do sistema atual concordem em mudá-lo exige mais habilidade política do que Dilma Rousseff mostrou ter.

Daqui a um ano, Dilma enfrenta uma eleição na qual busca um segundo mandato de quatro anos. Pelo histórico da presidente, os eleitores brasileiros têm poucos motivos para elegê-la novamente. Porém, ainda há tempo para que ela inicie as reformas necessárias, cortando burocracia, fundindo ministérios e limitando os gastos públicos. O Brasil não está fadado ao fracasso: se Dilma colocar o pé no acelerador, há ainda uma chance de que o Brasil decole novamente.

Bello

## Lessons of a footballing Armageddon

*Brazil needs new ideas, on and off the pitch*



---

Print edition | The Americas

Jul 10th 2014

---

THE only previous time that Brazil hosted the World Cup, in 1950, it famously lost the final 2-1 to Uruguay, after shipping two goals in 13 minutes late in the second half. So deflated were Brazilians that Nelson Rodrigues, a playwright and journalist, described the occasion as a “national catastrophe...our Hiroshima”.

If that is the benchmark, then the 7-1 semi-final thrashing on July 8th at the hands of Germany in Belo Horizonte’s Mineirão stadium was Brazil’s Armageddon. It was not just the scale of defeat—the worst since 1920. It was also the manner in which Germany’s fast and technically superior players cut through the home defence, as easily as a machete through cassava. To rub salt in a gaping wound, it is Argentina —Brazil’s arch-rivals—who will face Germany in the final on July 13th.



### Latest updates

A new spin on why the travel ban is unconstitutional

DEMOCRACY IN AMERICA

Donald Trump's corporate tax plan doesn't add up

GRAPHIC DETAIL

"Casting JonBenét" offers a fresh take on true crime

PROSPERO

[See all updates](#)

This humiliation has left Brazilians shell-shocked. No other country in the world has a closer identification with football, as Rodrigues's hyperbole highlights. That may partly be because Brazil has no real Hiroshimas to fear: apart from brief engagement on the Allied side in Italy in 1944-45, it has not fought a war since the 1860s (against Paraguay). Through good fortune and tolerance, it faces neither

military threats, nor terrorism, nor ethnic or religious tensions.

But this identification with football is also because the sport has provided a national narrative and a social glue. In a country that for long periods has failed to live up to its potential, prowess at the game provided "a confidence in ourselves that no other institution has given Brazil to the same extent", as Roberto DaMatta, an anthropologist, wrote in the 1980s. Brazil has won five World Cups but no Brazilian has won a Nobel prize.

In winning the right to host this year's World Cup (and the Olympics in Rio de Janeiro in 2016) Luiz Inácio Lula da Silva, Brazil's then president, wanted to highlight that the country now has other reasons for confidence beyond football. The tournament would showcase the planet's seventh-largest economy, a vibrant democracy and remarkable social progress that has seen poverty and income inequality fall steadily in this century.

But the tournament has taken place just as Brazilians are feeling less confident about their country's course. The economy has slowed to a crawl; inflation is at 6.5%, despite a succession of interest-rate rises. The \$11 billion of publicly financed spending on stadiums helped to trigger huge protests last year over poor public services, corruption and the misplaced priorities of politicians. The last-minute rush to complete the stadiums, and the tragic collapse of a newly-built flyover in Belo Horizonte this month, have highlighted Brazil's difficulties with infrastructure projects.

Contrary to some forecasts, the event itself has gone smoothly, without transport breakdowns or significant protests. Predictably, most fans have had a great time.

Polls showed that Brazilians were warming to the idea of hosting the tournament. Despite being booed at the opening ceremony, Dilma Rousseff, Lula's successor and protégée, had felt emboldened to announce that she would attend the final.

Brazil's shattering defeat has robbed Ms Rousseff of any hope she might have nurtured that the World Cup would provide her with a boost in an election in October at which she will seek a second term. But in itself it will not help the opposition either. Things are not as simple as that. Brazilians were always going to have other matters on their mind when they vote in three months' time. The incumbent president won in 1998 when Brazil lost badly in the World Cup final, after all; and his chosen successor lost in 2002 when Brazil won.

At a deeper level, however, the humiliation of the Mineirão is likely to reinforce the country's negative mood. And that is potentially dangerous for Ms Rousseff. Though polls still make her the favourite, the campaign will only now start in earnest. Her approval rating hovers barely above 40%, and polls consistently show between 60% and 70% of Brazilians wanting change. With her centre-left Workers' Party having been in power for 12 years, can she offer it? Her appeal is in essence to past achievements—to a huge rise in employment and real wages, both of which are only just starting to move into reverse.

Similarly, the Mineirão disaster showed that Brazilian football is no longer a source of national confidence. It too needs changes that go far beyond building shiny new stadiums. Its officials are corrupt and its domestic league poorly run. Living on past glory, it is inward-looking and tactically outdated. Brazilians may end up concluding that they need new management and new ideas, both on and off the pitch.

**Bello**

## **Lições de um *Armageddon* no futebol**

### **O Brasil precisa de novas ideias, dentro e fora de campo.**

10 jul. 2014

Na única vez em que o Brasil sediou a Copa do Mundo, em 1950, perdeu a final por 2 a 1 do Uruguai, depois dos uruguaios fazerem dois gols em 13 minutos no fim do segundo tempo. Os brasileiros ficaram tão desanimados que Nelson Rodrigues, dramaturgo e jornalista, descreveu a ocasião como uma “catástrofe nacional... Nossa Hiroshima”.

Se essa for a referência, a lavada de 7 a 1 que o Brasil sofreu da Alemanha na semifinal, no dia 8 de julho, no Mineirão, em Belo Horizonte, foi o *Armageddon* brasileiro. Não foi apenas a importância da derrota – a pior desde 1920. Foi mamão com açúcar a maneira pela qual os jogadores rápidos e tecnicamente superiores da Alemanha atravessaram a defesa do país-sede. Para colocar sal na ferida, são os argentinos que enfrentarão a Alemanha na final, no dia 13 de julho.

Essa humilhação deixou os brasileiros petrificados. Nenhum outro país no mundo tem uma identificação tão próxima com o futebol, como destaca a hipérbole de Nelson Rodrigues. Isso pode ser, em parte, porque o Brasil não tem Hiroshimas reais a temer: além de um breve engajamento ao lado dos Aliados, na Itália, em 1944-1945, o país não participou de uma guerra desde os anos de 1860. Graças à boa sorte e à tolerância, o Brasil não enfrenta nem ameaças militares, nem terrorismo, nem tensões étnicas ou religiosas.

Essa identificação com o futebol é também porque o esporte proporcionou uma narrativa nacional e uma união social. Em um país que, por longos períodos, não conseguiu alcançar seu potencial, a proeza no esporte proporcionou “uma confiança em nós mesmos que nenhuma outra instituição deu ao Brasil na mesma proporção”, como escreveu Roberto DaMatta, um antropólogo brasileiro, na década de 1980. O Brasil venceu cinco Copas do Mundo, mas nenhum brasileiro jamais ganhou o Prêmio Nobel.

Em 2007 e 2009, quando o Brasil foi escolhido para sediar a Copa do Mundo deste ano e as Olimpíada em 2016, Luiz Inácio Lula da Silva, então presidente do Brasil, queria destacar que o país tinha outras razões para ter confiança além do futebol. O campeonato colocaria em destaque a sétima maior economia do planeta, uma democracia vibrante e com um notável progresso social que tem visto a pobreza e a desigualdade de renda diminuírem constantemente neste século.

Porém, o torneio aconteceu bem no momento em que os brasileiros estão se sentindo menos confiante em relação ao curso de seu país. A economia desacelerou até se arrastar; a inflação é de 6,5%, apesar da sucessão de aumentos na taxa de juros. Os US\$ 11 bilhões gastos nos estádios com financiamento público ajudaram a desencadear, no ano passado, grandes protestos contra os serviços públicos precários, a corrupção e as prioridades erradas dos políticos. A correria de última hora para terminar os estádios e o trágico desmoronamento da cobertura de um deles este mês em Belo Horizonte destacaram as dificuldades do Brasil com projetos de infraestrutura.

Contrariando algumas previsões, o evento em si tem sido tranquilo, sem panes de transportes ou protestos significativos. Como previsto, a maioria dos fãs teve um ótimo momento. As pesquisas mostraram que os brasileiros estavam gostando da ideia de sediar o torneio. Apesar de ter sido vaiada na cerimônia de abertura, Dilma Rousseff, a sucessora e protegida de Lula, sentiu-se confiante em anunciar que iria assistir à final.

A devastadora derrota do Brasil tirou qualquer esperança que ela nutriu de que a Copa do Mundo lhe daria um gás nas eleições de outubro. Mas, de qualquer maneira, isso também não ajudará a oposição. As coisas não são tão simples assim. Os brasileiros sempre terão outros assuntos em mente, quando votarem dentro de três meses. No fim das contas, o então presidente venceu as eleições em 1998, quando o Brasil perdeu feio na decisão da Copa do Mundo; e seu sucessor indicado perdeu em 2002, quando o Brasil venceu.

No entanto, segundo uma análise mais complexa, a humilhação no Mineirão tende a reforçar a atmosfera negativa do país. E isso é potencialmente perigoso para Dilma. Embora as pesquisas ainda a apontem como a favorita, a campanha só começará de verdade agora. Seu índice de aprovação está um pouco acima de 40%, e as pesquisas mostram que entre 60% e 70% dos brasileiros querem mudanças. Será que a presidente pode oferecer isso com seu Partido dos Trabalhadores de centro-esquerda que está no

poder há 12 anos? O atrativo de Dilma é essencialmente baseado em realizações passadas – um enorme aumento na oferta de emprego e em salários reais, que estão apenas começando a mudar de direção.

Da mesma forma, a derrota no Mineirão mostrou que o futebol brasileiro não é mais uma fonte de confiança nacional. O esporte também precisa de mudanças que vão muito além de construir belos novos estádios. Seus funcionários são corruptos, e seu campeonato nacional é mal administrado. Vivendo de glórias passadas, o futebol brasileiro só tem olhos para si e é taticamente ultrapassado. Os brasileiros podem acabar concluindo que precisam de uma nova administração e de novas ideias, tanto dentro quanto fora de campo.

**Brazil's presidential election**

## Why Brazil needs change

*Voters should ditch Dilma Rousseff and elect Aécio Neves*

Print edition | Leaders

Oct 16th 2014

IN 2010, when Brazilians elected Dilma Rousseff as president, their country seemed at last to be living up to its huge potential. The economy expanded by 7.5% that year, setting the seal on eight years of faster growth and a steep fall in poverty under Luiz Inácio Lula da Silva, Ms Rousseff's political mentor and the leader of the centre-left Workers' Party (PT). But four years later that promise has disappeared. Under Ms Rousseff the economy has stalled and social progress has slowed. Sanctions-hit Russia aside, Brazil is by far the weakest performer in the BRIC club of big emerging economies. In June 2013 over a million Brazilians took to the streets to protest against poor public services and political corruption.

Ever since the protests the polls have shown that two-thirds of respondents want

the next president to be different. So one might have expected them to turf out Ms Rousseff in the first round of the country's presidential election on October 5th. In the event she secured 41.6% of the vote and remains the narrow favourite to win the run-off ballot on October 26th. That is mainly because most Brazilians have not yet felt the economic chill in their daily lives—though they soon will. And it is partly because her opponent, Aécio Neves of the centre-right Party of Brazilian Social Democracy (PSDB), who won 33.6%, has struggled to persuade poorer Brazilians that the reforms he espouses—which the country urgently needs—will benefit rather than harm them. If Brazil is to avoid another four years of drift, it is vital that he succeeds in doing so.

**Latest updates**

The pope visits Egypt  
MIDDLE EAST AND AFRICA

---

What are the logistics of a snap election?  
SPEAKERS' CORNER

---

How liquor shops are getting around India's latest booze ban  
THE ECONOMIST EXPLAINS

---

[See all updates](#)

### A campaign upended by fate

Mr Neves's task has been made harder by a campaign scarred by tragedy and upended by fate, as dramatic as a Brazilian *telenovela*. Two months ago the third-placed candidate, Eduardo Campos, died in a plane crash on his way to a rally. His former running-mate and replacement, Marina Silva, surged into the lead in the

polls. An environmentalist, Ms Silva is the darling of the protesters, the symbol of a “new politics”. But attractive though her lack of a political machine might have seemed, it was a liability. Faced with sometimes underhand attacks from Ms Rousseff, Ms Silva wobbled. It did not help that she is an evangelical Protestant in what is still a largely Catholic country. In the end her 21% share of the vote was scarcely bigger than she managed in 2010. Rather than a “new politics”, the run-off will repeat the battle between the PT and the PSDB that has defined all Brazil's presidential elections since 1994.

In this contest, Ms Rousseff's main asset is popular gratitude for full employment, higher wages and a clutch of effective social programmes—not just the *Bolsa Família* cash-transfers but low-cost housing, student grants, and rural electricity and water programmes in the poor north-east. These are real achievements. But alongside them are bigger, but less palpable, failures, both on the economy and in politics.

The troubled world economy and the end of the great commodity boom (see [article \(http://www.economist.com/news/briefing/21625661-under-dilma-rousseff-brazils-economy-has-stalled-she-promises-reignite-growth-but-faces\)](http://www.economist.com/news/briefing/21625661-under-dilma-rousseff-brazils-economy-has-stalled-she-promises-reignite-growth-but-faces)) have hurt Brazil. But it has fared worse than its Latin American neighbours. Ms Rousseff's constant meddling in macroeconomic policies and attempts to micromanage the private sector have seen investment fall. She has made few efforts to tackle Brazil's structural problems: its poor infrastructure, high costs, punitive tax system, mountains of red tape and a rigid labour code copied from Mussolini.

Instead, she has revived Brazil's corporate state, dishing out favours to insiders, such as tax breaks and subsidised loans from bloated state banks. She has damaged both Petrobras, the state oil company, and the ethanol industry by holding down the price of petrol to mitigate the inflationary impact of her loose fiscal policy. A bribery scandal in Petrobras underlines that it is the PT, and not its opponents as Ms Rousseff claims, who cannot be trusted with what was once a national jewel.

This corporate state of voracious insiders is symbolised by Ms Rousseff's absurdly large coalition, and her 39-member cabinet. It costs Brazilians some 36% of GDP in taxes—far higher than in other countries at a similar stage of development. No wonder the government has been unable to find the extra money for health care and transport that the protesters demanded. And what is worse, Ms Rousseff, who lacks Lula's political touch, shows no sign of having learned from her errors.

### **More of the same will no longer do**

Ms Rousseff draws strength from Mr Neves's flaws as a candidate. The left's baseless insinuation that he would axe *Bolsa Família* has stuck because he is a member of Brazil's political establishment—his grandfather died on the eve of becoming president in 1985—and he carries a whiff of the old politics: as governor of Minas Gerais, he was found to have spent public money on a small-town airstrip which just happens to be close to his farm. For the past 12 years Lula, who still has the ear of the poor, has caricatured the PSDB as a party of heartless fat cats.

Yet Mr Neves's policies would benefit poor Brazilians as well as prosperous ones. He promises to put the country back on the path of economic growth. His record, and that of his party, makes his claim credible. In the presidencies of Fernando Henrique Cardoso in the 1990s, the PSDB vanquished inflation and laid the



foundations for Brazil's recent progress; and in two terms as governor, Mr Neves turned Minas Gerais, Brazil's second-most-populous state, from a financial basket-case into an example of good administration with some of the country's best schools. He did so largely by cutting bureaucracy. He has an impressive team of advisers led by Arminio Fraga, a former Central Bank governor who is respected by investors. As well as a return to sound macroeconomic policies, his team promise to slash the number of ministries, make Congress more accountable to voters, simplify the tax system and boost private investment in infrastructure.

Mr Neves deserves to win. He has fought a dogged campaign and proved that he can make his economic policies work. The biggest threat to social programmes is the PT's mismanagement of the economy. With luck the endorsement of Ms Silva, a former PT member born in poverty, should bolster his case. Brazil needs growth and better government. Mr Neves is likelier to deliver these than Ms Rousseff is.

## **A eleição presidencial do Brasil**

### **Por que o Brasil precisa mudar**

#### **Os eleitores devem dispensar Dilma Rousseff e eleger Aécio Neves**

16 out. 2014

Em 2010, quando os brasileiros elegeram Dilma Rousseff como presidente, o país parecia finalmente estar vivendo à altura de seu enorme potencial. A economia cresceu 7,5% naquele ano, selando um período de oito anos de crescimento rápido e uma brusca queda na pobreza, na presidência de Luiz Inácio Lula da Silva, mentor político de Dilma e líder do Partido dos Trabalhadores (PT), de centro-esquerda. Mas, quatro anos depois, essa expectativa desapareceu. No governo de Dilma, a economia estagnou, e o progresso social desacelerou. Desconsiderando a Rússia, afetada por sanções, o Brasil é de longe o país com o pior desempenho entre as grandes economias emergentes do BRIC. Em junho de 2013, mais de um milhão de brasileiros foram às ruas para protestar contra a precariedade dos serviços públicos e a corrupção na política.

Desde essas manifestações, as pesquisas têm mostrado que dois terços dos entrevistados desejam que o próximo presidente seja diferente. Assim, seria de se esperar que tivessem descartado Dilma no primeiro turno das eleições presidenciais no dia 5 de outubro. Na ocasião, ela obteve 41,6% dos votos e continua praticamente como a favorita para vencer o segundo turno no dia 26 de outubro. Isso ocorre, principalmente, porque a maioria dos brasileiros ainda não sentiu na pele os efeitos da economia – mas logo sentirão. E isso é, em parte, porque o oponente de Dilma, Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), de centro-direita, que obteve 33,6% dos votos, tem dificuldades para convencer os mais pobres de que as reformas defendidas por ele – muito necessárias ao país – vão beneficiá-los em vez de prejudicá-los. Se o Brasil quiser evitar quatro anos à deriva, é vital que ele tenha sucesso em sua missão.

#### **Uma campanha alterada pelo destino**

A tarefa de Aécio se tornou mais difícil com uma campanha marcada por tragédia e alterada pelo destino, tão dramática quanto uma novela mexicana. Dois meses atrás, o candidato que ocupava o terceiro lugar nas pesquisas, Eduardo Campos, morreu em um

acidente de avião, a caminho de um comício. Sua ex-vice e substituta, Marina Silva, aumentou rapidamente sua popularidade para liderar nas pesquisas.

Ambientalista, Marina é a queridinha dos manifestantes, o símbolo da “nova política”. No entanto, por mais atraente que a ausência do maquinário político possa ter sido, foi também um ponto fraco. Diante dos ataques desleais de Dilma, Marina estremeceu. O fato de ser evangélica, em um país de maioria católica, não ajudou. No fim das contas, sua parcela de 21% dos votos foi um pouco acima do resultado obtido em 2010. Em vez da “nova política”, o segundo turno vai repetir a batalha entre PT e PSDB que vem definindo as eleições presidenciais no Brasil desde 1994.

Nessa disputa, o principal trunfo de Dilma é a gratidão popular pelo pleno emprego, por salários mais altos e por um conjunto de programas sociais eficazes – não apenas as transferências de dinheiro do Bolsa Família, mas moradias populares, bolsas estudantis e programas de água e luz para o Nordeste carente. Essas são conquistas concretas, mas que são acompanhadas por fracassos maiores, menos palpáveis, tanto na economia quanto na política.

Os problemas da economia mundial, ao fim do grande *boom* das *commodities*, prejudicaram o Brasil. O país teve desempenho inferior ao de seus vizinhos latino-americanos. O constante intrometimento de Dilma nas políticas macroeconômicas e as tentativas de microgerenciar o setor privado levaram a uma queda nos investimentos. Ela se esforçou pouco para resolver os problemas estruturais do Brasil: a precária infraestrutura, o alto custo, um sistema fiscal punitivo, uma burocracia sem fim e um rígido código de trabalho copiado de Mussolini.

Em vez disso, ela deu vida nova ao Estado corporativo do Brasil, distribuindo favores a aliados, como isenções fiscais e empréstimos subsidiados por bancos estatais inchados. Ela prejudicou tanto a Petrobras quanto a indústria de etanol, ao manter baixo o preço da gasolina para aliviar o impacto inflacionário de sua política fiscal relaxada. O escândalo de corrupção na Petrobras ressalta que é o PT (e não seus adversários, como afirma Dilma) que não pode ser confiado com a empresa que já foi considerada a queridinha do Brasil.

O Estado corporativo de vorazes aliados é simbolizado pela coalizão de dimensões absurdas de Dilma e de seu gabinete de 39 membros. Isso custa aos brasileiros cerca de 36% do Produto Interno Bruto (PIB) em impostos – taxa muito maior que em outros

países em fase similar de desenvolvimento. Não é à toa que o governo tem sido incapaz de encontrar dinheiro extra para o sistema de saúde e para o transporte, como exigido pelos manifestantes. E o pior é que, desprovida do toque político de Lula, Dilma não mostra sinais de ter aprendido com seus erros.

### **Mais do mesmo não será suficiente**

Dilma se fortalece com as fraquezas de Aécio como candidato. A insinuação sem fundamento da esquerda de que ele acabaria com o Bolsa Família teve impacto porque Aécio é membro da tradicional política brasileira – seu avô morreu na véspera de se tornar presidente, em 1985. Ele traz consigo o ranço da velha política: como governador de Minas Gerais, gastou dinheiro público na construção de um pequeno aeroporto próximo à sua fazenda. Nos últimos 12 anos, Lula, que ainda é o ouvido dos pobres, caricaturou o PSDB como um partido de barões.

No entanto, as políticas de Aécio beneficiariam os brasileiros pobres e também os mais prósperos. Ele prometeu colocar o país no rumo do crescimento econômico. Seu histórico, e também o de seu partido, dá credibilidade às suas propostas. Nos mandatos de Fernando Henrique Cardoso, nos anos 1990, o PSDB eliminou a inflação e criou os alicerces para o recente progresso do Brasil; e, em seus dois mandatos como governador, Aécio transformou Minas Gerais, o segundo estado mais populoso do Brasil e conhecido pela má administração, em um exemplo de bom governo, com algumas das melhores escolas do país. Ele fez isso, principalmente, reduzindo a burocracia. O candidato conta com uma impressionante equipe de consultores, liderada por Armínio Fraga, ex-diretor do Banco Central, que é respeitado pelos investidores. Além do retorno de políticas macroeconômicas mais sensatas, sua equipe promete cortar o número de ministérios, fazer com que o Congresso preste mais contas aos eleitores, simplificar o sistema tributário e incentivar o investimento privado em infraestrutura.

Aécio merece vencer. Ele travou uma campanha tenaz e provou que pode fazer suas políticas econômicas funcionarem. A maior ameaça aos programas sociais é a má administração econômica do PT. Contando com a sorte, a declaração de apoio de Marina, que era membro do PT e nasceu na pobreza, deverá impulsionar sua campanha. O Brasil precisa de crescimento e de um governo melhor. É mais provável que isso venha pelo Aécio do que pela Dilma.

## Corruption in Brazil

# The big oily

*The Petrobras scandal explained*





Print edition | The Americas

Dec 30th 2014 | SÃO PAULO

NEARLY as ominous as the economic cloud hovering over Dilma Rousseff is the scandal surrounding Petrobras, the state-controlled oil company. It nearly cost her re-election, and could yet spoil her second term as Brazil's president.

The affair began in March, when federal police arrested Paulo Roberto Costa, Petrobras's chief of refining from 2004 to 2012, in a money-laundering investigation. Mr Costa, seeking leniency, confessed to far more than that. Construction companies that won contracts from his division diverted 3% of their value into slush funds for political parties, he said. Police identified 10 billion reais (\$3.7 billion) of suspicious payments, making the *petrolão* (the "big oily") Brazil's biggest corruption scandal.

#### Latest updates

A new spin on why the travel ban is unconstitutional

DEMOCRACY IN AMERICA

Donald Trump's corporate tax plan doesn't add up

GRAPHIC DETAIL

"Casting JonBenét" offers a fresh take on true crime

PROSPERO

[See all updates](#)

In November police arrested two dozen executives from Brazil's six largest construction firms and another former Petrobras bigwig; 30 people have been indicted. Most of the alleged bribe-takers belong to the Workers' Party, which Ms Rousseff leads, or to her coalition allies.

There is no evidence that Ms Rousseff knew of the mischief, but much of it took place

while she was energy minister and chairman of Petrobras during the presidency of Luiz Inácio Lula da Silva, her predecessor. A former manager claims to have alerted Petrobras's current boss, Maria das Graças Foster, and other executives about the irregularities. The company denies that Ms Foster, a friend of the president, had

any knowledge of them.

The scandal will produce damning headlines for months to come. Most of the 28 politicians named by Mr Costa enjoy parliamentary privilege; only the Supreme Court may try them. Shares in Petrobras have dropped by more than half since their peak in September (in part because of falling oil prices).

Minority shareholders are furious. On December 24th the city of Providence, Rhode Island, one of several aggrieved investors, filed a case in New York naming Ms Rousseff as a potential witness. The Securities and Exchange Commission is investigating whether Petrobras violated anti-corruption laws. Expect more storms in 2015.

## **Corrupção no Brasil**

### **O “petrolão”**

#### **O escândalo da Petrobras explicado**

30 dez. 2014

Quase tão ameaçadora quanto a tempestade econômica que paira sobre Dilma Rousseff é o escândalo envolvendo a Petrobras. Isso quase custou sua reeleição e ainda pode estragar seu segundo mandato presidencial.

O caso começou em março, quando a Polícia Federal prendeu, em uma investigação de lavagem de dinheiro, Paulo Roberto Costa, diretor de abastecimento da Petrobras entre 2004-2012. Em busca de leniência, Paulo Roberto Costa confessou muito mais do que se sabe. Segundo ele, as construtoras que ganharam os contratos de sua divisão desviaram 3% dos valores recebidos, abastecendo caixas dois de partidos políticos. A polícia identificou 10 bilhões de reais em pagamentos suspeitos, tornando o “petrolão” o maior escândalo de corrupção do Brasil.

Em novembro, a polícia prendeu 24 executivos das seis maiores empreiteiras do Brasil e um outro ex-mandachuva da Petrobras; 30 pessoas foram indiciadas. A maioria dos supostos corruptos pertence ao Partido dos Trabalhadores, encabeçado por Dilma Rousseff, ou a seus partidos aliados.

Não há nenhuma evidência de que Dilma sabia do escândalo, mas muito do que aconteceu foi enquanto ela era ministra de Minas e Energia e presidente do Conselho de Administração da Petrobras durante a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva. Um ex-diretor alega ter alertado a atual presidente da Petrobras, Maria das Graças Foster, e outros executivos sobre as irregularidades. A empresa nega que Graça Foster, amiga da presidente, tivesse qualquer conhecimento dessas irregularidades. O escândalo vai produzir manchetes negativas ao longo de muitos meses. A maioria dos 28 políticos citados por Paulo Roberto Costa desfruta de imunidades parlamentares, cabendo apenas ao Supremo Tribunal julgá-los. As ações da Petrobras caíram mais da metade, desde seu pico em setembro (em parte, por causa da queda dos preços do petróleo).



Os acionistas minoritários estão furiosos. No dia 24 de dezembro de 2014, a cidade de Providence, Rhode Island, um dos vários investidores lesados, abriu um processo em Nova Iorque, apontando Dilma Rousseff como possível testemunha. A Comissão de Valores Imobiliários dos EUA está investigando se a Petrobras violou a lei anticorrupção dos Estados Unidos. Esperam-se mais tempestades em 2015.

**Brazil's economy**

# Rough weather ahead

*The mistakes Dilma Rousseff made during her first presidential term mean her second will be stormy*



Print edition | The Americas

Dec 30th 2014 | SÃO PAULO

WHILE Dilma Rousseff prepared to be sworn in for a second term as Brazil's president on January 1st, the skies over the capital, Brasília, were forecast to be clear. But the outlook for the next four years is gloomy. Her daunting to-do list includes repairing ties with America, damaged by the revelation in 2013 that its spies had tapped her phone calls. Deforestation in the Amazon region is rising after a decade of decline, and the worst drought on record threatens to bring energy and water rationing to the industrial south-east. Preparations for the 2016 Olympics in Rio de Janeiro risk a reprise of the deadline- and budget-busting run-up to the 2014 football World Cup, which Brazil also hosted. Ms Rousseff's left-wing Workers'

Party (PT) and its allies are embroiled in a corruption scandal involving Petrobras, the state-controlled oil giant, though so far she is personally untainted (see [article \(http://www.economist.com/news/americas/21637437-petrobras-scandal-explained-big-oily\)](http://www.economist.com/news/americas/21637437-petrobras-scandal-explained-big-oily)).

But it is the economy where the storm-clouds are stacked highest. The end of the commodity supercycle means falling prices for Brazilian exports of soybeans, iron ore and, most recently, oil. And the policies Ms Rousseff pursued during her first term have proved disastrous. A combination of macroeconomic laxity and microeconomic meddling, intended to boost growth, merely undermined public finances and her credibility. GDP rose by just 6.7% during her first four years. Her biddable Central Bank governor, Alexandre Tombini, and finance minister, Guido Mantega, cut interest rates and let rip on public spending even as inflation rose and tax receipts slowed. If her second term is to be any better, she will need to undo much of what she did in the first.

**Latest updates**

A new spin on why the travel ban is unconstitutional  
DEMOCRACY IN AMERICA

---

Donald Trump's corporate tax plan doesn't add up  
GRAPHIC DETAIL

---

"Casting JonBenét" offers a fresh take on true crime  
PROSPERO

---

See all updates

Ms Rousseff has made a start by recruiting Joaquim Levy, a hawkish banker, to replace Mr Mantega, and Nelson Barbosa, a respected economist, to the planning ministry, where he will oversee public investment. Mr Tombini will remain at the Central Bank, but has clearly been told to take the inflation target of 4.5% seriously; since Ms Rousseff's victory in October, the benchmark interest rate has been raised

from 11% to 11.75%. New agriculture and trade ministers with ties to farmers and industry signal a truce with the maligned private sector. The foreign ministry, too, is expected to get a more trade-friendly boss.

Mr Levy, in particular, has his work cut out. He has promised a primary budget surplus (before interest payments) of 1.2% of GDP in 2015 and 2% in 2016 in order to avoid Brazil losing its investment-grade credit rating. But under Mr Mantega opaque and inefficient subsidies to energy, transport and credit ballooned. And half of all primary public spending (including on pensions) moves in step with the minimum wage, which is to rise by around 2.5% in real terms in 2015 under a

multi-year formula that links it to past GDP growth. This means that Mr Levy must find savings of 2.1% of GDP elsewhere. A surplus of 0.7-0.8% is more plausible, thinks Mansueto Almeida, a public-finance expert.

Even hitting that lower target will mean cutting public investment and raising taxes—thereby making a return to growth even harder to achieve in the short term. Brazil's tax burden, already at 36% of GDP, is far higher than that of other middle-income countries. And its big construction firms, which are alleged to have bribed Petrobras for contracts, are likely to get caught up in legal proceedings and thus barred from public work. That puts at risk planned infrastructure projects budgeted at 870 billion reais (\$325 billion), including some needed for the Olympics. After a 7.2% drop in investment in 2014, Itaú, a bank, expects investment to be flat in 2015. Analysts have duly slashed growth forecasts for 2015 from 2.5% a year ago to 0.8% or less. Some predict an outright recession.

Mr Levy's task should become slightly easier in 2016, when, thanks to stalled GDP growth, spending linked to the minimum wage should merely keep pace with inflation. Ms Rousseff's, by contrast, is likely to become harder, thinks João Castro Neves of Eurasia Group, a consultancy. The PT's left-wingers and their sympathisers in trade unions and social movements despise Mr Levy, whom they call "Scissorhands". The party's allies in government are in a mutinous mood: in December 35 of 71 congressmen from its biggest coalition partner refused to vote with the government to revise this year's unattainable primary-surplus target of 1.9% (though the measure passed anyway). The Petrobras affair, which the opposition is exploiting with gusto, will further deplete the president's already diminished political capital.

Austerity will also hit her popularity in the country at large. Petrol prices have already gone up; electricity and public transport are next. The most recent plan to raise bus fares in big cities, in June 2013, sparked the biggest protests in a generation, and was quickly dropped. Any fiscal and monetary adjustment big enough to restore public finances is sure to push up the jobless rate, which is now close to a record low of around 5%.

Ideally, Ms Rousseff will let Mr Levy snip away, and use the Petrobras scandal to revitalise the ailing oil and construction industries by opening them up to foreign competition and dropping onerous (and graft-inducing) local-content rules. But

having promised Brazilians that belt-tightening would be painless, she may unbuckle at the first twinges of discomfort. Even if she does not, her new-found appetite for reforms will not be matched by her capacity to accomplish them.

## **A economia do Brasil**

### **Tempestade à vista**

#### **Os erros cometidos por Dilma Rousseff no primeiro mandato indicam um segundo tempestuoso**

30 dez. 2014

Enquanto Dilma Rousseff se preparava para assumir o segundo mandato como presidente do Brasil no dia 1º de janeiro, a previsão do tempo em Brasília era de céu claro. Contudo, as perspectivas para os próximos quatro anos são nebulosas. Dilma tem pela frente uma assustadora lista de tarefas que inclui reparar os laços com os Estados Unidos, abalados pela revelação em 2013 de que espões norte-americanos haviam grampeado telefonemas presidenciais; conter o desmatamento na região amazônica que está crescendo após uma década em declínio, e tomar medidas para combater a pior seca registrada que ameaça racionar a água e a energia do polo industrial do sudeste. As preparações para as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro correm o risco de se tornarem uma reprise do rombo orçamental e do descumprimento do prazo de entrega das obras que precedeu a Copa do Mundo de 2014. A esquerda petista de Dilma e os seus aliados estão envolvidos no escândalo de corrupção da Petrobras, embora ela pessoalmente permaneça isenta de culpa.

Porém, é na economia que as tempestades estão se concentrando. O fim do *boom* das *commodities* significou queda no preço das exportações brasileiras de soja, minério de ferro e, mais recentemente, petróleo. Além disso, as políticas adotadas por Dilma durante o primeiro mandato mostraram-se desastrosas. A combinação de descaso macroeconômico e interferência microeconômica, com a intenção de impulsionar o crescimento, simplesmente abalaram as finanças públicas e a credibilidade da presidente. O PIB brasileiro cresceu apenas 6,7% durante os primeiros quatro anos. O solícito presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, e o ministro da Fazenda, Guido Mantega, cortaram as taxas de juros e fizeram vista grossa para as despesas públicas, mesmo quando a inflação subiu e as receitas tributárias diminuíram. Se o segundo mandato é para ser melhor, ela terá de desfazer muitas das medidas tomadas no primeiro.

Dilma Rousseff começou seu novo mandato, recrutando Joaquim Levy, um banqueiro rigoroso, para substituir Mantega na Fazenda, além de Nelson Barbosa, um respeitado economista, para o Ministério do Planejamento, onde irá monitorar os gastos públicos. Tombini permanecerá como presidente do Banco Central, mas claramente tem sido orientado a levar a sério a meta de inflação de 4,5%. Desde a vitória de Rousseff, em outubro, a taxa básica de juros foi elevada de 11% para 11,75%. Os novos ministros da Agricultura e do Desenvolvimento, associados aos agricultores e à indústria, deram bandeira branca ao hostil setor privado. Espera-se ter, também, um ministro mais liberal no Ministério das Relações Exteriores.

Joaquim Levy, em particular, tem um árduo trabalho pela frente. Ele prometeu um superávit primário (antes do pagamento de juros) de 1,2% do PIB em 2015 e de 2% em 2016, a fim de evitar que o Brasil perca seu grau de investimento. Porém, no governo de Mantega, subsídios suspeitos e ineficientes para o setor de energia, transportes e crédito aumentaram drasticamente. Além disso, metade de toda a despesa pública primária (incluindo as pensões) move-se em sintonia com o salário mínimo, que tem previsão de aumentar em cerca de 2,5% em termos reais em 2015, analisado sob uma fórmula plurianual que liga esse gasto ao crescimento do PIB anterior. Isso mostra que Levy precisará encontrar outros lugares para cortar gastos equivalentes a 2,1% do PIB. De acordo com Mansueto Almeida, especialista em finanças públicas, um aumento de 0,7-0,8% no salário mínimo é mais plausível.

Mesmo se a menor meta for alcançada, isso significará corte nos gastos públicos e aumento de impostos, fazendo com que o retorno ao crescimento se torne ainda mais difícil de ser atingido a curto prazo. A carga tributária do Brasil, já em 36% do PIB, é muito maior do que a de outros países em desenvolvimento. Já as grandes empreiteiras brasileiras, acusadas de terem pagado propina à Petrobras por meio de contratos, estão propensas a serem pegadas em processos judiciais e, portanto, impedidas de realizar obras públicas. Isso põe em risco projetos de infraestrutura orçados em 870 bilhões de reais, incluindo as obras necessárias para as Olimpíadas. Depois de uma queda de 7,2% no investimento em 2014, o banco Itaú espera que, em 2015, os investimentos beirem a zero. Analistas têm diminuído, corretamente, as previsões de crescimento para 2015, de 2,5%, há um ano, para 0,8% atualmente. Alguns preveem uma recessão definitiva.

A tarefa de Levy deve se tornar um pouco mais fácil em 2016, pois, graças a estagnação do PIB, os gastos relacionados ao salário mínimo devem apenas manter o ritmo da inflação. A tarefa de Dilma, pelo contrário, deve se tornar mais difícil, segundo João Castro Neves, do *Eurasia Group*, a maior consultoria de riscos políticos do mundo. O PT e seus simpatizantes em sindicatos e movimentos sociais menosprezam Levy, a quem eles apelidaram de “Mãos de Tesoura”. Aliados do partido no governo estão em estado de rebeldia: em dezembro, 35 dos 71 congressistas da maior de suas coligações políticas se recusaram a votar a favor do governo para rever a inatingível meta de 1,9% do superávit primário deste ano (embora a medida tenha sido aprovada de qualquer maneira). O caso da Petrobras, do qual a oposição está tirando proveito com gosto, vai esgotar ainda mais o já enfraquecido capital político da presidente.

A austeridade também vai atingir a popularidade de Dilma em todo país. Os preços da gasolina já subiram; e os da energia e do transporte público serão os próximos. O mais recente plano para aumentar as tarifas de ônibus nas grandes cidades, em junho de 2013, provocou o maior protesto em uma geração e, por isso, foi abandonado rapidamente. Qualquer ajuste fiscal e monetário grande o suficiente para restaurar as finanças públicas, com certeza, aumentará a taxa de desemprego, que está agora perto de um recorde de baixa de cerca de 5%.

No cenário ideal, Dilma vai deixar Joaquim Levy fazer muitos cortes e usar o escândalo na Petrobras para revitalizar as indústrias de petróleo e da construção civil, em dificuldade, abrindo-se à concorrência estrangeira e abandonando as onerosas exigências (que induzem a corrupção) de conteúdo e produção local. Mas, apesar de ter prometido aos brasileiros que apertar o cinto não seria doloroso, ela já pode desafivelar os dela nos primeiros momentos de desconforto. Mesmo se Dilma não o fizer, sua recém-descoberta vontade por reformas não deve vir acompanhada de uma capacidade semelhante para realiza-las.



**Brazil**

## In a quagmire

*Latin America's erstwhile star is in its worst mess since the early 1990s*



---

Print edition | Leaders

Feb 26th 2015

---

CAMPAIGNING for a second term as Brazil's president in an election last October, Dilma Rousseff painted a rosy picture of the world's seventh-biggest economy. Full employment, rising wages and social benefits were threatened only by the nefarious neoliberal plans of her opponents, she claimed. Just two months into her new term, Brazilians are realising that they were sold a false prospectus.

Brazil's economy is in a mess, with far bigger problems than the government will admit or investors seem to register. The torpid stagnation into which it fell in 2013 is becoming a full-blown—and probably prolonged—recession, as high inflation squeezes wages and consumers' debt payments rise ([see article](http://www.economist.com/news/finance-and-economics/21645248-brazils-) <http://www.economist.com/news/finance-and-economics/21645248-brazils->

[fiscal-and-monetary-levers-are-jammed-result-it-risks-getting-stuck](#) ).

Investment, already down by 8% from a year ago, could fall much further. A vast corruption scandal at Petrobras, the state-controlled oil giant, has ensnared several of the country's biggest construction firms and paralysed capital spending in swathes of the economy, at least until the prosecutors and auditors have done their work. The real has fallen by 30% against the dollar since May 2013: a necessary shift, but one that adds to the burden of the \$40 billion in foreign debt owed by Brazilian companies that falls due this year.

#### Latest updates

A new spin on why the travel ban is unconstitutional

DEMOCRACY IN AMERICA

Donald Trump's corporate tax plan doesn't add up

GRAPHIC DETAIL

"Casting JonBenét" offers a fresh take on true crime

PROSPERO

[See all updates](#)

Escaping this quagmire would be hard even with strong political leadership. Ms Rousseff, however, is weak. She won the election by the narrowest of margins. Already, her political base is crumbling. According to Datafolha, a pollster, her approval rating fell from 42% in December to 23% this month. She has been hurt both by the deteriorating economy and by the Petrobras scandal, which involves

allegations of kickbacks of at least \$1 billion, funnelled to politicians in her Workers' Party (PT) and its coalition partners. For much of the relevant period Ms Rousseff chaired Petrobras's board. If Brazil is to salvage some benefits from her second term, then she needs to take the country in an entirely new direction.

### Levy to the rescue?

Brazil's problems are largely self-inflicted. In her first term Ms Rousseff espoused a tropical state-capitalism that involved fiscal laxity, opaque public accounts, competitiveness-sapping industrial policy ([see article \(http://www.economist.com/news/business/21645214-why-country-produces-fewer-world-class-companies-it-should-brazils-business-belindia\)](http://www.economist.com/news/business/21645214-why-country-produces-fewer-world-class-companies-it-should-brazils-business-belindia)) and presidential meddling in monetary policy. Last year her re-election campaign saw a doubling of the fiscal deficit, to 6.75% of GDP.

To her credit, Ms Rousseff has at least recognised that Brazil needs more business-friendly policies if it is to retain its investment-grade credit rating and return to growth. This realisation is personified by her new finance minister, Joaquim Levy, a

Chicago-trained economist and banker and one of the country's rare economic liberals (see article (<http://www.economist.com/news/americas/21645211-thatcherism-winning-adherents-niche-no-longer>)). However, Brazil's past failure to deal promptly with macroeconomic distortions has left Mr Levy to grapple with a recessionary trap.

To stabilise gross public debt, he has promised a whopping fiscal squeeze of almost two percentage points of GDP this year. Part of this is coming from the removal of an electricity subsidy and the reimposition of fuel duty. Both measures have helped to push inflation to 7.4%. He also plans to curb subsidised lending by public banks to favoured sectors and firms.

Ideally, Brazil would offset this fiscal squeeze with looser monetary policy. But because of the country's hyperinflationary past, as well as more recent mistakes—the Central Bank bent to the president's will, ignored its inflation target and foolishly slashed its benchmark rate in 2011-12—the room for manoeuvre today is limited. With inflation still above its target, the Central Bank cannot cut its benchmark rate from today's level of 12.25% without risking further loss of credibility and sapping investor confidence. A fiscal squeeze and high interest rates spell pain for Brazilian firms and households and a slower return to growth. What makes this adjustment perilous is the political fragility of Ms Rousseff herself. On paper she won a comfortable, though reduced, legislative majority in the October election. Yet the PT is already grumbling about Mr Levy's fiscal policies—partly because the campaign did not lay the ground for them. Ms Rousseff suffered a crushing defeat on February 1st in an election for the politically powerful post of head of the lower house of Congress. Eduardo Cunha, who vanquished the PT's man, will pursue his own agenda, not hers. Not for the first time, Brazil may be in for a period of semi-parliamentary government.

The country thus faces its biggest test since the early 1990s. The risks are clear. Recession and falling tax revenue may undermine Mr Levy's adjustment. Any backsliding may in turn prompt a run on the real and a downgrade in Brazil's credit rating, raising the cost of financing for government and companies alike. Were Brazil to see a repeat of the mass demonstrations of 2013 against corruption and poor public services, Ms Rousseff might be doomed.

**From weakness, opportunity**

Yet the president's weakness is also an opportunity—and for Mr Levy in particular. He is now indispensable. He should build bridges to Mr Cunha, while making it clear that if Congress tries to extract a budgetary price for its support, that will lead to cuts elsewhere. The recovery of fiscal responsibility must be lasting for business confidence and investment to return. But the sooner the fiscal adjustment sticks, the sooner the Central Bank can start cutting interest rates.

More is needed for Brazil to return to rapid and sustained growth. It may be too much to expect Ms Rousseff to overhaul the archaic labour laws that have helped to throttle productivity, but she should at least try to simplify taxes and cut mindless red tape. There are tentative signs that the government will scale back industrial policy and encourage more international trade in what remains an over-protected economy.

Brazil is not the only member of the BRICS quintet of large emerging economies to be in trouble. Russia's economy, in particular, has been battered by war, sanctions and dependence on oil. For all its problems, Brazil is not in as big a mess as Russia. It has a large and diversified private sector and robust democratic institutions. But its woes go deeper than many realise. The time to put them right is now.

## **Brasil**

### **Em um atoleiro**

#### **A outrora estrela da América Latina vive sua pior bagunça desde o início de 1990**

26 fev. 2015

Ao fazer campanha para tentar o segundo mandato como presidente, na eleição de outubro do ano passado, Dilma Rousseff pintou um cenário positivo da sétima maior economia do mundo. Segundo ela, o pleno emprego, o aumento dos salários e os benefícios sociais estavam sendo ameaçados apenas pelos nefastos planos neoliberais de seus oponentes. Passados apenas dois meses em seu novo mandato, os brasileiros estão percebendo que foram enganados por uma falsa prospectiva.

A economia do Brasil está uma bagunça, com problemas muito maiores do que o governo vai admitir ou que investidores parecem registrar. A lenta estagnação econômica em que o país se encontrava em 2013 está se tornando uma constante – e provavelmente prolongada – recessão, a medida que a inflação mina os salários, e as dívidas dos consumidores aumentam. Os investimentos, já 8% menores do que no ano passado, podem diminuir ainda mais. Um enorme escândalo de corrupção na Petrobras tem engessado várias das maiores empreiteiras do país, paralisando os gastos em vários setores da economia, pelo menos até que os procuradores e auditores façam seu trabalho, investigando-as. O real caiu 30% em relação ao dólar desde maio de 2013: uma desvalorização necessária, mas que aumenta o fardo dos US\$ 40 bilhões em dívida externos já adquiridos por empresas brasileiras (com vencimento ainda neste ano).

Escapar deste atoleiro seria difícil até mesmo com uma forte liderança política. Dilma, porém, é fraca. Ela ganhou a eleição pela menor margem em corridas presidenciais brasileiras. A sua base política já está se desintegrando. De acordo com o Datafolha, o seu índice de aprovação caiu de 42% em dezembro para 23% este mês. Ela foi atingida tanto pela deterioração da economia quanto pelo escândalo da Petrobras, que envolve acusações de recebimento de propinas de pelo menos US\$ 1 bilhão, repassadas para políticos de seu partido (PT) e membros da coalizão. Durante grande parte do escândalo, Dilma presidiu o conselho de administração da Petrobras. Caso o Brasil

queira colher alguns frutos de seu segundo mandato, ela precisa então conduzir o país em uma direção totalmente nova.

### **Levy ao resgate?**

Os problemas do Brasil são em grande parte causados pelo próprio país. No seu primeiro mandato, Dilma adotou um capitalismo típico de Estados “tropicais” que envolveu frouxidão fiscal, contas públicas obscuras, uma política industrial que enfraqueceu a competitividade e a intromissão presidencial na política monetária. No ano passado, sua campanha de reeleição viu o déficit fiscal dobrar para 6,75% do PIB.

Pelo menos Dilma reconheceu que o Brasil precisa de mais políticas favoráveis às empresas, caso queira manter a nota de crédito do país pelas agências de *rating* e fazer o Brasil voltar a crescer. Esse entendimento é personificado pela escolha do novo ministro da Fazenda, Joaquim Levy, economista e banqueiro formado em Chicago e um dos raros economistas liberais do país. No entanto, o prévio fracasso do Brasil em lidar rapidamente com mudanças macroeconômicas deixou Joaquim Levy responsável por enfrentar a armadilha da recessão.

Para estabilizar a dívida pública bruta, Levy prometeu um aperto fiscal colossal de quase dois pontos percentuais do PIB este ano. Parte dessa medida provém da remoção de um subsídio energético e do restabelecimento de impostos sobre os combustíveis. Ambas as medidas têm ajudado a empurrar a inflação para 7,4%. Ele também planeja reduzir empréstimos subsidiados pelos bancos públicos para setores e empresas favorecidas.

Em um cenário ideal, o Brasil iria compensar esse aperto fiscal com uma política monetária mais frouxa. Mas por causa do passado hiperinflacionário do país, bem como pelos erros mais recentes, o Banco Central se curvou à vontade da presidente, ignorou sua meta de inflação e estupidamente cortou sua taxa de referência em 2011-12 – hoje o espaço para manobras desse gênero é limitado. Com a inflação ainda acima da meta, o Banco Central não poderá cortar sua taxa de referência a partir do nível atual de 12,25%, sem arriscar ainda mais a perda de credibilidade, além de corroer a confiança dos investidores.

Aperto fiscal e altas taxas de juros significam sofrimento para empresas e famílias brasileiras, além de um retorno mais lento ao crescimento. O que torna essa fórmula

perigosa é a fragilidade política da própria presidente Dilma. No papel, ela ganhou uma grande, embora posteriormente reduzida, maioria legislativa nas eleições de outubro. No entanto, o PT já está resmungando sobre as políticas fiscais de Levy – em parte, porque a campanha não preparou o terreno para elas. No dia 1º de fevereiro, Dilma sofreu uma derrota esmagadora na eleição para presidente da Câmara dos Deputados, cargo de grande poder político. Eduardo Cunha, que venceu o candidato do PT, seguirá sua própria agenda, e não a dela. Não é a primeira vez que o Brasil poderá vivenciar um período de governo semiparlamentar.

Diante desse cenário, o país enfrenta seu maior teste desde o início dos anos 1990. Os riscos são claros. Recessão e redução das receitas fiscais podem comprometer os ajustes previstos por Levy. Qualquer retrocesso, por sua vez, pode levar a uma corrida ao real e a um rebaixamento na classificação da nota de crédito do Brasil, elevando o custo do financiamento para o governo e para as empresas. Caso o país reviva as manifestações em massa de 2013 contra a corrupção e os precários serviços públicos, Dilma Rousseff pode cair em desgraça.

### **Da fragilidade, oportunidade**

No entanto, a fraqueza da presidente se torna também uma oportunidade – especialmente para Joaquim Levy. Agora, ele é indispensável. O Ministro da Fazenda deve estabelecer laços com Eduardo Cunha, deixando claro que, se o Congresso tentar cobrar algo pelo apoio, isso implicará cortes em todas as áreas. A recuperação da responsabilidade fiscal deve ser duradoura para que a confiança das empresas e os investimentos retornem. Quanto antes os ajustes fiscais forem aceitos, mais cedo o Banco Central pode começar a cortar as taxas de juros.

Contudo, mais medidas são necessárias para que o Brasil retome o crescimento rápido e sustentável. Esperar que Dilma reformule as arcaicas leis trabalhistas que ajudaram a estrangular a produtividade pode ser esperar demais, mas ela deve pelo menos tentar simplificar os impostos e reduzir a absurda burocracia. Há sinais de que o governo vai reduzir a política industrial e fomentar o comércio internacional, que ainda permanece uma economia muito protegida.

O país não é o único membro do quinteto de países emergentes que está em apuros. A economia da Rússia, em especial, tem sido afetada por guerras, sanções e dependência

do petróleo. Apesar de todos os seus problemas, o Brasil não está tão bagunçado quanto a Rússia. O Brasil tem um grande e diversificado setor privado e instituições democráticas fortes. Mas seus problemas estão mais embaixo do que muitos imaginam. O momento de solucioná-los é agora.



Latin America

## Brazil's fall

*Disaster looms for Latin America's biggest economy*

Print edition | Leaders

Jan 2nd 2016

AT THE start of 2016 Brazil should be in an exuberant mood. Rio de Janeiro is to host South America's first Olympic games in August, giving Brazilians a chance to embark on what they do best: throwing a really spectacular party. Instead, Brazil faces political and economic disaster.

On December 16th Fitch became the second of the three big credit-rating agencies to downgrade Brazil's debt to junk status. Days later Joaquim Levy, the finance minister appointed by the president, Dilma Rousseff, to stabilise the public finances, quit in despair after less than a year in the job. Brazil's economy is predicted to shrink by 2.5-3% in 2016, not much less than it did in 2015. Even oil-rich, sanction-racked Russia stands to do better. At the same time, Brazil's

governing coalition has been discredited by a gargantuan bribery scandal surrounding Petrobras, a state-controlled oil company. And Ms Rousseff, accused of hiding the size of the budget deficit, faces impeachment proceedings in Congress.

**Latest updates**

A new spin on why the travel ban is unconstitutional  
DEMOCRACY IN AMERICA

---

Donald Trump's corporate tax plan doesn't add up  
GRAPHIC DETAIL

---

"Casting JonBenét" offers a fresh take on true crime  
PROSPERO

---

See all updates

As the B in BRICS, Brazil is supposed to be in the vanguard of fast-growing emerging economies. Instead it faces political dysfunction and perhaps a return to rampant inflation. Only hard choices can put Brazil back on course. Just now, Ms Rousseff does not seem to have the stomach for them.

### Dismal Dilma

Brazil's suffering, like that of other emerging economies, stems partly from the fall in global commodity prices. But Ms Rousseff and her left-wing Workers' Party (PT) have made a bad situation much worse. During her first term, in 2011-14, she spent extravagantly and unwisely on higher pensions and unproductive tax breaks for favoured industries. The fiscal deficit swelled from 2% of GDP in 2010 to 10% in 2015.

Brazil's crisis managers do not have the luxury of waiting for better times to begin reform (see article (<http://www.economist.com/news/briefing/21684778-former-star-emerging-world-faces-lost-decade-irredeemable>)). At 70% of GDP, public debt is worryingly large for a middle-income country and rising fast. Because of high interest rates, the cost of servicing it is a crushing 7% of GDP. The Central Bank cannot easily use monetary policy to fight inflation, currently 10.5%, as higher rates risk destabilising the public finances even more by adding to the interest bill. Brazil therefore has little choice but to raise taxes and cut spending.

Mr Levy made a game attempt to renovate the building while putting out the fire. He trimmed discretionary spending by a record 70 billion reais (\$18 billion) in 2015 and tightened eligibility for unemployment insurance. But it was not enough. The recession dragged down tax revenues. Ms Rousseff gave her finance minister only lukewarm support and the PT was hostile towards him. The opposition, intent on ousting the president, was in no mood to co-operate.

Although he was a senior treasury official during Ms Rousseff's disastrous first term, Nelson Barbosa may be able to accomplish more as finance minister. He has political support within the PT. He also has bargaining power, because Ms Rousseff cannot afford to lose another finance minister. One early test will be whether Mr Barbosa persuades a recalcitrant Congress to reinstate an unpopular financial-transactions tax.

A central target should be pensions. The minimum benefit is the same as the minimum wage, which has risen by nearly 90% in real terms over the past decade. Women typically retire when they are 50 and men stop work at 55, nearly a decade earlier than the average in the OECD (a club of mostly rich countries). Brazil's government pays almost 12% of GDP to pensioners, a bigger share than older, richer Japan.

If Brazil is to fulfil its promise, much, much more is needed. A typical manufacturing firm spends 2,600 hours a year complying with the country's ungainly tax code; the Latin American average is 356. Labour laws modelled on those of Mussolini make it expensive for firms to fire even incompetent employees. Brazil has shielded its firms from international competition. That is one reason why, among 41 countries whose performance was measured by the OECD, its manufacturing productivity is the fourth-lowest.

To reform work and pensions, Ms Rousseff must face up to problems that have been decades in the making. Some 90% of public spending is protected from cuts, partly by the constitution which, in 1988, celebrated the end of military rule by enshrining generous job protection and state benefits. Because it is so hard to reform, Brazil's public sector rivals European welfare states for size but emerging ones for inefficiency. Long a drain on economic vitality, Brazil's overbearing state is now a chief cause of the fiscal crisis.

Overcoming such deep-rooted practices would be hard for any government. In Brazil it is made all the harder by a daft political system, which favours party fragmentation and vote-buying and attracts political mercenaries who have little commitment either to party or to programme. The threshold for a party to enter the lower house of Congress is low; today 28 are represented, adding to the legislative gridlock. Congressmen represent entire states, some as populous as neighbouring Latin American countries, which makes campaigning ruinously expensive—one

reason why politicians skimmed off huge amounts of money from Petrobras.

It is therefore hard, despite Mr Barbosa's advantages, to feel optimistic about the prospects for deep reform. Voters hold politicians in contempt. The opposition is bent on impeaching Ms Rousseff, a misguided battle that could dominate the political agenda for months. The PT has no appetite for austerity. Achieving the three-fifths support in both houses of Congress needed for constitutional reforms will be a tall order.

### **Reckless Rousseff**

And if Ms Rousseff fails to bring about change? Most of Brazil's borrowing is in local currency, which makes default unlikely. Instead, the country may end up inflating away its debts. Brazil's achievement has been to lift tens of millions of people out of rag-and-flip-flop poverty. Recession will halt that, or even begin to reverse it. The hope is that Brazil, which has achieved hard-won economic and democratic stability, does not lapse once again into chronic mismanagement and turmoil.

## **A queda do Brasil**

### **Um desastre emerge na maior economia da América Latina**

2 jan. 2016

No início de 2016, o Brasil deveria estar se sentindo grandioso. O Rio de Janeiro vai sediar os primeiros Jogos Olímpicos da América do Sul em agosto, dando oportunidade para que os brasileiros iniciem o que fazem de melhor: organizar uma festa espetacular. Em vez disso, o Brasil enfrenta um desastre político e econômico.

No dia 16 de dezembro, a *Fitch* tornou-se a segunda das três grandes agências de classificação de risco a rebaixar a nota do Brasil ao status de “lixo”. Dias depois, Joaquim Levy, ministro da Fazenda nomeado pela presidente Dilma Rousseff para estabilizar as contas públicas, desesperadamente renunciou depois de menos de um ano no cargo. A previsão é de que a economia brasileira decresça em torno de 2,5% a 3% em 2016, não muito menos do que em 2015. Até a Rússia, que é rica em petróleo e repleta de sanções punitivas, vai crescer mais que isso. Ao mesmo tempo, a coligação governamental brasileira tem sido desacreditada graças a um gigantesco escândalo de corrupção envolvendo a Petrobras. Acusada de esconder o tamanho do rombo financeiro, Dilma Rousseff enfrenta um processo de impeachment no Senado.

Representando o “B” na sigla BRICS, o Brasil deveria estar na vanguarda do crescimento das economias emergentes. Em vez disso, enfrenta uma turbulência política e, talvez, o retorno à inflação desenfreada. Somente decisões rígidas podem colocar o Brasil de volta ao rumo. Mas, atualmente, Dilma parece não ter o estômago para isso.

### **Um melancólica Dilma**

O sofrimento do Brasil, como o de outras economias emergentes, decorre, em parte, da queda dos preços mundiais das *commodities*. Mas Dilma e seu Partido dos Trabalhadores (PT) agravaram muito a situação. Durante seu primeiro mandato fez gastos extravagantes e insensatos com a previdência e forneceu incentivos fiscais a indústrias favorecidas. O déficit orçamental cresceu de 2% em 2010 para 10% do PIB em 2015.

Os gestores da crise do Brasil não têm o luxo de esperar por tempos melhores para dar início à reforma. A dívida pública, que já beira 70% do PIB, é preocupantemente grande para um país de renda média e está crescendo rapidamente. Devido às altas taxas de juros, o custo para mantê-la é de 7% do PIB. O Banco Central não pode simplesmente usar a política monetária para combater a inflação, atualmente em 10,5%, já que as altas taxas podem desestabilizar ainda mais as contas públicas, aumentando a taxa de juros. Portanto, o Brasil tem poucas alternativas senão aumentar impostos e cortar gastos.

Levy tentou reformar o ministério enquanto apagava o fogo. Cortou as despesas discricionárias em 70 bilhões de reais (US\$ 18 bilhões) em 2015, um recorde, e restringiu o acesso ao seguro-desemprego. No entanto, isso não foi o suficiente. A recessão reduziu as receitas fiscais. Dilma deu apenas um apoio apático ao seu ministro da Fazenda, e o PT foi hostil com ele. A oposição, focada em derrubar a presidente, não estava disposta a cooperar.

Apesar de ser um funcionário do alto escalão do Tesouro Nacional durante o desastroso primeiro mandato de Dilma, Nelson Barbosa talvez possa ser capaz de realizar mais como ministro da Fazenda. Nelson Barbosa tem apoio político no PT, ele também tem poder de negociação, porque Dilma Rousseff não se pode dar ao luxo de perder outro ministro da Fazenda. Um dos primeiros testes será conseguir persuadir um Congresso recalcitrante a restabelecer um imposto impopular sobre transações financeiras.

O alvo principal deve ser as aposentadorias. O benefício mínimo é igual ao salário mínimo, que subiu quase 90% em termos reais na última década. As mulheres, geralmente, aposentam-se com 50 anos, e os homens param de trabalhar aos 55, quase uma década antes da média dos países-membros da OCDE (um grupo formado principalmente por países ricos). O governo do Brasil paga quase 12% do PIB aos aposentados, uma parcela maior do que no Japão, que é mais rico e tem uma população mais velha.

Para que o Brasil cumpra sua promessa, é preciso muito, muito mais. Uma típica empresa fabricante gasta 2.600 horas por ano para cumprir com o estranho código tributário brasileiro; a média da América Latina é de 356 horas. As leis trabalhistas, baseadas nas de Mussolini, tornam caro para as empresas até mesmo demitir funcionários incompetentes. O Brasil blindou suas empresas da concorrência

internacional. Essa é uma razão pela qual, entre os 41 países cujo desempenho foi medido pela OCDE, sua produtividade manufatureira é a quarta mais baixa.

Para reformar as leis trabalhistas e as aposentadorias, Dilma tem de encarar os problemas que há décadas estão sendo criados. Cerca de 90% dos gastos públicos são protegidos contra cortes, em parte, pela Constituição de 1988, que comemorou o fim do regime militar consagrando, portanto, uma generosa proteção ao emprego e benefícios federais. Por ser tão difícil fazer reforma, o setor público do Brasil rivaliza com os Estados europeus de bem-estar quanto ao tamanho, mas com os emergentes quanto à ineficiência. Vê-se há tempo uma perda de vitalidade econômica, o Estado inflado do Brasil é agora uma das principais causas da crise fiscal.

Superar tais práticas profundamente arraigadas seria difícil para qualquer governo. No Brasil, isso se torna ainda mais difícil graças a um insensato sistema político, que favorece a fragmentação partidária, a compra de votos e atrai mercenários políticos que têm pouco compromisso com os partidos ou com seus programas. O limite de votos mínimos para um partido entrar na Câmara dos Deputados é baixo; hoje, 28 partidos estão representados, isso somado ao obstrucionismo do legislativo. Os congressistas representam estados inteiros, alguns tão populosos quanto os seus países vizinhos da América Latina, o que torna as campanhas ruinosamente caras – uma das razões pelas quais os políticos conseguiram grandes quantidades de dinheiro da Petrobras.

Logo, é difícil, apesar das vantagens de Nelson Barbosa, sentir-se otimista quanto às perspectivas de reformas profundas. Os eleitores veem os políticos com desdém. A oposição está empenhada em realizar o impeachment da presidente, uma batalha equivocada que pode reger a agenda política por meses. O PT não tem apetite por “austeridade”. Conseguir o apoio no Congresso, de três quintos necessários para fazer reformas constitucionais, será uma tarefa difícil.

### **A presidente imprudente**

E se Dilma Rousseff falhar em promover mudanças? A maioria dos empréstimos do Brasil é em moeda local, fazendo com que a inadimplência seja improvável. Em vez disso, o país pode acabar inflacionando suas dívidas. A conquista do Brasil tem sido a de tirar dezenas de milhões de pessoas da pobreza. A recessão vai interromper ou mesmo começar a reverter esse cenário. A esperança é que o Brasil, que conquistou a

difícil estabilidade econômica e democrática, não volte a sucumbir à crônica má gestão e turbulência.



**Brazil's political crisis****Time to go***The tarnished president should now resign*

Print edition | Leaders

Mar 26th 2016

DILMA ROUSSEFF'S difficulties have been deepening for months. The massive scandal surrounding Petrobras, the state-controlled oil giant of which she was once chairman, has implicated some of the people closest to her. She presides over an economy suffering its worst recession since the 1930s, largely because of mistakes she made during her first term. Her political weakness has rendered her government almost powerless in the face of rising unemployment and falling living standards. Her approval ratings are barely in double digits and millions of Brazilians have taken to the streets to chant "*Fora Dilma!*", or "Dilma out!"

And yet, until now, Brazil's president could fairly claim that the legitimacy conferred by her re-election in 2014 was intact, and that none of the allegations

made against her justified her impeachment. Like the judges and police who are pursuing some of the most senior figures in her Workers' Party (PT), she could declare with a straight face her desire to see justice done.

**Latest updates**

How liquor shops are getting around India's latest booze ban  
THE ECONOMIST EXPLAINS

---

A new spin on why the travel ban is unconstitutional  
DEMOCRACY IN AMERICA

---

Donald Trump's corporate tax plan doesn't add up  
GRAPHIC DETAIL

See all updates

Now she has cast away that raiment of credibility (see [article \(http://www.economist.com/news/americas/21695577-dilma-rousseffs-chances-remaining-office-are-diminishing-day-tick-tock\)](http://www.economist.com/news/americas/21695577-dilma-rousseffs-chances-remaining-office-are-diminishing-day-tick-tock)). On March 16th Ms Rousseff made the extraordinary decision to appoint her predecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, to be her chief of staff. She portrayed this as a shrewd hire. Lula, as

he is known to all, is a canny political operator: he could help the president survive Congress's attempt to impeach her and perhaps even stabilise the economy. But just days before, Lula had been briefly detained for questioning at the order of Sérgio Moro, the federal judge in charge of the Petrobras investigation (dubbed *lava jato*, or "car wash"), who suspects that the former president profited from the bribery scheme (see [Bello \(http://www.economist.com/news/americas/21695576-working-class-heros-sad-fall-grace-drama-lula\)](http://www.economist.com/news/americas/21695576-working-class-heros-sad-fall-grace-drama-lula)). Prosecutors in the state of São Paulo have accused Lula of hiding his ownership of a beach-front condominium. He denies these charges. By acquiring the rank of a government minister, Lula would have partial immunity: only the country's supreme court could try him. In the event, a judge on the court has suspended his appointment.

This newspaper has long argued that either the judicial system or voters—not self-serving politicians trying to impeach her—should decide the president's fate. But Ms Rousseff's hiring of Lula looks like a crass attempt to thwart the course of justice. Even if that was not her intention, it would be its effect. This was the moment when the president chose the narrow interests of her political tribe over the rule of law. She has thus rendered herself unfit to remain president.

### Three ways to leave the Planalto

How she exits the Planalto, the presidential palace, matters greatly. We continue to believe that, in the absence of proof of criminality, Ms Rousseff's impeachment is

unwarranted. The proceeding against her in Congress is based on unproven allegations that she used accounting trickery to hide the true size of the budget deficit in 2015. This looks like a pretext for ousting an unpopular president. The idea, put forward by the head of the impeachment committee, that congressmen deliberating Ms Rousseff's fate will listen to "the street", would set a worrying precedent. Representative democracies should not be governed by protests and opinion polls.

There are three ways of removing Ms Rousseff that rest on more legitimate foundations. The first would be to show that she obstructed the Petrobras investigation. Allegations by a PT senator that she did so may now form the basis of a second impeachment motion, but they are so far unproven and she denies them; Ms Rousseff's attempt to shield Lula from prosecution may provide further grounds. A second option would be a decision by Brazil's electoral court to call a new presidential election. It may do that, if it finds that her re-election campaign in 2014 was financed with bribes channelled through Petrobras executives. But this investigation will be drawn out. The quickest and best way for Ms Rousseff to leave the Planalto would be for her to resign before being pushed out.

Her departure would offer Brazil the chance of a fresh start. But the president's resignation would not, of itself, solve Brazil's many underlying problems. Her place would initially be taken by the vice-president, Michel Temer, leader of the Party of the Brazilian Democratic Movement. Mr Temer could head a national-unity government, including opposition parties, which, in theory, might be able to embark on the fiscal reforms needed to stabilise the economy and close a budget deficit that is close to 11% of GDP.

Sadly, Mr Temer's party is as deeply enmeshed in the Petrobras scandal as the PT. Many politicians who would join a unity government, including some from the opposition, are popularly seen as representatives of a discredited ruling class. Of Congress's 594 members, 352 face accusations of criminal wrongdoing. A new presidential election would give voters an opportunity to entrust reforms to a new leader. But even this would leave the rotten legislature in place until 2019.

The judiciary, too, has questions to answer. Judges deserve great credit for holding Brazil's mightiest businessmen and politicians to account, but they have undermined their cause by flouting legal norms. The latest example is Mr Moro's

decision to release recorded telephone conversations between Lula and his associates, including Ms Rousseff. Most jurists believe that only the supreme court may divulge conversations in which one of the parties has legal immunity, as the president does. This does not justify the claim from government supporters that the judges are staging a “coup”. But it makes it easy for *lava jato* suspects to divert attention from their own misdeeds to the blunders of their pursuers.

Brazil's war of parties and personalities obscures some of the most important lessons of the crisis. Both the Petrobras scandal and the economic crash have their origins in misconceived laws and practices that are decades old. Getting Brazil out of its mess requires wholesale change: controlling public spending, including on pensions; overhauling growth-crushing tax and labour laws; and reforming a political system that encourages corruption and weakens political parties.

These can no longer be put off. Those chanting “*Fora Dilma!*” on the streets would claim victory if she was ousted. But for Brazil itself to win it would be just the first step.

## **A crise política do Brasil**

### **Hora de ir**

#### **Agora a presidente maculada deve renunciar**

26 mar. 2016

As dificuldades de Dilma Rousseff vêm se agravando há meses. O escândalo colossal em torno da Petrobras da qual foi presidente do conselho de administração, tem envolvido alguns de seus aliados mais próximos. Dilma preside uma economia que passa por sua pior recessão desde a década de 1930, principalmente por causa dos erros cometidos em seu primeiro mandato. A fragilidade política da presidente deixou o governo praticamente impotente diante do aumento do desemprego e da queda do padrão de vida. Seu índice de aprovação está por um fio, ainda na casa dos dois dígitos, e milhões de brasileiros foram às ruas gritar “Fora, Dilma!”.

Apesar disso, até agora a presidente poderia de forma justa alegar que a legitimidade conferida por meio da sua reeleição em novembro de 2014 estava intacta e que nenhuma das acusações contra ela justificavam um processo de impeachment. Tal como os juízes e a polícia estão atrás de algumas das figuras mais importantes de seu partido, o PT, Dilma poderia declarar, sem titubear, que seu maior desejo era de que a justiça fosse feita.

Agora, porém, ela abriu mão do seu manto de credibilidade. No dia 16 de março, Dilma tomou a extraordinária decisão de nomear seu antecessor, Luiz Inácio Lula da Silva, ao cargo de ministro-chefe da Casa Civil. Isso foi apresentado por ela como uma medida inteligente. Como é do conhecimento geral, Lula é um hábil articulador político: ele poderia ajudá-la a sobreviver à tentativa do Congresso de fazer o impeachment e até mesmo, talvez, a estabilizar a economia. No entanto, apenas alguns dias antes, ele ficou detido brevemente para prestar depoimento à Polícia Federal. A medida fora ordenada pelo juiz federal Sérgio Moro, responsável pela Operação Lava Jato, em razão da suspeita de que o ex-presidente tenha se beneficiado do esquema de propinas. Promotores do Ministério Público de São Paulo acusam Lula de ocultar a posse de um apartamento à beira-mar. Ele nega essas acusações. Aceitando a posição de ministro,

Lula teria algumas imunidades especiais: só o Supremo Tribunal Federal (STF) poderia julgá-lo. Na ocasião, porém, um ministro do STF suspendeu a nomeação.

Há algum tempo, este jornal vem defendendo que ou o sistema judicial ou os eleitores brasileiros deveriam decidir o destino da presidente, e não os políticos que querem o seu impeachment por interesses próprios. Todavia, a nomeação de Lula configura uma tentativa grosseira de obstrução da Justiça. Mesmo que não tenha sido sua intenção, foi esse o efeito. Foi nesse momento que a presidente optou pelos interesses mesquinhos de sua tribo política em detrimento do estado de direito. Dessa forma, tornou-se inadequada a permanecer no cargo.

### **Três maneiras de deixar o Planalto**

A forma como sairá do Planalto é de grande importância. Continuamos acreditando que, na ausência de provas de que a presidente tenha cometido ilegalidades, seu impeachment é injustificado. O processo de impeachment em tramitação no Congresso Nacional baseia-se em alegações não comprovadas de que Dilma recorreu a pedaladas fiscais para ocultar o tamanho real do déficit orçamental brasileiro em 2015. Isso parece mais um pretexto para derrubar uma presidente impopular. A ideia, proposta pelo presidente da comissão do impeachment, de que os congressistas responsáveis pelo destino de Dilma Rousseff dariam ouvidos “às ruas”, estabeleceria um precedente perigoso. As democracias representativas não devem ser regidas por protestos ou pesquisas de opinião.

Há três maneiras, fundamentadas em bases mais legítimas, para tirar Dilma do poder. A primeira seria mostrar que ela obstruiu as investigações na Petrobras. Nesse sentido, as alegações de um senador do PT agora dão suporte a um segundo pedido de impeachment, mas até o momento são infundadas, e a presidente nega as declarações. A sua tentativa de blindar Lula de ações penais pode dar mais “pano pra manga”. Uma segunda opção seria a convocação de novas eleições presidenciais pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), caso se prove que a campanha de reeleição de Dilma foi financiada por propinas desviadas por executivos da Petrobras. Porém, essa investigação ainda deve se estender por algum tempo. A melhor e mais rápida alternativa para que Dilma saia do Planalto é que ela renuncie ao mandato antes de ser deposta.

Sua saída ofereceria ao Brasil a chance de um recomeço. Mas a renúncia da presidente, por si só, não solucionaria os muitos dos problemas inerentes do Brasil. Em um primeiro momento, seu posto seria ocupado pelo vice-presidente Michel Temer – atual líder do PMDB. Temer talvez consiga liderar um governo de união nacional, com a participação de partidos de oposição, os quais, em tese, têm condições de promover as reformas fiscais necessárias à estabilização da economia e à redução do déficit orçamentário, que atualmente está perto de 11% do PIB.

Infelizmente, o partido de Temer está tão profundamente envolvido quanto o PT no escândalo da Petrobras. Muitos dos políticos que participariam do governo de unidade nacional, incluindo alguns dos partidos de oposição, são vistos pela população como representantes de uma classe dirigente desacreditada. Dos 594 membros do Congresso, 352 são alvos de infrações criminais. Uma nova eleição presidencial daria aos eleitores a oportunidade de confiar as reformas a um novo líder político. Mas até mesmo isso deixaria o legislativo corrupto no poder até 2019.

O judiciário também têm explicações a dar. O magistrado merece muito crédito por fazer com que os empresários e os políticos mais poderosos prestem contas, mas eles se comprometeram ao ignorar alguns procedimentos legais. O exemplo mais recente disso é a decisão do juiz Sérgio Moro de divulgar as gravações telefônicas entre Lula e seus aliados, incluindo a presidente Dilma. A maioria dos juristas acredita que somente o STF poderia divulgar conversas em que uma das partes goza de imunidade, como é o caso da presidente. Isso não justifica a declaração dos apoiadores do governo de que a magistratura está encenando um “golpe”. No entanto, facilita que os envolvidos na Lava Jato desviem a atenção de seus crimes para as falhas de seus investigadores.

O conflito entre partidos e figuras importantes no Brasil obscurece algumas das lições mais importantes da crise atual. Tanto o escândalo da Petrobras quanto a crise econômica que o país atravessa têm origem em leis e práticas mal concebidas, há décadas em vigor. Tirar o Brasil do atoleiro demandará mudanças generalizadas, que vão do controle de gastos públicos, incluindo as aposentadorias, até a reformulação das leis trabalhistas e das legislações fiscais que refreiam o crescimento econômico e uma reforma do sistema político vigente que estimula a corrupção e enfraquece os partidos políticos.

Essas mudanças não podem mais ser adiadas. Os que gritam “Fora, Dilma!” nas ruas iriam contar a vitória, caso ela fosse derrubada. Mas, para que o Brasil como um todo saia ganhando, isso seria apenas o primeiro passo.



**Brazil**

# The great betrayal

*Dilma Rousseff has let her country down. But so has the entire political class*



Michael Friedel / The Economist

Print edition | Leaders

Apr 23rd 2016

BRAZIL'S Congress has witnessed some bizarre scenes in its time. In 1963 a senator aimed a gun at his arch-enemy and killed another senator by mistake. In 1998 a crucial government bill failed when a congressman pushed the wrong button on his electronic voting device. But the spectacle in the lower house on April 17th surely counts among the oddest. One by one, 511 deputies filed towards a crowded microphone and, in ten-second bursts broadcast to a rapt nation, voted on the impeachment of the president, Dilma Rousseff. Some were draped in Brazilian flags. One launched a confetti rocket. Many gushed dedications to their home towns, religions, pet causes—and even Brazil's insurance brokers. The motion to forward charges against Ms Rousseff to the Senate for trial passed by 367 votes to

137, with seven abstentions.

The vote comes at a desperate time. Brazil is struggling with its worst recession since the 1930s. GDP is expected to shrink by 9% from the second quarter of 2014, when the recession started, to the end of this year. Inflation and the unemployment rate are both around 10%.

**Latest updates**

A new spin on why the travel ban is unconstitutional  
DEMOCRACY IN AMERICA

---

Donald Trump's corporate tax plan doesn't add up  
GRAPHIC DETAIL

---

"Casting JonBenét" offers a fresh take on true crime  
PROSPERO

---

See all updates

The failure is not only of Ms Rousseff's making. The entire political class has let the country down through a mix of negligence and corruption. Brazil's leaders will not win back the respect of its citizens or overcome the economy's problems unless there is a thorough clean-up.

### Ditching Dilma

Sunday's vote was not the end of Ms Rousseff, but her departure cannot now be far off. Brazil ought not to mourn her. Incompetence in her first term in office, from 2011 to 2014, has made the country's economic plight incomparably worse. Her Workers' Party (PT) is a prime mover behind a gargantuan bribery scheme centred on Petrobras, the state-controlled oil company, which channelled money from contractors to politicians and parties. Although Ms Rousseff has not been personally implicated in the wrongdoing, she tried to shield her predecessor as president, Luiz Inácio Lula da Silva, from prosecution.

What is alarming is that those who are working for her removal are in many ways worse. If the Senate votes to put her on trial, probably by mid-May, Ms Rousseff will have to step aside for up to 180 days. The vice-president, Michel Temer, who comes from a different party, will take over and serve out her term if the Senate removes her from office (see [article \(http://www.economist.com/news/americas/21697291-economy-freefall-president-likely-be-impeached-brazils-democracy-faces-its\)](http://www.economist.com/news/americas/21697291-economy-freefall-president-likely-be-impeached-brazils-democracy-faces-its)). Mr Temer may provide short-term economic relief. Unlike the hapless Ms Rousseff, he knows how to get things done in Brasília and his Party of the Brazilian Democratic Movement (PMDB) is friendlier to business than the PT.

But the PMDB is hopelessly compromised, too. One of its leaders is the speaker of

the lower house, Eduardo Cunha, who presided over Sunday's six-hour impeachment spectacle and has himself been charged by the supreme court with taking bribes through the Petrobras scheme. In announcing their "no" votes, some of Ms Rousseff's allies denounced Mr Cunha as a "gangster" and a "thief".

The taint of corruption is spread across many Brazilian parties. Of the 21 deputies under investigation in the Petrobras affair, 16 voted for Ms Rousseff's impeachment. About 60% of congressmen face accusations of criminal wrongdoing.

There are no quick ways of putting this right. The roots of Brazil's political dysfunction go back to the slave-based economy of the 19th century, to dictatorship in the 20th and to a flawed electoral system that both makes campaigns ruinously expensive and also shields politicians from account.

In the short run, impeachment will not fix this. The charge that is the basis for trying Ms Rousseff—that she manipulated accounts last year to make the fiscal deficit look smaller than it was—is so minor that just a handful of congressmen bothered to mention it in their ten-second tirades. If Ms Rousseff is ousted on a technicality, Mr Temer will struggle to be seen as a legitimate president by the large minority of Brazilians who still back Ms Rousseff.

In any other country, such a cocktail of economic decline and political conflict might be combustible. Yet Brazil has remarkable reserves of tolerance. Divided as they are over the rights and wrongs of impeachment, Brazilians have kept their anger in check. The past three decades suggest that theirs is a country which can endure a crisis without resorting to coups or collapses. And here, perhaps, is a shred of hope.

The fact that the Petrobras scandal has ensnared some of the country's most powerful politicians and businessmen is a sign that some institutions, especially those that enforce the law, are maturing. One reason politicians are in such trouble is that a new, better-educated and more assertive middle class refused to put up with their impunity. Some of the statutes now being used to put away miscreants were enacted by Ms Rousseff's government.

One way of capturing this spirit would be for the country to hold fresh elections. A new president might have a mandate to embark on reforms that have eluded

governments for decades. Voters also deserve a chance to rid themselves of the entire corruption-infested Congress. Only new leaders and new legislators can undertake the fundamental reforms that Brazil needs, in particular an overhaul of the corruption-prone political system and of uncontrolled public spending, which pushes up debt and hobbles growth.

### **Second best**

True enough, the path to renewal through the ballot box is strewn with obstacles. Given its record, Congress is unlikely to pass the constitutional amendment required to dissolve itself and hold an early general election. The electoral tribunal could order a new presidential ballot, on the ground that Petrobras bribe money helped finance the re-election of Ms Rousseff and Mr Temer in 2014. But that is far from certain.

There is thus a good chance that Brazil will be condemned to muddle on under the current generation of discredited leaders. Its voters should not forget this moment. Because, in the end, they will have a chance to go to the polls—and they should use it to vote for something better.

## **Brasil**

### **A grande traição**

#### **Dilma Rousseff decepcionou seu país. Mas o mesmo fez toda a classe política do Brasil**

23 abr. 2016

O Congresso brasileiro já foi palco de algumas das cenas mais bizarras de sua época. Em 1963, um senador atirou contra seu arqui-inimigo e acabou matando outro senador por engano. Em 1998, uma lei governamental não foi passada porque um congressista apertou o botão errado na hora de votar. Mas o espetáculo que se viu na Câmara no dia 17 de abril certamente figura entre os mais bizarros. Um a um, 511 deputados apresentaram-se em direção a um microfone abarrotado e, em 10 segundos, gritaram, para uma nação fascinada, seus votos a favor ou contra o impeachment. Alguns vinham envoltos na bandeira do Brasil. Um deles chegou a soltar um rojão de confetes. Muitos dedicaram, com excessivo entusiasmo, o voto a suas cidades, religiões e causas prediletas – até mesmo para os corretores de seguros. A petição para o Senado dar prosseguimento às acusações contra Dilma foi aprovada por 367 votos a favor, 137 contra e 7 abstenções.

A decisão acontece em um momento particularmente difícil. O Brasil enfrenta sua pior crise econômica desde os anos 1930. Entre o segundo trimestre de 2014, quando teve início a recessão, e o fim deste ano, o PIB brasileiro deve sofrer retração de 9%. As taxas de inflação e desemprego encontram-se ambas na casa dos 10%.

Dilma não é a única responsável pela calamidade. Com um misto de negligência e corrupção, toda a classe política traiu a boa-fé dos brasileiros. A menos que se faça uma faxina geral, os líderes do país não conseguirão recuperar o respeito de seus cidadãos e não terão como superar os problemas econômicos.

### **Dispensando Dilma**

A votação de domingo não foi o fim da linha para Dilma, mas não há como imaginar que ela vá permanecer por muito mais tempo no cargo. Os brasileiros não devem chorar por ela. A incompetência no seu primeiro mandato, de 2011 a 2014, agravou e muito a

situação econômica do país. Além disso, o PT desempenha papel central no gigantesco esquema de corrupção que tomou conta da Petrobras, desviando recursos de empreiteiras para políticos e partidos. Ainda que não esteja pessoalmente envolvida nas irregularidades, a presidente tentou proteger Luiz Inácio Lula da Silva, nomeando-o para um ministério, pois como Ministro ele teria foro privilegiado.

É preocupante que aqueles que trabalham pela destituição de Dilma são, em vários aspectos, piores que ela. Se o Senado aceitar julgar a presidente – decisão que será tomada em meados de maio –, ela terá de se afastar do cargo por até 180 dias. O vice-presidente, Michel Temer, que vem de outro partido, assumirá a presidência e, caso o Senado destitua Dilma do cargo, cumprirá o restante do mandato. Temer talvez ofereça algum alívio econômico no curto prazo. Ao contrário de Dilma, o vice-presidente sabe como fazer as coisas funcionarem em Brasília. E seu partido, o PMDB, tem relação mais amistosa com o mercado do que o PT.

O envolvimento do PMDB com a corrupção também é enorme. Um de seus líderes, o presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, que comandou o espetáculo de seis horas no domingo, foi transformado em réu pelo STF em ação penal na qual é acusado de receber propinas de contratos superfaturados da Petrobras. Ao declarar o voto contra o impeachment, alguns dos aliados de Dilma na Câmara acusaram Cunha de “gângster” e “ladroão”.

A mácula da corrupção se espalha por muitos partidos políticos brasileiros. Dos 21 deputados investigados no escândalo da Petrobras, 16 votaram pelo afastamento da presidente. Cerca de 60% dos congressistas são alvo de acusações criminais.

Não há soluções rápidas para consertar o estrago. As raízes da disfunção política brasileira remontam à economia escravocrata do século 19, aos regimes ditatoriais do século 20 e a um sistema eleitoral problemático que tornam as campanhas caríssimas e isenta os políticos de prestar contas a seus eleitores.

No curto prazo, o impeachment não resolverá o problema. A acusação em que se baseia o pedido de impeachment de Dilma Rousseff – de que ela teria manipulado as contas públicas para fazer com que o déficit fiscal parecesse menor do que era – é tão desimportante que apenas alguns congressistas se deram ao trabalho de mencioná-la em suas tiradas de dez segundos. Se Dilma for destituída por conta de tal tecnicidade,

Temer terá dificuldade para se legitimar junto à grande minoria de brasileiros que ainda apoia a presidente.

Em qualquer outro país, a combinação de crise econômica e dissensão política talvez fosse inflamável. O Brasil, porém, dispõe de reservas extraordinárias de tolerância. Divididos como estão sobre os direitos e as injustiças do impeachment, os brasileiros mantiveram sua raiva sob controle. As três últimas décadas mostram que o país é capaz de passar por crises sem recorrer a golpes ou colapsos. E é justamente aí que, talvez, resida um fio de esperança.

O fato de que o escândalo da Petrobras tenha apanhado alguns dos políticos e empresários mais poderosos do país é um sinal de que certas instituições, em especial as que zelam pelo cumprimento da lei, estão amadurecendo. Uma dos motivos por os políticos estarem em apuros é o surgimento de uma nova classe média – mais escolarizada, mais incisiva – que se recusa a aceitar a impunidade. Alguns dos dispositivos que vêm sendo utilizados para colocar os delinquentes atrás das grades foram propostos pelo próprio governo Dilma.

Uma maneira de canalizar esse espírito seria realizar novas eleições. Um novo presidente talvez tivesse mais legitimidade para implementar as reformas que vêm sendo postergadas há décadas. Os eleitores também merecem a chance de se livrar de um Congresso totalmente contaminado pela corrupção. Somente novos líderes e novos legisladores serão capazes de promover as mudanças fundamentais de que o Brasil precisa, em particular a reformulação de um sistema político tão propenso à corrupção e a adoção de instrumentos capazes de acabar com o descontrole dos gastos públicos, que impulsiona o endividamento e restringe o crescimento.

### **A segunda melhor**

Uma coisa é certa: o caminho para a renovação por meio das urnas é repleto de obstáculos. Dado seu histórico, não parece provável que o Congresso aprove uma emenda constitucional dissolvendo a si mesmo e antecipando as eleições gerais. O Tribunal Superior Eleitoral pode determinar a realização de novas eleições, se ficar comprovado que propinas oriundas do escândalo da Petrobras ajudaram a financiar a reeleição de Dilma e Temer em 2014. Mas isso está longe de ser uma certeza.

Há uma boa chance, portanto, de que o Brasil esteja condenado a seguir em frente sob o comando da atual geração de líderes desacreditados. É importante que os eleitores não se esqueçam deste momento. Mais cedo ou mais tarde, eles terão a oportunidade de ir às urnas – e devem usá-la para votar em algo melhor.